



**Centro de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica**

Solange do Nascimento Silva

Educação Inovadora: limites e possibilidades a partir da experiência em Sala de Recursos da escola Telésphoro Ferreira de Araújo, Campo Formoso, Bahia.

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL –2016

Solange do Nascimento Silva

Educação Inovadora: limites e possibilidades a partir da experiência em Sala de Recursos da escola Telésphoro Ferreira de Araújo, Campo Formoso, Bahia.

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira

Professor Doutor Paulo Batista Machado

FUNCHAL –2016

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo verificar a existência da inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais da Sala de Recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – BA. A partir dessa busca de compreensão definimos como objetivos específicos analisar a prática pedagógica operacionalizada na Sala de Recursos, do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica e definir em que medida a prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora. Norteadas por esses objetivos esta pesquisa apresenta como elementos centrais refletir e discutir, as referências de Inovação Pedagógica na Sala de Recursos assentada na prática pedagógica da citada unidade escolar. Do mesmo modo, analisar e identificar a natureza da referida prática, e os elementos do processo de intervenção e articulação da aprendizagem do aluno, que permita compreender se essa prática apresenta uma natureza inovadora. Pretendeu-se assim, compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos, o desenvolvimento desta investigação tendo como metodologia a investigação qualitativa, enraizada na etnografia e na observação participante. A Sala de Recursos do colégio, *locus* da pesquisa, foi a primeira a ser implantada no Município por apresentar uma demanda grande de crianças e adolescentes com necessidades especiais, outro fator relevante foi a localização acessível e por ser uma instituição educacional de grande porte. Assim, foi exposta de forma clara e compreensível a prática pedagógica vivenciada na Sala de Recursos no qual realizaram-se a observação participante e as entrevistas. Através dessas técnicas de investigação encontramos elementos de inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes que apresentam deficiência como podemos comprovar durante toda discussão realizada nesta pesquisa.

Palavras-chave: Inovação Pedagógica, Educação Especial, Inclusiva e Sala de Recursos.

ABSTRACT

This work aims to verify the existence of pedagogical innovation in the learning process of children and adolescents with special needs the College Resource Room Telésphoro José Ferreira de Araujo of the municipality of Campo Formoso - BA. From this search for understanding we define specific objectives to analyze the pedagogic practice operationalized in the Resource Room, from the point of view of the concept of educational innovation and define to what extent the pedagogical practice analyzed is presented as having effective contributions to the construction of a pedagogy innovative. Guided by these objectives this research presents as central to reflect and discuss the Pedagogical Innovation references in the Resource Room seated in pedagogical practice the aforementioned school unit. Similarly, analyze and identify the nature of the practice, and the elements of the intervention process and articulation of student learning that allows to understand whether this practice presents an innovative nature. The aim is to understand the pedagogical practices developed in the Resource Room, the development of this research having as qualitative research methodology, rooted in ethnography and participant observation. The college's Resource Room, locus of research, was the first to be deployed in the city to present a great demand for children and adolescents with special needs, another important factor was the accessible location and for being a major educational institution. So it was exposed in a clear and comprehensible manner pedagogical practice experienced in the Resource Room in which took place the participant observation and interviews. Through these research techniques find innovative pedagogical elements in the learning process of children and adolescents with disabilities as we can prove throughout discussion held this search.

Keywords: Pedagogical Innovation, Special Education, Inclusive and Resource Room.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à vérifier l'existence de l'innovation pédagogique dans le processus d'apprentissage des enfants et adolescents ayant des besoins spéciaux du Collège Resource Chambre Telésphoro José Ferreira de Araujo de la municipalité de Campo Formoso - BA. De cette recherche de compréhension, nous définissons des objectifs spécifiques pour analyser la pratique pédagogique opérationnalisée dans la salle des ressources, du point de vue de la notion d'innovation pédagogique et de définir dans quelle mesure la pratique pédagogique analysée est présentée comme ayant une contribution efficace à la construction d'une pédagogie innovante. Guidé par ces objectifs de cette recherche présente comme le centre de réfléchir et de discuter des références de l'innovation pédagogique dans la salle de ressources assis dans la pratique pédagogique de l'unité de l'école précitée. De même, d'analyser et d'identifier la nature de la pratique, et les éléments du processus d'intervention et de l'articulation de l'apprentissage des élèves qui permet de comprendre si cette pratique présente un caractère innovant. L'objectif est de comprendre les pratiques pédagogiques développées dans le Centre de ressources, le développement de cette recherche ayant comme méthodologie de recherche qualitative, enracinée dans l'ethnographie et l'observation participante. Centre de ressources du collège, lieu de recherche, a été la première à être déployée dans la ville pour présenter une grande demande pour les enfants et les adolescents ayant des besoins spéciaux, un autre facteur important est l'emplacement accessible et pour être un établissement d'enseignement majeur. Ainsi, il a été exposé dans une pratique pédagogique manière claire et compréhensible expérimenté dans la salle de ressources dans lequel a eu lieu l'observation et des entretiens participant. Grâce à ces techniques de recherche à trouver des éléments pédagogiques novatrices dans le processus d'apprentissage des enfants et adolescents handicapés comme nous pouvons le prouver tout au long de la discussion tenue cette recherche.

Mots-clés: Innovation pédagogique, l'éducation spéciale, inclusive et salle de ressources.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo verificar la existencia de la innovación pedagógica en el proceso de aprendizaje de los niños y adolescentes con necesidades especiales el sitio de la universidad de Recursos Telésphoro José Ferreira de Araujo del municipio de Campo Formoso - BA. A partir de esta búsqueda de la comprensión definimos objetivos específicos para analizar la práctica pedagógica operacionalizado en el Salón de Recursos, desde el punto de vista del concepto de innovación educativa y definir en qué medida la práctica pedagógica analizada se presenta como teniendo contribuciones efectivas a la construcción de una pedagogía innovador. Guiados por estos objetivos esta investigación presenta como central para reflexionar y debatir sobre las referencias innovación pedagógica en el Salón de Recursos sentado en la práctica pedagógica de la unidad escolar antes mencionado. Del mismo modo, analizar e identificar la naturaleza de la práctica, y los elementos del proceso de intervención y articulación de aprendizaje de los estudiantes, que permite entender si esta práctica presenta un carácter innovador. El objetivo es entender las prácticas pedagógicas desarrolladas en el Salón de Recursos, el desarrollo de esta investigación teniendo como metodología de investigación cualitativa, basada en la etnografía y la observación participante. Sala de Recursos de la institución, lugar de investigación, fue el primero en ser desplegado en la ciudad para presentar una gran demanda de niños y adolescentes con necesidades especiales, otro factor importante fue la ubicación accesible y por ser una institución educativa importante. Por lo que se expuso en una práctica pedagógica de manera clara y comprensible con experiencia en el Salón de Recursos en la que se llevó a cabo la observación participante y entrevistas. A través de estas técnicas de investigación a encontrar elementos pedagógicos innovadores en el proceso de aprendizaje de los niños y adolescentes con discapacidad como podemos comprobar a lo largo debate celebrado esta búsqueda.

Palabras clave: Innovación Pedagógica, Educación Especial, inclusiva y Salón de Recursos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos das Salas de Recursos descrevendo as atividades realizadas na sala

Figura 2 - Alunos das Salas de Recursos descrevendo as atividades realizadas na sala

Figura 3 - Realização de atividades lógica matemática realizada no período matutino

Figura 4 - Realização de atividades figuras e letras escolhidas por alunos

Figura 5 - Alunos em produção de desenhos em tela

LISTA DE ABREVIATURAS

- AEE** - Atendimento Educacional Especializado
- APAE** - Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais
- BA**- Bahia
- CAPS** – Centro de Atenção Psicossocial
- CF** - Constituição Federal
- CNE** - Conselho Nacional de Educação
- FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- IBGE**- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LIBRAS** – Língua Brasileira de Sinais
- MEC** - Ministério da Educação
- NEC** - Núcleo de Educação e Cultura
- NEE**- Necessidades Educacionais Especiais
- ONEESP** - Observatório Nacional de Educação Especial
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PNE** - Plano Nacional de Educação
- PNEE/EI** - Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
- PPP** – Projeto Político Pedagógico
- SEESP** - Secretaria de Educação Especial [MEC]
- SEMED** - Secretaria Municipal de Educação
- SR**- Salas de Recursos
- SRM**- Sala de Recursos Multifuncionais

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e a todas as pessoas que contribuíram na concretização desta pesquisa, fica aqui meu reconhecimento e minha gratidão especial aos meus Orientadores, Professor Doutor Paulo Batista Machado e a Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira, pela orientação e apoio prestado durante o desenvolvimento desta dissertação.

Aos outros professores do mestrado em Ciências da Educação em Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira, por terem proporcionado um espaço de aprendizagem através da reflexão crítica sobre a educação atual.

Agradecer a direção, coordenação e aos professores da escola José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – Ba, principalmente, as professoras responsáveis pela Sala de Recursos, pelo diálogo, pela compreensão, pela reflexão nas práticas, que permitiram uma observação e a participação nas Sala de Recursos, para a concretização dessa pesquisa.

A todos os alunos e familiares que frequentavam a Sala de Recursos que contribuíram para realização dessa pesquisa.

À minha família que sempre me incentivou a continuar, pelo apoio prestado ao longo desta caminhada, pela paciência, horas de reconforto e ânimo que não esquecerei.

Um especial agradecimento a todos os amigos que de alguma maneira apoiaram e colaboraram na realização dessa pesquisa, meu obrigada pela ajuda imprescindível.

E a todos professores, que desde cedo motivaram o meu interesse pelas questões da educação especial, para um olhar crítico e reflexivo oportunizando experiências, de construção e reconstrução para melhoria do meu processo de aprendizagem.

Obrigada.

SUMÁRIO

EPÍGRAFE	Erro! Indicador não definido.
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
RÉSUMÉ	vi
RESUMEN	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS	ix
AGRADECIMENTOS	x
SUMÁRIO	xi
Introdução	1
1. Os objetivos de estudo.....	5
2. Pertinência do Estudo.....	5
Capítulo 1: Fundamentação Teórica	7
1.1. Inovação Pedagógica.....	7
1.2. A Deficiência	10
1.3. Educação Exclusão e Educação Inclusiva	16
1.4. A educação especial e a sala de recursos.....	20
Capítulo 2 – Quadro Metodológico	29
2.1 O paradigma da pesquisa.....	29
2.2. O Locus da pesquisa.....	32
2.3. Técnicas de Recolha de Dados	33
2.3.1 Observação Participante	33
2.3.2 As entrevistas	34
2.3.3 Recolhimento documental	35
2.4 Ética na investigação.....	36
Capítulo 3- Um olhar de dentro do locus de pesquisa	37
3.1 Observando a Estrutura Física da Unidade Escolar	38
3.1.2 Funcionamento da Sala de Recursos	41
3.1.3 Observação do desenvolvimento da prática pedagógica	41

3.1.4. Síntese da Observação Participante na Sala de Recursos	50
3.2. A conversa com a educadora que atua na Sala de Recursos	52
3.2.1 A implantação e perfil dos alunos da Sala de Recursos da escola, critérios seletivos e as razões da atuação do profissional	52
3.2.2 Os desafios e as contribuições da Sala de Recursos	53
3.2.3 Relação da família e da sociedade com a Sala de Recursos	57
3.2.4 Síntese do Discurso da Professora da Sala de Recursos	58
3.3. O conteúdo dos discursos do Coordenador e do Diretor da Escola	58
3.3.1 A implantação da Sala de Recursos na escola, critério seletivo do profissional, perfil dos alunos e contribuição à formação discente	59
3.3.2 Síntese do conteúdo dos discursos do coordenador e da Direção da Escola	64
3.4. Conversa com os alunos	65
3.4.1 A importância do vínculo afetivo com o profissional	65
3.4.2 Dificuldades no ambiente escolar, quanto à preocupação com o mercado de trabalho e o trabalho pedagógico coletivo	66
3.4.3 Síntese do conteúdo do discurso dos Alunos	68
3.5 Conversa com os Pais	69
3.5.1 Contribuições da Sala de Recursos para aprendizagem e socialização	69
3.5.2 Síntese do conteúdo do discurso dos Pais	71
3.5.3 Síntese geral de todos os conteúdos dos discursos das professoras, gestoras, alunos e pais	72
Capítulo 4 -A resposta às questões de investigação	75
4.1 A prática pedagógica operacionalizada na Sala de Recursos do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica	79
4.2 A prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora	82
4.3 Será que existe inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes que frequentam a sala de recursos do Colégio Municipal Jose Telésphoro Ferreira de Araújo?	85
Capitulo 5 - Considerações Finais	89
Referências	92
Apêndice I - Diário de Campo	Erro! Indicador não definido.
Apêndice II - Índice do Conteúdo do CD-ROM	112

Introdução

No exercício da profissão como psicóloga, vivenciamos alguns fatos que nos chamaram atenção; um elevado número de estudantes da rede regular de ensino, foi encaminhado por professores que afirmavam se tratar de crianças e jovens com “deficiência”. Entretanto, com a evolução de cada caso, percebi que, apenas um aluno, realmente apresentava transtorno de aprendizagem.

O fato mais surpreendente nos sete anos de formação foi o de uma única professora encaminhar mais de dez alunos da mesma sala com a suposição de “Transtorno de Aprendizagem”. Tal situação levou-me a questionar o que ocorria durante o processo de aprendizagem desses alunos que não permitia o desenvolvimento da aprendizagem. O mais intrigante é que, após submetê-los a uma avaliação psicológica, psicopedagógica, fonoaudiológica e neurológica, a equipe multidisciplinar constatou que nenhum desses alunos apresentava transtorno de aprendizagem e, provavelmente existia uma dificuldade relacionada aos aspectos didático/pedagógico e não dificuldades cognitivas dos alunos.

Com essa situação, compreendi que é muito fácil responsabilizar o aluno pela dificuldade de aprendizagem, ao invés de questionar e refletir sobre a prática pedagógica que esses são submetidos. Desta forma, eram encaminhados duplamente para a Sala de Recursos e atendimento psicológico sem um diagnóstico prévio realizado por uma equipe multidisciplinar. Pois tais educando em questão, não apresentavam nenhum problema cognitivo e eram encaminhados equivocadamente, o que comprova a falta de preparação desses educadores. Considerando que as Salas de Recursos recebiam uma demanda exagerada de alunos “rotulados com dificuldade” sem diagnóstico prévio, fato que me levou a questionar e desejar pesquisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas neste ambiente educativo.

Finalmente (last but not least), defendemos que o conhecimento científico pós-moderno em educação assume a subjectividade do investigador como ferramenta de pesquisa, valorizando as percepções, concepções e representações não só dele próprio, como dos sujeitos de investigação, numa análise dos significados conferidos às situações em observação, abrindo-se assim caminho para metodologias de investigação etnográfica e de investigação-acção em educação. Dizemos, por isso, que é um objecto de estudo e investigação em que a questão da implicação pessoal e subjectiva do investigador está sempre presente. (SOUSA, 2011, p. 81).

Pois, é uma incoerência rotular crianças e adolescentes, atribuindo deficiências e/ou transtornos sem o devido diagnóstico de uma equipe multidisciplinar. Rotular vai de encontro ao que preconiza a legislação vigente e apresenta uma conotação preconceituosa, sem levar em consideração o contexto sociocultural do aluno, daí a importância da comunidade escolar, onde o estudante está inserido, pois essa tem um papel essencial na construção do seu conhecimento. Notamos que a Sala de Recursos oferecia um ambiente educativo saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, promove a construção do conhecimento e a interação social dos alunos, valorizando nas brincadeiras e atividades socioeducativas as expressões artísticas, a cultura, a criatividade e a autonomia desses. Diante dessa observação, questionei será que existe inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais da sala de recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – BA.

Na busca dessa resposta, realizamos a pesquisa na Unidade Escolar, lócus da pesquisa para compreender a dinâmica dos trabalhos desenvolvidos no processo de aprendizagem de educando com deficiência, que trouxe como questão central: existe ou não Inovação nas práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos, cujo projeto destina-se às crianças e adolescentes que apresentam deficiências.

Entende-se ser necessário despertar para o exercício da cidadania, sem neutralizar o processo educacional, proporcionando aos alunos reflexão e visão crítica de modo a ter autonomia na construção do conhecimento, proporcionando Inovação Pedagógica, uma vez que o professor põe-se na postura de mediador do conhecimento construído pelo aluno, em conformidade a teoria Construcionista.

Para Vygotsky (2007), a forma como o indivíduo vê o mundo influencia profundamente, pois mostra a importância das ferramentas cognitivas como: jogos, cultura, símbolos, linguagem, família, brinquedos entre outros, com as quais os estudantes desenvolvem o processo de aprendizagem. O autor argumenta que existem categorias de habilidades necessárias à solução de problemas, nas quais os estudantes se deparam, além das já internalizadas pelo estudante, ou seja, aquelas categorias que ele já possui domínio; as que não são internalizadas pelo estudante e que não podem ser exploradas mesmo com o auxílio de adultos. Contudo, o mesmo enfoca em sua obra “a intermediação entre os dois extremos” que podem ser mediadas apenas com o auxílio ou acompanhamento de

outra pessoa mais apta, a qual ele denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

[...] zona de desenvolvimento proximal, considerado como espaço de interação entre aprendiz e tutor ou par mais apto, [...]. Desse postulado decorre a ideia de que, na mente de cada aprendiz, podem ser exploradas “janelas de aprendizagem” durante as quais o professor pode actuar como guia do processo de cognição, até o aluno ser capaz de assumir o controle metacognitivo. (FINO, 2001).

Assim, uma mediação coerente na sala de aula fará com que o aluno obtenha êxito na construção do conhecimento com seu par mais apto e não mero receptor, pois o que se percebe é que os alunos considerados especiais apresentavam desejo de aprender, foi o que constatamos quando os alunos que atendemos trouxeram em seu discurso, relatos de rejeição na sala do ensino regular pelo fato do professor colocá-los para desempenhar atividades alternativas alheatórias, com atendimentos diferenciados dos demais alunos. Diante dos fatos, indagamos nessa pesquisa: quais habilidades desses alunos não foram percebidas e potencializadas?

No âmbito da problemática da pesquisa questionamos com a direção da escola a respeito do cumprimento da Legislação da Educação Inclusiva, e a mesma afirmou que os professores não estavam preparados para o desafio de enfrentar alunos com deficiência em uma sala de aula com as demais crianças, por esse motivo eram encaminhadas para acompanhamento na Sala de Recursos, pois não sabiam o que fazer com esses educandos que não tiveram oportunidades, e, no entanto, apresentam desejo de aprender, um dos direitos básicos para o exercício da cidadania.

Diante das dificuldades apresentadas pela rede regular de ensino em promover uma Educação Inclusiva para todos “com deficiência”, ou não, nos perguntamos: Será que existe possibilidade de Inovação Pedagógica no processo de aprendizagem no contexto educacional da Sala de Recursos? Como ocorre a operacionalização nesta sala no ponto de vista do conceito de inovação pedagógica? Em que medida essa prática pedagógica analisada contribui efetivamente para a construção de uma pedagogia inovadora?

Nesse contexto, esta pesquisa apresenta como elementos centrais refletir e discutir, as referências de Inovação Pedagógica, no processo de inclusão, numa sala de Recursos assentada na prática pedagógica da escola pública municipal José Telésphoro

Ferreira de Araújo, localizada no município de Campo Formoso no Estado da Bahia do nordeste brasileiro. Do mesmo modo, analisar e identificar a natureza da referida prática, e os elementos do processo de intervenção e articulação da aprendizagem do aluno, que permita compreender se essa prática apresenta uma natureza inovadora.

Em suma, nossa pesquisa está centrada no processo de aprendizagem estudado que nos autorize a dizer que os métodos de aprendizagem, as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas entre professores e alunos contém indícios de inovação pedagógica. De acordo com a opinião de Fino (2011) “a inovação pedagógica implica descontinuidade com as práticas pedagógicas tradicionais e consiste na actualização, a nível micro, de uma visão crítica sobre a organização e o funcionamento dos sistemas educativos”. (FINO, 2011, p.45)

A relevância desta pesquisa está em analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos com intuito de perceber se há inovação pedagógica, através de uma reflexão crítica na busca de compreensão a partir de uma etnopesquisa. “No fundo, é esta clarificação que se deseja, ao invés de enfiarmos a cabeça na areia, como se não já não soprassem ventos de mudança”. (SOUSA, 2011, p. 83). Do ponto de vista científico esta pesquisa oferece um suporte de saberes e experiências que levem a escola a superar o caráter fragmentário e incerto que tem dado ao trato com os alunos que se mostram portadores de atitudes e/ou comportamentos diferenciados em relação ao que se considera como paradigma. Com isso, também se espera contribuir para o cumprimento do que preconiza a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN), pois o desrespeito a essa Lei leva à exclusão e à violação dos Direitos Constitucionais desses educandos.

Nos próximos capítulos, procuraremos aprofundar os conceitos centrais a este nosso estudo, que fundamentam o nosso problema de estudo e permitem os necessários aprofundamentos e interrelações. Os conceitos de Inovação Pedagógica, Deficiência e a Sala de Recursos.

No primeiro capítulo realizou-se uma explanação no quadro teórico, um aprofundamento nos conceitos centrais a este nosso estudo, que fundamentam o nosso problema de estudo e permitem os necessários aprofundamentos e interrelações. Os conceitos Inovação Pedagógica, deficiências, a Sala Recursos na escola brasileira, à luz

da legislação, no qual usa como base para explicar a criação e a implantação da Sala de Recursos no Brasil e o seu papel na educação especial.

No segundo capítulo exporemos o paradigma de pesquisa que norteara o presente estudo, assim como os sujeitos que serão pesquisados, o *locus* da pesquisa e as técnicas que serão utilizadas.

No terceiro capítulo os dados recolhidos em nossos estudos, quer pela observação participante, quer através de entrevistas abertas. Daremos a palavra aos alunos, às professoras e aos técnicos e técnicas que atuam em nível de coordenação e de gestão na escola escolhida como espaço de pesquisa.

No quarto capítulo ocorreu uma reflexão e uma discussão sobre os dados colhidos na pesquisa através das técnicas utilizadas pelo pesquisador juntamente com conceitos teóricos centrais a este nosso estudo como Sala de Recursos, deficiências e a Inovação Pedagógica. Essa discussão ocorrerá a luz dos objetivos que nortearam a pesquisa desde o início.

1. Os objetivos de estudo

Propomos então como objetivo geral de nossa pesquisa compreender a existência de inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais da Sala de Recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – BA.

A partir dessa busca de compreensão definimos como objetivos específicos os seguintes:

1. Analisar a prática pedagógica operacionalizada em uma sala de recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo, do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica;
2. Definir em que medida a prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora

2. Pertinência do Estudo

A relevância dessa pesquisa está em proporcionar a reflexão e o questionamento acerca da Sala de Recursos enquanto proposta inovadora ou não, para além de contribuir

para a ressignificação da Sala de Recursos, também se espera contribuir com o cumprimento do que preconiza a LDB, pois o desrespeito a essa Lei leva à exclusão e à violação dos direitos Constitucionais desses educandos.

Existem poucas pesquisas que envolvam o novo olhar após a implantação das novas diretrizes de 2007, sobre os trabalhos realizados na Sala de Recursos. Sendo assim, é de extrema importância a pesquisa dessa nova visão de Sala de Recursos, principalmente com relação ao funcionamento e à organização pedagógica que apresenta a necessidade de um profissional polivalente, especializado na área de Educação Especial de forma ampla e contínua, a fim de oferecer um melhor apoio pedagógico.

Portanto, esse estudo poderá contribuir para um melhor desempenho na Sala de Recursos Multifuncionais com as crianças e adolescentes com deficiência através de uma rediscussão sobre o papel e o lugar da Sala de Recursos Multifuncionais em Educação Inovadora, que respeite as diversidades, os contextos socioculturais dos alunos e de suas famílias. Além disso, proporcionar uma reflexão sobre o papel do professor e as práticas que são desenvolvidas, com o objetivo de complementar, auxiliar e adaptar o aluno com deficiência à sala de ensino regular. Assim contribuir também, para a interação com a comunidade escolar com um novo olhar, a fim de melhorar o desempenho pessoal e profissional do aluno.

Se considerarmos as críticas levantadas ao longo da história sobre o caráter clínico que ocorria nos atendimentos aos alunos com necessidades especiais, essa pesquisa pode contribuir para ampliação de novos estudos que abordem Inovação Pedagógica na Educação Especial, numa perspectiva crítica pedagógica, articulada nos moldes de organização do trabalho pedagógico.

Capítulo 1: Fundamentação Teórica

A inclusão está fundada na dimensão humana e sociocultural que procura enfatizar formas de interação positivas, possibilidades, apoio às dificuldades e acolhimento das necessidades dessas pessoas, tendo como ponto de partida a escuta dos alunos, pais e comunidade escolar. (BRUNO, 2006, p. 11)

A pesquisa a ser realizada trará pressupostos teóricos e estudos recentes para responder aos vários questionamentos desse estudo como já mencionado. Assim como o mundo apresenta constante transformação é de suma importância que a educação acompanhe essas modificações. Nesse capítulo será realizada uma revisão da literatura, na qual serão abordados os conceitos de educação especial e a inclusiva, deficiência, e o conceito de inovação pedagógica. Conceitos esses necessários para uma melhor compreensão do tema em estudo.

1.1. Inovação Pedagógica

O caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada (FINO, 2007, p. 277).

A inovação pedagógica consiste em uma quebra de paradigma na cultura escolar tradicional, dessa forma, para que esta ocorra, é indispensável uma mudança nas práticas dos educadores, que permitam “uma reflexão, de forma crítica e autocrítica”, sendo necessário que o professor compreenda que cada aluno é único em suas complexidades. Assim, Fino (1999), afirma que “os alunos têm ritmos individualizados de aprendizagem, e os conhecimentos não são adquiridos por transmissão, mas algo que se constrói em interação com o mundo e com os outros”. A inovação pedagógica não é apenas utilizar tecnologias modernas na sala de aula, está muito, além disso, é uma mudança do paradigma tradicional para um novo paradigma que permite uma visão emancipadora do sujeito no processo educacional. Neste sentido, Fino (2007) afirma que a:

[...] inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para emergências de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. [...] No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos

premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada. (FINO, 2007).

Nesse contexto, Papert, (1985) acredita que o aprendiz deve compreender a sua própria “produção” para que consiga “identificar e corrigir” seus próprios erros, uma vez que permite que ocorra uma aprendizagem significativa, desse modo, o melhor aprendizado é aquele que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento. Na atualidade, é imprescindível a necessidade do educador modificar suas práticas que tem como base um sistema educacional tradicional, pois já não serve para a nova escola. Assim, como afirma Toffler (1973) o sistema educacional apresenta elementos anteriores a revolução industrial, que tem prevalecido até o momento. É um sistema educacional baseado em um sistema fabril, no qual os professores são considerados operários e os estudantes um produto que precisa ser programado para funcionar de acordo com a indústria, o que já não é mais adequado ao contexto social vigente.

Urge a necessidade de uma inovação pedagógica na educação que possibilite espaços educacionais para que os aprendizes possam protagonizar a construção do conhecimento de forma autônoma. Neste sentido, Fino (2008, p. 277), afirma que “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito face às práticas pedagógicas tradicionais”. Reforça ainda, que a inovação pedagógica não significa introduzir a tecnologia na educação, apesar da mesma permitir que ocorra a inovação, no entanto, ela pode ser usada de forma inovadora na medida que permite fazer diversas coisas de diferentes maneiras, em que tanto o educador quanto o aprendiz possa entrar em “territórios inesperados” e surpreendentes, totalmente diferente do currículo e da escola.

Para Toffler (1973) as mudanças estão ocorrendo de forma acelerada o que afeta à vida das pessoas de forma significativa, forçando-as desempenharem novos papéis e se adaptarem as novas situações que antes não se imaginavam. E quando o indivíduo não está preparado para assimilar essas mudanças podem provocar várias doenças psíquicas como pode-se constatar atualmente. Diante disso, a escola precisa preparar as crianças e os adolescentes para enfrentar situações diversas e imprevistas, além de compreender a necessidade de se ajustar ao contexto social contemporânea. Acerca da compreensão

sobre inovação pedagógica, Fino (2008) afirma que inovação pedagógica são mudanças nas práticas pedagógicas,

[...] essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam as mudanças, mas a inovação, ainda que possa depender de todos ou de alguns desses factores (por exemplo, da tecnologia), não é neles que reside. Encontra-se, ao invés, na maneira como esses factores são utilizados para se fazer como, até aí, não se fazia. Eu costumo dizer que só há inovação pedagógica quando existe ruptura com o velho paradigma (fabril), no sentido que Khun (1962) atribui à expressão ruptura paradigmática, e se cria localmente, isto é, no espaço concreto (ou virtual) onde se movem professores e alunos, um contexto de aprendizagem que contrarie os pressupostos essenciais do paradigma fabril. E onde se desenvolvam, como é evidente, novas culturas escolares, se falamos de instituições escolares, diferentes da matriz escolar comum que, de alguma maneira, unifica todas as escolas ancoradas no mesmo paradigma (FINO, 2008).

É importante salientar que o computador foi introduzido na educação da mesma forma que a “máquina de ensinar” de Skinner, no entanto, Seymour Papert idealizou que o computador poderia ser muito mais que isso, seria uma ferramenta educacional, juntamente com o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) que criou a linguagem “Logo” na qual iniciou o uso do computador como ferramenta de aprendizagem. O Construcionismo de Papert, que esta baseado no Construtivismo de Jean Piaget.

O Construtivismo de Jean Piaget procura entender como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças, através de várias etapas do desenvolvimento humano, ainda na opinião Piaget (1972) o conhecimento é construído de dentro para fora, sendo que o desenvolvimento cognitivo da criança é um processo social, partindo do ponto central para essa argumentação os elementos cognitivos básicos que encontram-se internalizados no sujeitos e são apenas reestruturados pela influência mútua desses, com a sociedade. Partindo dessa ideia, Papert fez uma junção dos conhecimentos práticos tecnológicos da informática e da psicogênese de Piaget que buscou tornar o computador uma ferramenta que contribuísse com a aprendizagem significativa que estaria sobre a direção do aprendiz. Nesse sentido:

O construtivismo preocupa-se com o processo mediante o qual os alunos constroem conhecimento. A forma como os alunos constroem o conhecimento depende do que eles já sabem o que, por sua vez, depende do tipo de experiências que tiveram da forma como organizam essas experiências em estruturas de conhecimento e das convicções que usam para interpretar objetos e acontecimentos que encontram no mundo. As

ferramentas cognitivas são ferramentas para ajudar os alunos a organizarem e a representarem o que sabem. (JONASSEN, 2000, p.24)

Piaget (1972) afirma que o conhecimento é construído progressivamente através das ações e coordenações, que são internalizadas pelo aluno, dessa forma, existe uma convergência com a proposta construcionista de Papert. Nesse sentido, o professor deve se posicionar enquanto mediador entre a tecnologia e o aluno proporcionando-lhe condições para que a aprendizagem significativa, crítica e independente aconteça. Conforme o pensamento de Piaget (1972):

[...] o professor enquanto organizador permanece indispensável no sentido de criar as situações e de arquitetar os projetos iniciais que introduzam os problemas significativos à criança. Em segundo lugar, ele é necessário para proporcionar contra-exemplos que forcem a reflexão e a reconsideração das soluções rápidas. O que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa”. (PIAGET, 1972, p.16).

Papert (2008) compartilha da opinião de Piaget quando afirma que a criança é um “ser pensante” que mesmo sem ser instruída é capaz de construir suas próprias estruturas cognitivas, ou melhor, é um sujeito ativo na construção de seu conhecimento, e não apenas um mero executor de tarefas, por isso tem a capacidade de compreender o que faz. Nesse sentido, o Construcionismo tem como base teórica as ações práticas que apoia na autonomia do aprendiz em seu processo de aprendizagem, aproveitando o computador como ferramenta cognitiva. No contexto de inovação pedagógica, a aprendizagem deve ser prazerosa, é necessário que o professor facilite e proporcione um ambiente, que na opinião Papert (2008) deve ser permitido que o aluno de forma individual e/ou grupal, desenvolva projetos ligados à realidade que o cercam de forma multidisciplinar.

1.2. A Deficiência

No que preconiza o conceito de deficiência segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é uma perda ou anomalia nas funções psicológicas, físicas e ou anatômicas, que pode ocorrer de forma temporal ou permanente, conforme o grau que o indivíduo apresenta pode prejudicar sua interação social, podendo causar dificuldade de aprendizagem, locomoção e outros. Essa deficiência muitas vezes é acompanhada pelo

termo incapacidade que é definida como uma "(...) restrição, resultante de uma deficiência, da habilidade para desempenhar uma atividade considerada normal para o ser humano"; assim como provocar "(...) prejuízo para o indivíduo, resultante de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de papéis de acordo com a idade, sexo, fatores sociais e culturais" (AMIRALIAN ET AL., 2000, p. 98). Podendo ser acompanhado de limitações adaptativas em pelo menos duas áreas de habilidades como a comunicação, o autocuidado, a vida no lar, a adaptação social, a saúde e a segurança.

Essa classificação inclui várias deficiências como sensoriais, físicas, motoras e mentais, são enumeradas para cada uma quais as inabilidades e as desvantagens que provocam no sujeito. Fica evidente a concepção de que as deficiências são produtos de patologias que afetam o organismo do indivíduo de tal modo que ele não possui suas funções e/ou estruturas condizentes com o esperado.

O indivíduo que apresenta uma deficiência pode encontrar dificuldade em executar tarefas mentais das mais simples às mais complexas, físicas, depende de como suas funções cognitivas foram comprometidas. Existem vários tipos de deficiências e em sua maioria apresenta uma relação direta com algum tipo de disfunção biológica ou fisiológica. A maioria pode apresentar dificuldade na memória, na resolução de problemas, na atenção, na compreensão verbal, de leitura e linguística, na compreensão matemática e visual.

As deficiências podem ser o resultado de uma alteração na função cerebral, podem ocorrer por fatores genéticos, distúrbios na gestação, problemas no parto ou na vida após o nascimento. Para os pesquisadores da área os maiores desafios, são os casos estudados que apresentam alterações sem causa conhecida ou identificada. Em muitos casos não se estabelece claramente a origem de tal deficiência.

O termo deficiência ou incapacidade sempre levantou muitas críticas, uma delas é que essas dificuldades não apenas consequências de saúde ou doença, mais muitas vezes são motivadas pelo contexto do meio físico e social a qual o indivíduo faz parte, pelas diversas concepções culturais e atitudes em relação à deficiência. Diante desse contexto em 2001 a OMS apresentou uma nova *Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde* (CIF/2003), que substituiu o modelo anterior. Essa nova classificação retira o termo *Deficiência*, usando os conceitos de Funcionalidade e

Incapacidade, ressaltando a condição de saúde do indivíduo e das particularidades de cada caso. “Por exemplo, duas pessoas com a mesma doença podem ter diferentes níveis de funcionalidade, e duas pessoas com o mesmo nível de funcionalidade não têm necessariamente a mesma condição de saúde.” (FARIAS; BUCHALLA, 2005, p. 189).

No decorrer da história a deficiência sempre foi acompanhada de abandono e exclusão social, as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência eram abandonadas ao relento até a morte. A religião via a deficiência como uma punição ou castigo de Deus, assim não era permitido que esses tivessem acesso aos serviços religiosos. Nas leis de Esparta as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência eram jogadas no abismo ou no mar, e na antiga Roma as crianças eram deixadas nas margens de rios ou locais considerados sagrados, onde poderiam ser acolhidas por escravos ou pessoas empobrecidas. Algumas vezes as pessoas que apresentava algum tipo de deficiência utilizada de forma comercial para a prostituição ou divertimento de pessoas ricas.

[...] cegos, surdos, deficientes mentais, deficientes físicos e outros tipos de pessoas nascidos com má formação eram também, de quando em quando, ligados a casa comerciais tavernas e bordéis; bem como a atividade dos circos romanos, para serviços simples e às vezes humilhantes. (SILVA, 1987, p. 130).

Com o surgimento do Cristianismo ocorreu uma mudança na forma que os deficientes eram vistos e tratados socialmente. Essa mudança ocorreu devido a doutrina Cristã, voltada ao amor ao próximo e caridade. Esses princípios em meados do século IV foram a base para criação dos hospitais, que atendiam os pobres e marginalizados, entres eles os deficientes.

Contudo conforme Fonseca (2008), os hindus, estimulavam as pessoas com deficiência visual a exercerem funções religiosas, justamente por ter uma sensibilidade mais aguçada. Assim, pela influência de Aristóteles, os atenienses protegiam e sustentavam seus deficientes que sobreviviam as guerras, “heróis de Guerra”, era um sistema similar à previdência social atual, devido a essa influencia o Império Romano fez o mesmo.

Era atribuído aos deficientes um caráter místico, ora eram visto com seres divinos, ora com seres malignos. Nesse momento devido grande aglomeração urbana, o que provocou condições insalubres, as cidades enfrentavam ameaças de epidemia e/ou doenças serias, que geravam incapacidade física, mentais e de malformação congênitas.

Em suma, de acordo com registros históricos, com o Cristianismo houve mudanças significativas na forma que os deficientes e população humilde eram vistos socialmente, e os hospitais e centros de atendimento continuaram a crescer, tendo a igreja como impulsionadora, através do trabalho dos padres, bispos e das freiras nos mosteiros.

No final do século XV quando ocorreu a revolução burguesa, com a ascensão do capitalismo mercantil o deficiente era considerado como improdutivo, assim a longos séculos XVI e XVII foram construídos e diversos países da Europa abrigos e asilos, nos quais as pessoas com algum tipo de deficiência eram deixadas com objetivo de terem atendimento específico. Ainda durante esses séculos aconteceu uma paulatina e inquestionável mudança no cenário sociocultural, tendo principais marcas a valorização do humano, o avanço da ciência e a libertação das credices peculiares da Idade Média. O que “alteraria a vida do homem menos privilegiado também, ou seja, a imensa legião de pobres, dos enfermos, enfim, dos marginalizados. E dentre eles, sempre e sem sombra de dúvidas, os portadores de problemas físicos, sensoriais ou mentais” (Silva, 1987, p. 226).

Conforme Fonseca (2008) que a partir de 1789, foram criados vários instrumentos como a cadeira de rodas, bengalas, bastões, muletas, coletes, próteses, macas, veículos adaptados, camas móveis etc. Além disso, em 1829, foi criado por Louis Braille, o Código Braille e provocando a integração dos deficientes visuais a linguagem escrita. Todos esses instrumentos tinham o objetivo de possibilitar a locomoção e o trabalho aos portadores de deficiência.

No século XX, a revolução industrial devido condições precárias de trabalho, incidiu em inúmeros acidentes mutiladores e as doenças profissionais, o que fez necessário a criação do Direito do Trabalho e um sistema de Seguridade Social, com o objetivo assistencial, previdenciário e de atendimento à saúde, assim como a reabilitação dos acidentados. Conforme Mazzotta (1995, p.17) “foi principalmente na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes, refletindo mudanças na atitude dos grupos sociais, se concretizaram em medidas educacionais”.

Neste contexto durante o período entre Guerras é característica comum nos países europeus e nos EUA, o desenvolvimento de programas, centros de treinamento e assistência para veteranos de guerra. Com o elevado número que apresentavam deficiências físicas e mentais, o tema ganhou evidência política nacional e

internacionalmente, na esfera da Organização das Nações Unidas (ONU). Dessa forma, as pessoas com deficiência seriam objeto do debate público e ações políticas, assim como questões de relevância social. “processo de ajuda ao deficiente, no sentido de garantir a ele as condições de existência o mais próxima do normal possível, tornando-lhe disponível os padrões e as condições de vida cotidiana o mais próximo das normas e dos padrões da sociedade.” Moussatché (1997).

No Brasil durante o período colônia as pessoas com deficiência eram confinadas pela família em instituições de internação e em caso de desordem publica recolhidas às Santas Casas ou às prisões, com a chegada da corte portuguesa ao país e o início do período Imperial, através do decreto de nº 82 de 18 de julho de 1841, determinou a fundação do primeiro hospício chamado com Dom Pedro II, vinculado á Santa Casa de Misericórdia, situado no Rio de Janeiro. Em 1854 também no Rio de Janeiro foi fundado o Instituto dos Meninos Cegos e 1856 o Imperial Instituto dos Surdos- Mudos. Com o começo da República O hospício Dom Pedro II, foi retirado da Santa Casa de Misericórdia e passou a ser chamado de Hospício Nacional de Alienados.

Conforme Jannuzzi (2004) em 1904 foi criado a primeira escola especial para crianças com deficiência, chamada de Pavilhão Bourneville em homenagem ao Francês Drº Desiré Magloire Bourneville, que em seus trabalhos influenciou o ensino das crianças cegas, surdas e com deficiências mentais, essa escola surgiu com a reforma do Hospital Nacional dos Alienados no Rio de Janeiro, apesar de existir indícios de que os cuidados com os deficientes deveriam ir além do campo medico, as crianças com deficiência continuavam a ser institucionalizadas e segregadas da sociedade.

Com a ausência de ações concretas por parte do Estado, em 1932 a sociedade civil criou a Sociedades Pestalozzi e em 1954 as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Na década de 50, o surgimento de grande demanda de poliomielite levou à criação dos centros de reabilitação física.

Na opinião de Lanna Júnior (2010) o perfil dos usuários a partir da década de 60 mudou de forma significativa, com a consolidação da urbanização e da industrialização da sociedade e o êxito das campanhas de vacinação que diminuiu as sequelas por poliomielite, no entanto aumentaram os casos de deficiências associados a causas violentas, principalmente acidentes automobilísticos, de mergulho e ocasionados por arma de fogo.

O surgimento da reabilitação física suscitou o modelo médico da deficiência, concepção segundo a qual o problema era atribuído apenas ao indivíduo. Nesse sentido, as dificuldades que tinham origem na deficiência poderiam ser superadas pela intervenção dos especialistas (médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, assistentes sociais e outros). No modelo médico, o saber está nos profissionais, que são os principais protagonistas do tratamento, cabendo aos pacientes cooperarem com as prescrições que lhes são estabelecidas. (LANNA JÚNIOR, 2010, p.26)

Apesar desse modelo de atendimento aos deficientes ser considerado um avanço, era baseado num modelo médico, que na opinião Lanna Júnior (2010) esse modelo ignora o papel das estruturas sociais na exclusão de pessoas com deficiências, assim como as articulações entre a deficiência e os fatores políticos e econômicos. Ocorreram durante várias décadas discussões sobre a deficiência e a inclusão desses na sociedade, na educação e no mercado de trabalho. A pressão provocada por grupos e familiares em prol do deficiente, possibilitaram conquistas efetivas na Constituição Federal de 1988 e Constituição Estadual dos direitos nas áreas de reabilitação, seguridade social, trabalho, transporte são mais identificadas do que na educação regular.

Ainda conforme o levantamento de Kassir (2011) na educação surgiu “as classes especiais públicas vão surgir pautadas na necessidade científica da separação dos alunos normais e anormais, na pretensão da organização de salas de aula homogêneas” (2011, p.23). A integração das pessoas sempre foi muito difícil por vários fatores, principalmente o papel da sociedade, que precisa se reorganizar para garantir acessos a todos a uma educação de qualidade.

Conforme Ciasca (2003), no Brasil se tem um número elevado de crianças e adolescentes com dificuldades escolares: entre 30% a 40% que estão nas primeiras séries escolares, tem algum tipo de dificuldade. No Brasil a dificuldade de aprendizagem aparece mais tarde do que em outras nações, pois o transtorno de aprendizagem manifesta-se após a entrada da criança na escola, o que dificulta algum tipo de prevenção antes do processo de alfabetização regular.

Este novo olhar contraria as tendências de “rotular e estigmatizar” os indivíduos, indo de encontro com modelo estabelecido pelo Código Internacional de Doenças (CID), que classificava-se através do grau da deficiência, neste sentido, Lucksson (2002) busca caracterizar os indivíduos com deficiência pelo tipo de apoio que precisam para superar as suas dificuldades.

De acordo com Lucksson (2002), a deficiência é entendida como a existência de limitações de competências adaptativas que ocorrem antes dos 18 anos e que são expressas através das habilidades cognitivas, educacionais e sociais e para obter esse diagnóstico a possibilidade de uma relação sistemática e constante com o comportamento adaptativo ao meio, assim, “[...] esperam de seus educadores maior compreensão de suas possibilidades e uma crença relativa nos diagnósticos dos médicos”. Esperam poder participar do mundo cultural das pessoas consideradas normais (PADILHA, 2001 p.43).

1.3. Educação Exclusão e Educação Inclusiva

A educação inclusiva sempre estimulou as discussões entre os autores envolvidos nesse processo tanto diretamente como indiretamente no sistema educacional brasileiro. A escola para ser inclusiva precisa promover que qualquer indivíduo consiga se integrar, principalmente o indivíduo com qualquer tipo de deficiência. Conforme Mantoan (2004, p.90) destaca que:

[...] a inclusão é uma consequência da transformação do ensino regular, do aprimoramento de suas práticas. Todo atendimento segregado, seja ele provisório ou definitivo, deriva de um paradigma educacional em que se fundamenta a Educação Especial, ou seja, de um sistema organizacional que admite a exclusão, parcial ou total do aluno deficiente e o trânsito deste do ensino regular para o especial e vice-versa.

O Plano Nacional de Educação (PNE), na Lei 10.172/2001, destaca que para produzir um avanço na educação é necessário construir uma “escola inclusiva” que promova um acolhimento as diferentes deficiências que existe nos alunos com necessidades especiais. Os movimento que defendem a educação inclusiva apontam que para que ocorra realmente uma inclusão. Desse modo, se faz necessário uma ruptura com o sistema educacional vigente, pois o foco está nas limitações dos alunos, não demonstram como esses se desenvolveram as suas aprendizagens. Na opinião de Bueno (2008, p.45):

[...] ao se colocar a Educação Inclusiva como um novo paradigma, esconde-se que, desde há décadas, a inserção escolar de determinados tipos de alunos com deficiência já vinha ocorrendo, de forma gradativa e pouco estruturada, em especial para crianças oriundas dos estratos sociais superiores, sob a batuta de profissionais da saúde (médicos,

psicólogos, fonoaudiólogos, etc) e incorporados pela rede privada de ensino regular. Mas, mesmo alunos das redes públicas e assistenciais de Educação Especial, os processos de inserção de alunos deficientes no ensino regular começaram muito antes das reformas educacionais da década de 90, em cujo bojo surge a bandeira da inclusão escolar.

Considerando que a educação inclusiva deve abranger a todos independentemente de ter ou não uma deficiência. É necessário pensá-la de forma mais ampla. Nessa visão Omote (2003, p.154), entende que “um princípio ideológico em defesa da igualdade de direitos e do acesso às oportunidades para todos os cidadãos, “independentemente das posses, da opinião religiosa política ou ideológica, dos atributos anatomofisiológicos ou somatopsicológicos, dos comportamentos”, Assim, independente das “condições psicossociais, socioeconômicas” todos têm direitos constituídos.

Neste contexto, é importante ressaltar que todos os alunos têm o direito de aprender, inclusive os que apresentam necessidades educacionais especiais, buscando respeitar a diversidade e a diferença de cada um. Têm direito de serem assistidos nas escolas que pertencem. E deverá ser assegurado o direito a integração com seus pares e participação na comunidade a que pertence.

[...] direito à própria identidade significa assegurar a individualidade de cada sujeito na sociedade, respeitando a cada pessoa pelo que é, e reconhecendo sua liberdade e autonomia. A escola não somente é um espaço fundamental para a transmissão da cultura e a socialização, como também para a construção da identidade pessoal. (BRASIL, 2005, p. 10)

É importante enfatizar que o direito à educação não significa ter apenas acesso a ela, mas, que está precisa ser de qualidade e garantir que todos os alunos aprendam e se desenvolvam, enquanto pessoas e cidadãos, considerando suas subjetividades. “[...] os movimentos sociais, as leis, os programas, as comissões e os conselhos fazem parte de um processo de construção exercícios da cidadania na garantia dos direitos humanos. [...] para assegurar a integração da pessoa com deficiência na sociedade” (AKASHI; DAKUZAKU; 2001, p. 48).

A educação inclusiva tem como objetivo promover um atendimento pedagógico especializado para crianças e adolescentes com necessidades especiais. Assim, as Diretrizes de Educação Especial no ensino Básico (2001), entende que os sistemas escolares se organizem para o atendimento na classe comum, mediante a elaboração de

projetos pedagógicos orientados pela política da inclusão. No projeto político pedagógico deve estar claro o compromisso da escola com o êxito no processo de ensino e aprendizagem, com o provimento de recursos pedagógicos especiais necessários, apoio aos programas educativos e capacitação de recursos humanos para atender às demandas desses alunos (BRASIL, 2001a).

Ocorreram mudanças políticas que visam a inclusão de crianças e adolescentes no sistema de ensino, no entanto não ocorreu uma mudança significativa no sistema educacional que permitisse que esses estudante integrassem de forma efetiva a esse sistema seria necessário mudar uma cultura inteira que sempre teve um olhar contaminado, na qual acreditam que pessoas portadoras de deficiências são inúteis e incapazes. Para que se tenha uma mudança significativa seria necessário que os profissionais da educação refletissem de forma crítica suas práticas e abandonassem a corrente tradicionalista e passasse a buscar mecanismos que garantissem uma maior participação dos mesmos na construção de um outro conceito de educação ao invés de simplesmente aceitar a recebê-los prontos. Dessa forma, ou seja, seria necessário uma pedagogia que buscasse se reinventar, tornar assim, uma ferramenta que promova a inclusão, a solidariedade e possibilite a abertura para a emancipação do sujeito na sociedade.

Segundo Bruno (2006), depois da Declaração de Salamanca em 1994, considerada um dos documentos mais importantes que visam a inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança e a Declaração Mundial sobre Educação para todos, consolidaram a educação inclusiva, o que em seu artigo 3º estimula os governos a efetivarem ações de melhorias na rede de ensino e requerer que estes países que assinaram a Declaração cumpram alguns princípios fundamentais como: o princípio de igualdade de oportunidades; adoção de medidas paralelas e complementares às educacionais, nos outros campos de ação social (saúde, bem estar social, trabalho etc); a inclusão das crianças com deficiências nos planos Nacionais de Educação para Todos; especial atenção às necessidades de crianças com deficiências graves ou múltiplas deficiências e consideração da importância da linguagem.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, no seu artigo 58º refere-se a educação especial como modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para os educando portadores de necessidades especiais. Logo,

a essência da inclusão está em inserir de fato o aluno no processo educacional, considerando as especificidades do mesmo. Conforme Mazzote (1995) a compreensão da educação especial e do educando com necessidades especiais refletidas nas posições governamentais federais eram pautadas em uma visão estática que dificultava a percepção dessas necessidades, pelas quais a educação deve ser responsável. Diversas situações identificadas como educação especial nada tinha de especial e outras sequer poderiam ser considerados educacionais.

O termo necessidades educacionais especiais refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. As escolas têm de encontrar maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive as que têm deficiências graves (BRASIL, 1994, pp. 17-18).

Na opinião de Mazzote (1995) até 1990 as políticas de educação especial refletiam o sentido de assistencialismo terapêutico atribuído pelo Ministério da Educação - MEC. A partir de 1990 surgiram indicadores da busca de interpretar a educação especial como modalidade de ensino. No entanto, ainda assim, é uma visão reducionista, pois a considera como uma questão meramente metodológica ou de procedimentos didáticos. Não tendo uma visão multidisciplinaridade, nem tão pouco reconhece as diversas habilidades desses alunos.

Durante a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU/2006), por meio do Decreto nº 6949/2009, o Brasil assumiu o compromisso de garantir o acesso de pessoas com deficiência no “sistema educacional inclusivo”. Segundo o Conselho Nacional de Educação, através da Resolução CNE/CEB nº 4/2009, instituiu as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica, determinando no seu artigo 5º:

O AEE é realizado, prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, em centro de atendimento educacional especializado de instituição especializada da rede pública ou de instituição especializada comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a secretaria de educação ou órgão equivalente dos estados, do Distrito Federal ou dos municípios.

Apple (2011) acredita que Spencer estava certo quando lembrou aos educadores que uma das perguntas fundamentais que deveria se fazer sobre o processo de

escolarização era: “Que tipo de conhecimento vale mais?”. Considerando que não é uma questão apenas educacional, mais sim intrinsecamente ideológica e política. Dessa forma, observa-se que as problemáticas curriculares estão intensamente relacionadas com as questões sociais e os aspectos culturais. Urge a necessidade de formar profissionais críticos que busquem refletir e discutir sobre os conteúdos manifestos e ocultos do currículo na realidade social e educacional de forma crítica. Sousa considera que:

A escola, apesar de proclamar a sua função de instrumento democrático de mobilidade social, acaba por ter afinal a função, talvez inconsciente por parte dos seus agentes educativos, de legitimar e, em certa medida, perpetuar as desigualdades de oportunidades dos alunos. Isto porque a escola, nos critérios de julgamento que utiliza, é levada a considerar os privilégios de ordem social como “méritos” ou “dons pessoais”, ajudando a manter um sistema de poder através da transmissão da cultura dominante da sociedade. A escola exerce, de forma arbitrária, uma “violência simbólica” sobre os alunos. (SOUSA, 2002, p.20)

Conforme Sousa (2002) em uma escola aberta que busca a democracia e à diversidade social e cultural, considera que é urgente uma visão do currículo não como uma área simplesmente técnica, nem tão pouco tem função de organizar o conhecimento escolar, muito menos como instrumento ingênuo e neutro, despojado de intenções sociais, que procura estudar os melhores procedimentos, métodos e técnicas de bem ensinar. Mas sim, uma componente política que interage com a ideologia, a estrutura social, a cultura e o poder.

1.4. A educação especial e a sala de recursos

Com o objetivo de eliminar as barreiras arquitetônicas, promovendo uma integração de serviços do ensino regular com o ensino especial, na opinião de Matiskei (2004) as instituições escolares precisaram se adaptar, considerando que o contexto regular de ensino que serão buscados, como as respostas para as necessidades educacionais dos alunos, com o apoio de profissionais especializados, flexibilização curricular e adaptações curriculares de pequeno e grande porte. Nesse sentido, Mendes (1995) afirma que a escola precisou refletir sobre suas ações, a aprendizagem e o desenvolvimento humano dentro de uma visão social e cultural. Conforme o Ministério da educação através da Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2006, p. 14).

...essa sala de recursos é multifuncional em virtude de a sua constituição ser flexível para promover os diversos tipos de acessibilidade ao currículo, de acordo com as necessidades de cada contexto educacional. Dentre as atividades curriculares específicas desenvolvidas no atendimento educacional especializado em Sala de Recursos Multifuncionais se destacam: o ensino de Libras, o sistema Braille e o Soroban, a comunicação alternativa, o enriquecimento curricular, dentre outros. Além do atendimento educacional especializado realizado em Salas de Recursos ou centros especializados, algumas atividades ou recursos devem ser disponibilizados dentro da própria classe comum, como por exemplo, os serviços de tradutor e intérprete de Libras e a disponibilidade das ajudas técnicas e tecnologias assistivas, entre outros (p. 15). Nesse sentido, o atendimento educacional especializado não pode ser confundido com atividades de mera repetição de conteúdos programáticos desenvolvidos na sala de aula, mas deve constituir um conjunto de procedimentos específicos mediadores do processo de apropriação e produção de conhecimentos (p. 15).

A Sala de Recursos vem como uma resposta à necessidade histórica da educação brasileira em promover “as condições de acesso, participação e aprendizagem dos estudantes público alvo da educação especial no ensino regular, possibilitando a oferta do atendimento educacional especializado de forma complementar ou suplementar à escolarização” (BRASIL, 2007, p.3). A Sala de Recursos está sendo vista como uma forma de eliminar as barreiras existentes para crianças e adolescentes que apresentam algum tipo de deficiências terem acesso a serviços e recursos pedagógicos que possibilite que esses alunos tenham um melhor desenvolvimento na própria escola que já fazem parte, com o objetivo de promover o desenvolvimento inclusivo da escola, podendo assim, superar o modelo de escolas e classes especiais. Nesse contexto (BRASIL, 2007, p.3). Afirma que o:

...sistemas de ensino modificam sua organização, assegurando aos estudantes público alvo da educação especial, a matrícula nas classes comuns e a oferta do atendimento educacional especializado previsto no projeto político pedagógico da escola. A educação inclusiva é um direito assegurado na Constituição Federal para todos os estudantes e a efetivação desse direito deve ser assegurada pelas redes de ensino, sem nenhum tipo de distinção. (BRASIL, 2007, p.3).

A Sala de Recursos na escola regular é considerado um projeto novo, pois não atingiram ainda todos os alunos com necessidades especiais, conforme o Censo Escolar atualmente seis em cada dez alunos com deficiência está matriculado em salas regulares, esse índice em 2001 era dois em cada dez, dessa forma, podemos perceber que os alunos que antes estavam fora da escola regular estão retornando, apesar de aumento da

demanda ser um ponto positivo é necessário levar em consideração o grande desafio da escola atual que é garantir que essas crianças aprendem realmente.

Conforme o Decreto nº 7.611/2011 que corrobora com as orientações para a construção de sistemas na educação inclusiva, que busca garantir que às pessoas com algum tipo de deficiência possam ter acesso ao sistema regular de ensino. Para a efetivação desse direito “inalienável à educação”, este Decreto, em seu art. 1º, incisos I e III, dispõe que:

O dever do estado com a educação das pessoas público alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes: I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades; III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência. (BRASIL, 2007, p.6).

A educação especial e inclusiva já tinham um olhar que a escola precisa desempenhar sua função social, estabelecendo uma proposta pedagógica capaz de valorizar as diferenças, com a oferta da escolarização nas salas do ensino regular e do atendimento as necessidades educacionais específicas dos seus estudantes. Essa compreensão está expressa nas Diretrizes Nacionais da Educação Básica, instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 4/2010, conforme disposto no seu Parágrafo 1º do Art. 29:

§ 1º Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no atendimento educacional especializado (AEE), complementar ou suplementar à escolarização ofertado em sala de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

O trabalho realizado na Sala de Recursos não se confunde de forma alguma com as atividades de reforço escolar e nem clínico como alguns profissionais acreditam. Mas de um trabalho pedagógico, realizado nas Salas de Recursos com um professor capacitado que contribua com o aluno, para que, possa desenvolver habilidades e que seja capaz de utilizar instrumentos de apoio que facilitem o seu aprendizado nas salas regulares. Caso seja necessário outros profissionais esses alunos devem ser encaminhados.

Na opinião de Mantoan (2004) é necessário que crianças e adolescentes possam desenvolver certas habilidades primárias como, por exemplo, “beber água sozinho” e “ser capaz de ir ao banheiro sem precisar de ajuda” que são essenciais para que as pessoas com deficiências não se sintam excluídas das demais e sejam vistas com normalidade. As antigas Salas de Recursos tinham como público alvo alunos com dificuldades, o que difere das Salas de Recursos implantadas pelas novas diretrizes a partir de 2007 que deve atender alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento ou altas habilidades sejam atendidos nesses ambientes. Dessa forma, o profissional precisa ter uma atenção especial para proporcionar à adaptação dos alunos a sala de ensino regular, cada aluno precisa ter um plano pedagógico individual, com atividades que devem desenvolver durante o tempo de atendimento que este estará na sala. Sobre esse novo olhar o professor responsável pela Sala de Recursos precisa estar constantemente em comunicação com o professor da sala regular.

O Brasil assumiu a partir da lei 10.172/2001, o compromisso de garantir o acesso de pessoas com deficiência no “sistema educacional inclusivo” em todos os níveis para possibilitar medidas que permitam a participação de forma efetiva na rede regular de ensino, pois considera que inclusão educacional é um direito do aluno, dessa forma, urge a necessidade por mudanças. Assim, iniciou a organização das salas de recursos multifuncionais, com a disponibilização de instrumentos e apoio pedagógico para alunos especiais matriculados no ensino regular.

A Educação Especial no Brasil baseia-se na Constituição Federal de 1988, na qual garante a todos o direito a igualdade, no que diz respeito a educação em que afirma no seu artigo 205 o “*pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*” (BRASIL, 2004). O Congresso Nacional em 2001, já discutia, com base na Constituição, e respaldado na Conversão de Guatemala, a temática da inclusão para deixar claro o equívoco de tratamento desigual aos deficientes, com objetivo de tornar lei e assim, eliminar diferentes formas de preconceito contra a pessoa com necessidades especiais.

Com base na constituição e nas políticas públicas educacionais do Brasil, a proposta de criação das Salas de Recursos que buscam diminuir as barreiras arquitetônicas entre as crianças e adolescentes com necessidades especiais, e as que não apresentam dificuldades da rede regular de ensino estadual e municipal, é notória a falta

de cumprimentos dos direitos legais constituídos, mesmo que respaldados na Carta Magna, pois o que se presencia é um descaso contínuo e preconceituoso no trato para com os cidadãos, portadores de necessidades especiais.

Ainda no Brasil em 2011 foram implantadas 24 mil Salas de Recursos Multifuncionais distribuídas em 83% dos Municípios. Apresenta uma meta de implantação de 17 mil salas entre 2011 e 2014, além disso, foram distribuídos 30 mil kits com orientações, como fosse um curso em vídeo juntamente com equipamentos, mobiliários, materiais pedagógicos e de acessibilidade destinados a atender as especificidades educacionais de estudantes com deficiência com material pedagógica para atualização das Salas de Recursos implantadas.

Para que ocorra a real aprendizagem alguns especialistas acreditam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) como respeitável aliado. Conforme o Censo Escolar, 27% dos alunos matriculados em salas do ensino regular recebem esse apoio. Esse dado é muito preocupante, pois questiona percebe-se a maioria dos alunos não passar por uma avaliação multidisciplinar para obter um diagnóstico antes de iniciar os trabalhos nas salas de recursos, o que levanta uma questão preocupante, esses alunos realmente apresentam deficiência?

A Sala de Recursos apesar de iniciada nos anos 80, sua estruturação no país começou a ter diretrizes mais elaboradas a partir de 2007 de seu primeiro edital voltada para sala, antes discutiam a inclusão na escola e a educação especial, mais não se tinha uma proposta efetiva de como isso poderia acontecer.

A implantação das Salas de Recursos Multifuncionais é proposta para as escolas estaduais e municipais, com objetivo de complementar ou suplementar o ensino que ocorre na sala regular, caso crianças e adolescentes apresentem diagnóstico de alguma deficiência, podendo ser física, visual, auditiva ou intelectual, superdotação/altas habilidades e transtorno global do desenvolvimento. Essas salas apresentam como proposta funcionar em horários contrários ao que a criança ou adolescente estudam, é importante salientar que as Salas de Recursos não devem ser confundidas como sala de reforço. Essas salas precisam ter uma estrutura física que permita que o aprendiz possa desenvolver as várias atividades que podem ser propostas a ele, além de equipamento, materiais didáticos e pedagógicos.

A criação da Sala Recurso iniciou-se no Brasil na década de 80, na opinião de Costa et. (2009) como uma solução no processo de segregação enfrentado naquela época, buscando oferecer apoio pedagógico aos alunos que apresentavam deficiência que necessitavam superar limites, complementando e fortalecendo o processo de aprendizagem. Essas salas articulavam à política de integração e a ideia de prestação de serviços de apoio, visando garantir a “integração” escolar. A princípio essas salas atendiam apenas alunos das séries iniciais, atual “anos iniciais” do Ensino Fundamental (BARRETO; GOULART, 2008), essas salas também ficavam dentro da instituição escolar. Ao abordar o funcionamento dessas salas, Oliveira (2004) explica que:

(...) sugeria-se observância, quanto aos recursos humanos, materiais, agrupamento de alunos por idade cronológica, problemas, relacionamento no grupo, nível de aprendizagem e composição numérica das turmas. Além disso, orientava-se ampla articulação entre o professor da sala de recursos com o professor da sala de aula comum e com toda a comunidade escolar, para facilitação da integração do aluno com deficiência na classe comum (OLIVEIRA, p. 59, 2004).

Pode-se perceber que alguns desses aspectos ainda são mantidos atualmente, contudo ocorreram algumas modificações nas políticas educacionais devido emergir a necessidade de mudança e reestruturação dos sistemas de ensino, na tentativa de permitir uma quebra nos padrões de exclusão, com o intuito de tornar os ambientes escolares um espaço mais democrático e capaz de garantir a permanência desses alunos, sem distinção.

Apesar de somente em abril de 2007 surgir o primeiro edital com os objetivos e as diretrizes para a implantação das salas de recursos no Brasil, com o intuito de oferecer apoio a instituição escolar e possibilitando que o aluno tenha atendimento especializado educacional junto às escolas educação básica da rede pública, além disso, fortalecer o processo de inclusão desses alunos com dificuldade no ensino regular (BRASIL, 2007b).

A implantação dessas salas busca ampliar as oportunidades para os serviços de apoio à inclusão de crianças e adolescentes que apresentam diagnóstico de necessidades especiais no âmbito escolar, dessa forma as Salas de Recursos Multifuncionais, são ambientes dotados de recursos e mobiliário adaptado (BRASIL, 2008b). Essas salas são colocadas na própria escola de ensino regular os atendimentos ocorrem em horários inversos à escolarização, com isso o aluno precisa frequentar também a sala regular, pois esses atendimentos, não são substitutos do ensino regular. Esses atendimentos podem acontecer também em Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) da

rede pública ou de instituições comunitárias, filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios (BRASIL, 2009a) que conforme o Art. 5º.

O AEE é realizado, prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, em centro de atendimento educacional especializado de instituição especializada da rede pública ou de instituição especializada comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a secretaria de educação ou órgão equivalente dos estados, do Distrito Federal ou dos municípios.

Todos os alunos que são atendidos na Sala de Recursos precisam ser matriculados nas salas regulares, é importante ressaltar que as salas de recurso não tem o objetivo de substituir a sala regular, mais como melhorar a educação para as crianças que apresentam alguma dificuldade que possa atrapalhar sua aprendizagem. Dessa forma, a Sala de Recurso busca complementar ou suplementar a escolarização, essa é concepção adotada pelas Diretrizes Nacionais da Educação Básica, instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 4/2010, conforme disposto no seu art. 1º e inciso 1º: conforme mencionado anteriormente.

As salas de recursos multifuncionais buscam a organização de espaços, na própria escola regular, através de equipamentos necessários, recursos de acessibilidade e materiais pedagógicos que ajudam promover uma melhor escolarização para crianças e adolescentes com algum tipo de dificuldade na aprendizagem, ultrapassando as “barreiras que impedem a plena participação dos alunos público alvo da educação especial, com autonomia e independência, no ambiente educacional e social” (BRASIL, 2010, p.06). De acordo com a Resolução CNE/CEB nº 4/2009, art. 10º, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola regular deve institucionalizar a oferecer o AEE, prevendo na sua organização:

I - Sala de recursos multifuncionais: espaço físico, mobiliários, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos; II - Matrícula no AEE de alunos matriculados no ensino regular da própria escola ou de outra escola; III - Cronograma de atendimento aos alunos; IV - Plano do AEE: identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas; V - Professores para o exercício do AEE; VI - Outros profissionais da educação: tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção; VII - Redes de apoio

no âmbito da atuação profissional, da formação, do desenvolvimento da pesquisa, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que maximizem o AEE.

Ainda conforme essa Resolução Nº 4, de 2009, os professores que serão responsáveis por essas salas precisam ter algumas atribuições específicas como:

Art. 13. São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado: I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público alvo da Educação Especial; II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais; IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade (BRASIL, 2009a, p. 3).

De acordo com a legislação brasileira, para professor atuar nos serviços de Educação Especial tem que ser um especialista, de acordo com Resolução Nº 4 (BRASIL, 2009a) que sugere autonomia ao professor para que este elabore a melhor forma de desenvolver seu trabalho, criando seus próprios critérios de organização e procurando avaliar a qualidade no atendimento que oferece, a fim de encontrar alternativas que possam auxiliar os alunos. Ainda conforme Resolução CNE/CEB n.4/2009, art. 12, para o professor atuar na Sala de Recursos precisa ter formação inicial que o habilite ao exercício da docência e formação específica na educação especial. Sendo que o profissional para atuar nessas salas precisam ter conhecimentos para investir com os recursos específicos oferecidos, propondo com isso, melhorar a adaptação e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais.

Na opinião de Mendes (2010a) no Brasil a Sala de Recursos Multifuncionais, é posta como um serviço de “tamanho único”, porém seria necessário ser uma parte de uma série de outros serviços de apoio pedagógico. Priorizar o apoio pedagógico somente em AEE reduz a oferta “(...) dos serviços de apoio que não encontra sustentação na literatura da área de Educação Especial, em termos de efetividade para atender as necessidades tão diversificadas deste alunado” (MENDES, 2010a, p. 18).

Os AEE são atualmente um desafio para os professores, considerada uma tarefa complexa a ser realizada, pois profissional precisa ser capaz de promover práticas educativas diferenciadas e inovadoras para crianças e adolescentes com necessidades especiais.

Capítulo 2 – Quadro Metodológico

Pesquisadores das ciências sociais e da educação têm desenvolvido procedimentos de investigação e proposto critérios que servem, tanto para orientar o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, como para avaliar o rigor de seus procedimentos e a confiabilidade de suas conclusões. (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 146).

Neste capítulo exporemos o paradigma de pesquisa que norteou o presente estudo, assim como os sujeitos que serão pesquisados, o *locus* da pesquisa e as técnicas que serão utilizadas.

2.1 O paradigma da pesquisa

A escolha da metodologia de pesquisa surgiu a partir da necessidade de compreender, através de diferentes técnicas interpretativas que procuram descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Com o objetivo de interpretar o significado dos fenômenos socioeducacionais que ocorrem na sala de aula para alunos especiais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem etnográfica, apropriada para desvelar aquilo que ocorre no meio em que o objeto de pesquisa está inserido. Essa investigação poderá promover elementos para criação de instrumentos que sinalizem a identificação da inovação pedagógica na sala de aula de alunos especiais. Considerando que do trabalho de Campo no contexto social que a etnopesquisa será realizada, é que será guiada pelo senso crítico do etnopesquisador, que não seguirá padrões rígidos ou pré-determinados. Visto que “cada abordagem metodológica subentende uma certa concepção de homem e contempla uma panóplia instrumental própria que lhe permite captar um determinado nível do ‘real’, mas não todo o ‘real’” (SOUSA, 1997).

Mas o que entendo por etnografia da educação? Se mergulharmos na raiz etimológica da palavra (éthnos, “povo”+ gráphein, “descrever”+ ia), em princípio, etnografia significa escrita, uma descrição de... Mas como o leitor verá, procuro ultrapassar esta visão restritiva, dando-lhe um cariz mais abrangente, entendendo-a essencialmente como uma forma diferente de investigação educacional, naturalmente ligada à antropologia e à sociologia qualitativa, ou seja, em franca oposição aos paradigmas positivistas provenientes da psicologia experimental e da sociologia quantitativa. Na realidade, se há uma linha de investigação que a encara ao nível de uma técnica de descrição ao serviço de um

método, outras há que a consideram antes um método ou então mesmo uma teoria... E porque não uma “perspectiva”, no sentido de que não esgota nem os problemas do método nem da teoria? (SOUSA, 2000)

A pesquisa etnográfica surgiu no final do século XIX, quando os pesquisadores perceberam que o seu olhar e o seu trabalho no campo era imprescindível no processo de pesquisa, como uma forma de compreender e descrever de forma holística e densa os contextos culturais, o modo de vida das pessoas e dos grupos sociais a que pertencem. A etnografia é uma técnica já usada pelos antropólogos, na qual consiste no estudo da realidade onde está inserido o objeto de estudo, possibilitando que os diversos elementos sociais existente sejam analisados, buscando compreender a realidade e como essas são organizadas no âmbito socioculturais.

Na pesquisa qualitativa o aspecto subjetivo é extremamente importante, tendo seu foco na descrição da cultura de um grupo social, na opinião de Erickson (2001) o pesquisador etnográfico precisa participar e observar por um período longo os cenários que serão estudados, buscando a integração do pesquisador de forma efetiva no cotidiano do objeto de pesquisa. É relevante destacar que esse tipo de pesquisa no contexto escolar permite chegar mais perto da escola, possibilitando entender como funcionam os mecanismos de dominação e oposição.

Além de considerar que os objetos de estudo são os sujeitos e suas subjetividades, dessa forma, a mesma almeja entender a cultura educacional presente, com o intuito de documentar tudo que ocorre no ambiente pesquisado e as relações que são estabelecidas. A principal preocupação da etnografia é compreender quais os significados das ações e dos eventos para determinado indivíduo ou grupo social. Neste sentido, Sousa e Fino (2007) afirma que:

[...] a metodologia de investigação etnográfica surge como sendo a que se considera mais apta para se sondarem as dinâmicas de natureza social e cultural que perpassam, quer as turmas, consideradas como célula essencial da organização escolar, quer as escolas no seu todo, como locais onde se movimentam grupos portadores de características próprias. (SOUSA E FINO, 2007, P. 7)

Nesta perspectiva, etnografia está centrada na fenomenologia, que se caracteriza por ser uma ciência do subjetivo e dos fenômenos, em que os “dados” da pesquisa são produtos dos métodos usados na observação, por esse motivo é muito importante que o pesquisado se aproprie do contexto estudado, com utilização de uma linguagem acessível

à realidade estudada, assim como afirma Macedo (2010) a etnopesquisa é uma forma intercristica de fazer pesquisa *antropossocial* e educacional, porque os autores sociais constrói seu saber de uma forma ordenada, organizada e suas práticas sociais de forma concreta.

Uma pesquisa para ser considerada do tipo etnográfica, antes de qualquer coisa, necessita se basear na premissa de observações das ações humanas e suas interpretações, a partir do ponto de vista dos autores sociais, com o intuito de gerar “dados” através da aproximação da perspectiva que os participantes têm dos fatos, mesmo que não seja possível articulá-los. Desta forma, para conseguir captar esses “dados” o pesquisador precisa analisar suas próprias ações da mesma forma que analisa as ações dos objetos de pesquisa.

Com a finalidade de extrair o máximo de conhecimento possível dos atores sociais e situações estudadas, o pesquisador precisa utilizar a linguagem própria da realidade do ambiente pesquisado, pois o mesmo precisa se integrar ao ambiente com o intuito de capturar a realidade, tal como se apresenta, dessa forma, o pesquisador conseguirá informações mais confiáveis. Devido à grande quantidade de informações não se pode confiar apenas na memória, neste sentido o pesquisador fará utilização de ferramentas como anotações e gravações de áudio e vídeo.

A abordagem etnográfica traz diversas contribuições para o campo da pesquisa qualitativa, pois se preocupa com uma análise holística e dialética da cultura pesquisada, vendo os atores sociais em uma participação ativa e dinâmica no processo social, sendo que o sujeito contribui de forma significativa no campo de pesquisa, determinando uma constante reflexão e reestruturação do processo de questionamento do pesquisador. Conforme Lapassade (1977) o conhecimento imediato da vida social ocorre através dos grupos sociais como a família, amigos, trabalho, escola.

Dessa forma, a investigação do processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, não trata-se apenas de um recorte da vida cotidiana, está além disso, pois permite que o pesquisador estabeleça um contato direto e frequente de acordo com a situação vivenciada, possibilitando condições para que o mesmo possa construir e reconstruir os procedimentos técnicos utilizados na etnopesquisa.

A escolha dessa abordagem etnográfica se fez necessária, pois permite que o investigador compreenda de forma ampla o universo a ser pesquisado, sem perder de vista a complexidade das relações estabelecidas e que a partir da análise, esmiuçar a Sala de Recursos e a prática pedagógica utilizada pela professora. Além disso, porque o objetivo da pesquisa é compreender a existência da inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais da sala de recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – BA. Assim como: analisar a prática pedagógica operacionalizada em uma sala de recursos, do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica e definir em que medida a prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora. Considerando que a etnografia possibilita ao pesquisador um contato direto e prologando ao contexto investigado.

2.2. O Locus da pesquisa

O *locus* dessa pesquisa foi o Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo, situado na sede do Município de Campo Formoso, que segundo o IBGE possui uma população em 2014 de 66.616 habitantes. Desses 24.863 residindo na zona urbana e 41.753 na Rural. O Colégio acolhe alunos tanto da sede quanto da zona rural do Município.

Atualmente apresenta 687 alunos matriculados, 17 alunos com necessidades especiais, (sensoriais, motoras, cognitivas e múltiplas), têm no seu quadro 30 professores, 2 vice – diretores, 2 coordenadores, 1 diretor. O colégio busca trabalhar a educação especial e a educação inclusiva utilizando com seus alunos, uma metodologia que proporcione participação, envolvimento, interação social, enfim, o desenvolvimento global do sujeito. O quadro de funcionários é composto por 48 pessoas, que trabalham nos períodos matutinos, vespertinos e noturnos com o ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos.

O colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo encontra-se dividido em dois prédios de um andar cada, interligados por uma escada e uma rampa de acessibilidade no térreo, contudo, não existe rampa de acesso aos andares. Existe também um ginásio de esporte coberto, com duas arquibancadas laterais e proteção de telas na quadra esportiva. A unidade escolar é composta por 13 salas de aulas distribuídas entre os primeiros andares e no térreo

2.3. Técnicas de Recolha de Dados

Nesta pesquisa utilizamos algumas técnicas de coletas de dados como: a observação participante, entrevista aberta e recolhimento documental. Essas técnicas permitiram um levantamento de dados importantes para pesquisa etnográfica. Para que possa ter dados suficientes para próxima fase da pesquisa que é análise desses dados.

Neste sentido, as referidas técnicas de coleta de dados, que foram utilizadas para analisar a realidade pesquisada. Nessa etapa de coleta de dados o pesquisador se insere no grupo social investigado com o objetivo de vivenciar sua organização e como as relações, os comportamentos, os valores e as crenças dessa cultura complexa, são estabelecidas.

2.3.1 Observação Participante

A observação participante é uma técnica essencial nos estudos etnográficos, pois deixa o pesquisador face a face com seu objeto de estudo. Nessa técnica “o pesquisador é, em primeiro lugar “ator” no grupo no qual já tem seu lugar, no meio que ele vai estudar, ou na instituição onde exerce a função. [...] parte de um papel permanente e instituído de ator, e é preciso, a partir daí, que ele desempenhe o papel de pesquisador”. (LAPASSADE 2005, p. 75). Esse tipo de observação ajuda nas descrições e interpretações de uma forma mais global, tendo essa coleta de “dados” registros e interpretações condizentes e coerentes com a realidade investigada.

Para Sousa (2007) a observação participante consiste em uma técnica de investigação caracterizada por uma “intensa interação social entre o pesquisador investigador e os sujeitos”, dessa forma, compartilhando as vivências e as experiências desses. Na investigação etnográfica a permanência do pesquisador no lócus de pesquisa tem como principal característica compreendê-lo, assim sendo, é fundamental a inserção do investigador na comunidade que esta sendo estudada para melhor compreender o fenômeno a ser investigado. Dessa forma, é importante definir com clareza e objetividade o papel do observador e o grau de envolvimento na realidade estudada. Na observação participante, o pesquisador vivência as situações apresentadas no campo de pesquisa e as registra, permitindo assim, uma melhor a compreensão e interpretação dos fatos.

Durante a observação participante utilizamos o diário de Campo que permitiu que o pesquisador descrevesse de forma detalhada tudo vivenciou no *lócus* de pesquisa, esse tipo de instrumento é essencial durante a realização de uma pesquisa, pois permitiu que a pesquisa relate emoções vivenciadas no campo de pesquisa, sendo esse instrumento de coleta de dados uma fonte importante na pesquisa.

A observação do campo de pesquisa realizamos no mês de novembro de 2014, todos os dias em horários alternados, essas visitas foram necessárias para que o pesquisador tivesse a oportunidade de formar uma opinião clara e objetiva sobre os aspectos observados na Sala de Recursos com uma chance menor de ser influenciado por situações isoladas, que não representasse o verdadeiro cotidiano dessa sala. A presença do observador no primeiro momento na sala casou certa inquietação nos alunos, contudo logo os alunos se acostumaram e como alguns já o conheciam facilitou a observação contribuiu para criar um clima de confiança e segurança entre observador e os participantes da pesquisa.

2.3.2 As entrevistas

A entrevista foi outra técnica utilizada, considerando que a mesma possibilita o encontro entre os atores sociais e o investigador que busca compreender a realidade estudada. Neste sentido é um importante recurso para captar o ponto de vista do ator social, sendo que a linguagem é um intenso elemento que media a apreensão da realidade verbal e corporal (gestos, expressões e outras), que são importantes para compreender as práticas do cotidiano.

A entrevista aberta ou semiestruturada permite uma liberdade, uma organização e uma flexibilidade na formulação de perguntas no qual o pesquisador visa compreender com os atores sociais, suas experiências individuais e na comunidade. Neste tipo de entrevista o investigador e o ator social ficam face a face, possibilitando uma entrevista aprofundada.

A entrevista aberta etnográfica é uma técnica tem por objetivo complementar o fato observado através de uma conversa ocasional sobre campo de investigação, que na opinião de Macedo (2010) se aproxima muito dos recursos metodológicos das ciências sociais chamados de grupo nominal ou focal, no qual busca obter informações de um grande número de pessoas, e as questões são sempre abertas. Para Macedo (2010) a

“condução de uma entrevista vai depender muito dos pressupostos que o pesquisador traz para o ato de pesquisar” (MACEDO, 2010, p.106). Permitimos que os entrevistados ficassem a vontade, para que expressasse de forma espontânea a linha de seu pensamento e relatando suas vivências com liberdade, esclarecendo as questões que surgiam durante a o diálogo.

As entrevistas foram realizadas de abril a junho de 2015 na instituição, e nas casas dos entrevistados, como já conheciam o pesquisador, eles conversamos de forma tranquila, o único momento de tensão foi quando o pesquisador informou que a pesquisa seria gravada, após explicar o motivo, eles ficaram a vontade, percebemos que até esqueceram do gravador.

2.3.3 Recolhimento documental

Utilizamos recolhimento de documentos, através dessa técnica de podemos realizar a análise documental, pois os documentos são fontes constantes de pesquisa, se transformando em algo indispensável para compreensão e explicitação da instituição educacional, facilitando o trabalho do pesquisador. “Ademais, os documentos têm a vantagem de serem fontes relativamente estáveis de pesquisa, o que facilita, sobremaneira, o trabalho do pesquisador interessado nos significados comunicados das práticas humanas” (MACEDO, 2010). Principalmente quando se trata de educação, pois existem vários documentos que podem contribuir para entender a ação educativa e suas linguagens.

Como *etnotexto fixador de experiências*, revelador de inspirações, sentidos, normas e conteúdos valorizados, o documento é uma fonte quase indispensável para a compreensão/explicitação da instituição educativa. Justifica-se ademais essa nossa assertiva, partindo-se da premissa de que foi na escola moderna que a cultura gráfico veio, de vez, sedimentar-se, e é por meio dela, predominantemente, que a escola obtém e avalia seus produtos. (MACEDO, 2010)

Porém devido a alternância de poder político na gestão municipal, o recolhimento de material foi prejudicado, a atual professora não tinha matéria para disponibilizar para a pesquisadora, considerando que estaria trocando todos os questionários de encaminhamento do aluno, contudo, a professora disponibilizou o Projeto Político Pedagógico, que “é fruto de uma ação conjunta, visando atingir aos objetivos

educacionais, em função das novas demandas de uma sociedade global e emergente onde o amanhã sempre reserva surpresas, exigindo criatividade e muita dedicação no fazer”. O PPP busca organizar o trabalho pedagógico da unidade escolar, esse projeto é analisado constantemente, pode ser revisado anualmente. O material recolhido foi cedido pela educadora responsável pela sala de recursos, esse material consistiu na ficha de encaminhamento e o PPP.

Nesta investigação, utilizamos principalmente a observação participante, a entrevista e análise dos documentos recolhidos como instrumento de coleta de dados, assim como o registro em áudio e vídeo, para que pudéssemos captar o máximo possível à realidade vivenciada.

2.4 Ética na investigação

A ética na pesquisa qualitativa pressupõe um conhecimento prévio, de todas as interferências que possa ocorrer na investigação, o pesquisador precisa expor e explicar cuidadosamente os objetivos da investigação, assim, garante o respeito e confiança dos sujeitos pesquisados. Considerando que uma pesquisa que envolve seres humanos, precisa assegurar que este estudo não interfira nos princípios do campo pesquisado.

Neste sentido, se faz necessário que o pesquisador tenha ética em proteger a identidade e a confiabilidade dos sujeitos da investigação, e autorização para expor o trabalho em público. O investigador precisa ter uma postura de respeito, sensibilidade e humildade. Dessa forma, por razões éticas, os verdadeiros nomes dos sujeitos de pesquisa da Sala de Recursos, foram substituídos por siglas fictícias de modo a preservar a sua identidade. Contudo, a identificação da Unidade Escolar não foi alterada em virtude das especificidades da mesma, pois permite uma melhor compreensão dos contextos da aprendizagem desenvolvida na sala.

Capítulo 3- Um olhar de dentro do *lócus* de pesquisa

Apresentamos neste capítulo os dados recolhidos em nosso estudo, quer pela observação participante que ocorreu no mês de novembro de 2014, todos os dias em horários alternados, essas visitas foram necessárias para que o pesquisador tivesse a oportunidade de formar uma opinião clara e objetiva sobre os aspectos observados na sala de recursos com uma chance menor de ser influenciado por situações isoladas, que não representasse o verdadeiro cotidiano dessa sala. Através de entrevistas realizadas daremos a palavra aos alunos, a professora e aos técnicos e técnicas que atuam em nível de coordenação e de gestão na escola escolhida como espaço de pesquisa.

Para a concretização desse estudo fez-se necessário recorrer a diferentes informações, em momentos diversos, utilizando técnicas como a observação participante, entrevista aberta e recolhimento de documentos. Assim como afirma Lapassade (2005) que o fundamental da investigação etnográfica é a coleta de dados através observação participante, sendo que esse instrumento permite que o pesquisador mergulhe no campo de pesquisa para compreender a realidade vivenciada pelos sujeitos.

O Município de Campo Formoso está localizado a 400 km de Salvador e 152 km de Juazeiro, tem seus limites territoriais a norte Juazeiro e Sobradinho; no sul Antônio Gonçalves, Mirangaba e Umburana; no leste Senhor do Bonfim e Jaguarari; e no oeste Sento Sé. O Município possui uma área de 7.258,676 km² e está situado no norte do Itapicuru, com uma população de 66. 616 habitantes (CENSO 2010, IBGE). A área territorial é considerada uma das maiores da Bahia, com zona urbana pequena, e evidente predominância de zona rural, com 177 povoados muitos povoados são afastados da sede, o que dificulta o acesso e requer atenção concentrada do estado. O Município tem atualmente 17 salas de Recursos, três sala de recurso na sede e as outras são espalhadas pelos povoados do Município.

Considerando que a sala de recursos do Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo foi a primeira a ser implantada na sede do Município de Campo Formoso, BA, trata-se de uma unidade de médio porte que sempre recebe a maior demanda de crianças e adolescentes com deficiências e com base nesse perfil priorizamos como *lócus* de pesquisa. Portanto, desenvolve um processo de aprendizagem,

aparentemente, inovador que poderá contribuir para um aprendizado significativo do educando com necessidades especiais.

A matrícula atual no Colégio José Telesphoro Ferreira de Araújo, é de 687 alunos, que atende a sede e alunos da zona rural, possui um corpo docente com formação nas respectivas áreas de atuação, a maioria é especialista e ainda existe professor com mestrado, doutorando, no entanto obteve uma nota muito baixa no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Essa foi uma das unidades escolares do município selecionada para a implantação da sala de recursos devido esta possuir maior número de alunos com necessidades especiais matriculados.

3.1 Observando a Estrutura Física da Unidade Escolar

O colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo foi inaugurado em 03 de abril de 1989, iniciou suas atividades oferecendo o ensino médio e os cursos de técnico em Contabilidade e o curso de Magistério, dois anos após sua fundação, passou a funcionar em sede própria. A partir de 1998, devido a imposição da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9394/96, começou a receber turmas do ensino fundamental II, assim atualmente a entidade atende a uma clientela de alunos do Ensino Fundamental II regular (5ª a 8ª) e da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O colégio é dividido em dois prédios de um andar cada, interligados por uma escada e uma rampa de acessibilidade no térreo, o que permite a livre circulação entre os prédios, no entanto não existe rampa de acesso aos andares, além disso, existe um ginásio de esporte coberto, com duas arquibancadas laterais e proteção de telas na quadra esportiva. A unidade escolar é composta por 13 salas de aulas distribuídas entre os primeiros andares e no térreo, que inclusive estão instalados, 1 Sala de Recursos Multifuncional para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 Laboratório de informática, 1 sala para os professores com banheiro, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 cozinha, 1 dispensa, 1 área coberta em construção p/ servir a merenda escolar, 2 sanitários (masculino/feminino), um banheiro no térreo adequado para os alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, 2 depósitos. Além disso, existem 2 (dois) jardins bem cuidados. O Colégio encontra-se relativamente equipado e conta com um espaço para atividades esportivas consideradas exemplares no município. Notamos um espaço que os alunos podem circular no momento do intervalo,

é importante informa que estádio fica aberto, permitindo que os alunos convivam e se integrem durante o intervalo.

Atualmente conta com 687 alunos matriculados, 9 alunos com necessidades especiais cadastrados na Sala de Recursos com várias deficiências como: a deficiência visual, transtorno cognitivos, transtorno de aprendizagem e outras. A Unidade Escolar conta com uma equipe de gestão composta por uma diretora, dois vice-diretores, e duas Coordenadoras e trinta Professores da Rede Municipal, 1 diretor. O quadro de funcionários é composto por 48 pessoas, que trabalham nos períodos matutinos, vespertinos e noturnos com o ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos. Os alunos do EJA são jovens ou adultos que por motivos diversos interromperam seus estudos, que retomaram a vida estudantil, esses alunos são da sede do município, alguns pais de família que precisam trabalhar durante o dia.

Durante a observação na Sala de Recursos constatou-se uma sala climatizada e os seguintes equipamentos: 3 computadores, 1 estante com vários livros e materiais didáticos (jogos, alfabeto emborrachados, livros de histórias, fantoches), nas paredes encontram painel com gravuras a linguagem de sinais (libras), os armário no qual a educadora guarda os cadastros do alunos com as informações e suas evoluções, essas fichas contém nome, localização, motivo do encaminhamento para a Sala, um pouco do histórico desde da gravidez até o momento atual da criança e do adolescente, mesas quadradas com 4 cadeiras acopladas, uma mesa redonda e outra quadrada com três cadeiras, nas quais as crianças e os adolescente durante as atividades ficam sentadas em círculos um defronte para a outra sempre. Assim como podemos comprovar nas figuras a seguir.

Figura 1 - Instrumento Tecnológico (computadores) da Sala de Recursos

Como podemos observar na figura acima, a Sala de Recursos, lócus da pesquisa, apresenta um espaço amplo, arejado, é climatizada, com claridade adequada, traz instrumentos pedagógicos condizentes para o trabalho a ser realizado, visualiza-se exposição de material pedagógico produzidos pelos educandos expostos adequadamente, sem poluição visual, decorações pedagógicas diversificadas possibilitando o atendimento, tanto crianças, quanto de adolescentes.

Figura 2 – Material Pedagógico da Sala de Recursos

Assim como observamos na figura acima, as mesas são sempre compartilhadas pelos alunos, existem vários jogos que são utilizados durante as atividades.

3.1.2 Funcionamento da Sala de Recursos

A observação participante iniciou-se em novembro de 2014 na Sala de Recursos. No primeiro contato com a professora da Sala de Recursos, relata que atende 17 alunos, embora 8 alunos estivessem em processo de transferência dessa sala, pois 3 tinham sido aprovados para primeiro ano do ensino médio e, com a abertura de novas salas nos povoados, moradores responsáveis por 5 alunos, solicitaram a transferência para salas de recursos mais próximas de sua residência o que facilitaria o atendimento desses alunos e suas famílias, evitando despesas com transporte e tempo, pois ficavam o dia todo fora de casa.

Estas unidades de atendimento funcionam de segunda a sexta-feira no período matutino e vespertino, os alunos realizam as atividades em duplas ou trios. Durante a observação participante do primeiro mês em novembro de 2014, de acordo com o planejamento, observamos participativamente atividades do fazer pedagógico como: jogos e construção de textos, nos períodos que ocorreram os atendimentos, possibilitando o contato inicial e direto entre os atores envolvidos na pesquisa.

Nesse processo de atendimento, nota-se que a professora chegava antes dos alunos com o intuito de organizar os jogos, o material gráfico que estaria utilizando (folhas de ofício, lápis, giz de cera, tintas entre outros), além de ligar o ar condicionando, colocou no chão com as esteiras de fibras naturais, provocando um ambiente prazeroso e aconchegante na Sala de Recursos para recebê-los. Nesse dia a programação para atendimento estava previsto receber primeiramente os alunos com deficiência auditiva, logo após os que apresentavam dificuldades de aprendizagem, a seguir os com retardo mental. Notamos que a maioria das atividades era programada, contudo a educadora afirma que estas atividades eram elaboradas após a discussão com os alunos e juntos escolherem quais poderiam contribuir para desenvolvimento de cada um.

3.1.3 Observação do desenvolvimento da prática pedagógica

Nesse item estaremos enfocando as práticas pedagógicas da professora da Sala de Recursos, contudo antes faz-se necessária uma abordagem teórica, baseada na literatura vigente sobre o assunto. A prática pedagógica na pedagogia tradicional utiliza-se como

método as aulas ministradas, assim o ensino e a aprendizagem seguem um modelo de exposição, escuta, memorização e reprodução.

Esse modelo de prática pedagógica tradicional é caracterizado por concepções de ensino, que acreditam que o conhecimento é algo a ser transmitido e/ou transferido, o aluno fica posição de mero receptor de um conhecimento absoluto e racional. Assim, resulta numa prática profissional que idealiza os conteúdos de sala de aula baseado no modelo de reprodução. Assim como afirma, Esteve (1995) o ofício de ensinar na educação tradicional, reduzia-se na capacidade que os alunos tinham em memorizar os conteúdos, a exigência em relação ao trabalho do professor desempenhar seu papel transmissor que objetivava a memorização sem questionamentos.

Contudo uma prática pedagógica, precisa ter como objetivo principal promover e facilitar o processo de ensino e a aprendizagem do aluno, conforme Fino (2001, p.291) que “na mente de cada aprendiz, podem ser exploradas ‘janelas de aprendizagem’ durante as quais o professor pode actuar como guia no processo da cognição até o aluno ser capaz de assumir o controle metacognitivo”. Demonstrando a importância da intervenção entre os pares mais aptos, dessa forma notamos a importância da postura da educadora quando planeja junto com os alunos as atividades que podem contribuir para o desenvolvimento de sua aprendizagem, usando o lúdico e trabalho coletivo como podemos observar nas descrições logo abaixo das aulas que foram observadas, assim como entender como ocorre o processo de aprendizagem e prática pedagógica da professora que atuava na Sala de Recursos.

Observação n.º 01

Data: 03-11-2014

Contexto: Aula de Libras

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

A professora chegou à escola por volta de 07:15 da manhã, em seguida ligou o ar condicionado, o computador, alfabeto em EVA, figuras com linguagem de sinais, aparentemente imprimidos da internet, mais pintados pelos alunos, pois o primeiro aluno,

seria um jovem e uma adolescente com deficiência auditiva. As 07:30 chegou o jovem J aluno que apresentava déficit auditivo. A professora o acolheu de forma alegre e carinhosa, qual a atividade que ele gostaria de fazer, pois estava sozinho e esse atendimento conforme combinado ele seria o instrutor da colega, que neste dia não compareceria, pois estava com problemas de saúde, falavam o tempo todo em linguagem de sinais. A professora informa que o jovem J gostava de ensinar o que esta apreendendo para a colega, segundo a professora um ajuda o outro, assim usava um programa de computador " Ciranda da Cultura", a professora perguntou o que o aluno desejava fazer, considerado que o tinham planejado, não poderia ser realizado, depois de refletir perguntou se a pesquisadora sabiam libras, após ser informado que essa não tinha conhecimento, ele perguntou para educadora se a pesquisadora poderia participar da atividade, essa concordou, contando que pesquisadora desejasse, após a pesquisadora aceita, o jovem ligou o computador, como material pedagógico o programa "Ciranda da Cultura", e pediu que a mesma pegasse o alfabeto com imagem em EVA (material emborrachado) e figuras de mãos com os sinais de cada letra durante a atividade, o aluno se divertiu muito com os erros da pesquisadora, foi uma atividade muito divertida, existia uma relação de cumplicidade entre o aluno e a educadora, estava sempre informando o que achava da pesquisadora que era passado pela educadora oralmente.

No início da atividade J informou a professora "ela não sabe nada" (rindo)

Durante as atividades "ela esta quase aprendendo, mas é atrapalhada" (rindo)

A professora perguntou "o que pode fazer para ajuda-la, lembra que ela não sabe de nada".

Ele sugeriu usar um caderno para anotar o que estávamos conversando, acreditava que assim a pesquisadora teria mais facilidade de compreender como sinais, assim foi realizado, no final da atividade ele elogiou o desempenho da pesquisadora, mas informou precisava treinar mais. Abraçou a professora e marcou outro encontro data do próximo encontro, conforme a educadora "discuto com o aluno quais as atividades podem contribuir para melhorar o desempenho deles na sala regular, é interessante pois ele sempre dão sugestões, o J mesmo quer ensinar a sala regular que ele frequenta língua de sinais".

Notou-se que durante essa observação a Sala de Recursos oferece um ambiente pedagógico saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, a Sala de Recursos trabalha regras de comportamento, valorizando as brincadeiras e atividades socioeducativas. A sala tem um espaço amplo, onde acontecem as práticas e os fatores de integração social, como a acolhida, as brincadeiras e atividades socioeducativas. Os comportamentos dos alunos e contribuir de forma mais efetiva em seu processo de aprendizagem. Durante a atividade podemos constatar que método de ensinar e de aprender é divertido e prazeroso, ocasionado pela afetividade existente entre professora e aluno, o que provoca o rompimento com as normas estabelecidas nos processos aprendizagem tradicionais, permitindo o surgimento de um novo paradigma e opõe à relação invariante entre o professor-aluno.

Uma prática inovadora notada na Sala de Recursos foi à existência de cooperação e interação entre os pares, da responsabilidade compartilhada e da autonomia, além disso, se adaptou de forma rápida um fato imprevisto que como a falta de sua colega e buscou outra forma de realizar as atividades que estava programada.

Analisamos a prática de aprendizagem descrita acima como inovadora no ambiente da Sala de Recursos, permite que o aluno se aproprie do seu conhecimento, ao possibilitar que esse desenvolva sua autonomia e senso de responsabilidade no trato com os jogos e com o ambiente, o que estimula o desenvolvimento das funções psicológicas associadas às capacidades de interação social, de atenção, concentração, percepção e memória. Respeito ao espaço de cada um, escuta e devolutiva do saber do aluno, integração aluno-professor-observadora; estratégia pedagógica participativa e aprendizagem coletiva.

Observação n.º 02

Data: 03-11-2014

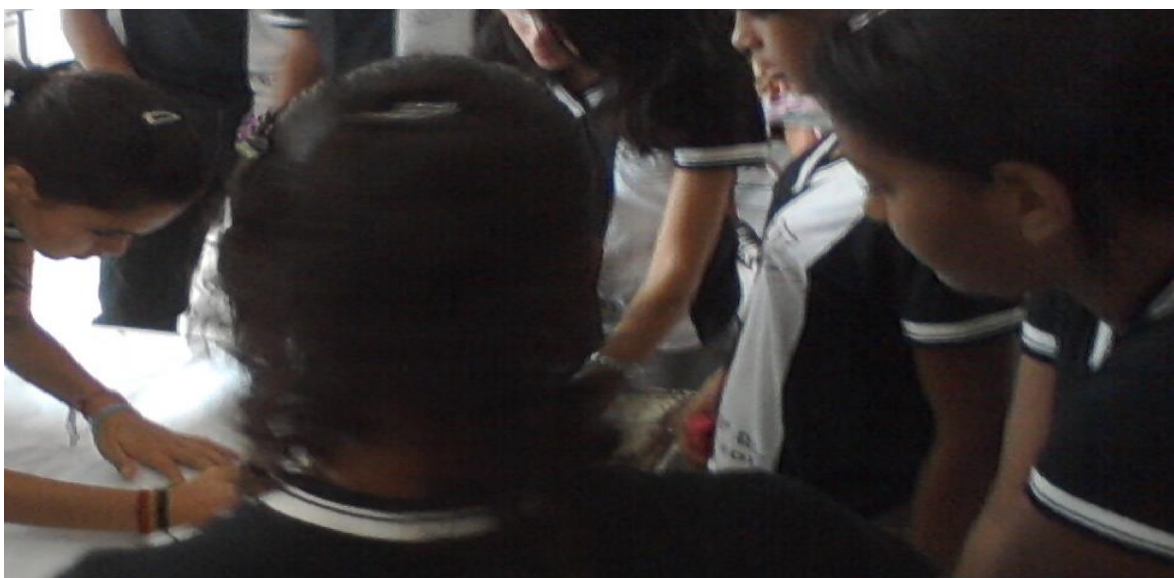
Contexto: Horário do Intervalo

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos, Alunos da Sala Regular e Alunos com necessidades especiais

Conforme podemos comprovar através dos registros fotográficos abaixo, a professora durante o intervalo sempre abria a Sala de Recursos para que os alunos conhecessem e possibilitasse a diminuição do preconceito. Esses alunos que

frequentavam a Sala de Recursos sempre levavam colegas da sala regular para conhecer as atividades que faziam e mostravam como elas ajudavam em suas dificuldades. Segundo a professora depois que começou abrir a Sala de Recursos durante o intervalo, os alunos que frequentavam essa sala levavam colegas para conhecer a mesma, e explicavam para os colegas como eram realizados os trabalhos. Era permitida a entrada de 10 alunos que podiam brincar com alguns jogos que estavam à disposição e que tiravam suas dúvidas com os colegas sobre esses atendimentos especiais. Segundo a professora percebeu que os alunos da sala regular começaram a respeitar mais a clientela que frequentam a Sala de Recursos. O que permitia assim, uma maior integração social de respeito aos adolescentes que apresentavam algum tipo de deficiência.

Figura 1 - Alunos das Salas de Recursos descrevendo as atividades realizadas na sala



A aluna com necessidades especiais explicando para seus colegas da sala regular como ocorria o desenvolvimento das atividades na Sala de Recursos, utilizando papel metro para montar textos baseados em figuras que ela mesmo selecionou e permitindo os colegas também realizassem as atividades.

Figura 2 - Alunos das Salas de Recursos descrevendo as atividades realizadas na Sala



O aluno da Sala de Recurso que levou os colegas para conhecer a sala e suas atividades, o mesmo colocou um pedaço de papel metro no chão e solicitou que todos fizesse desenhos e que depois esses desenhos virariam uma história, estimulou que todos os colegas participassem, foi divertido e animado.

Observamos os vínculos afetivos entre os adolescentes da Sala de Recursos, adolescentes da Sala regular e a professora são construídos de forma saudável, espontânea e respeitosa, e que exercem influência positiva, no processo de aprendizagem dos alunos, aspecto que, inibe o bullying entre esses adolescentes, exemplo que deveria ser seguido por outras salas de Recursos.

Notamos que a prática pedagógica descrita acima apresenta indícios inovação ao promover um espaço de interação entre os pares, o as práticas sociais e algumas práticas pedagógicas de aprendizagem significativa desenvolvidas nas salas de apoio 1 e, parecem ser inovadoras nos dias atuais, pois associam o gosto de ensinar ao gosto de aprender, ou seja, o aprender com prazer, a formação de vínculos positivos com a professora e com o objeto da aprendizagem (conteúdos curriculares, ou não);

Observação n.º 03

Data: 05-11-2014

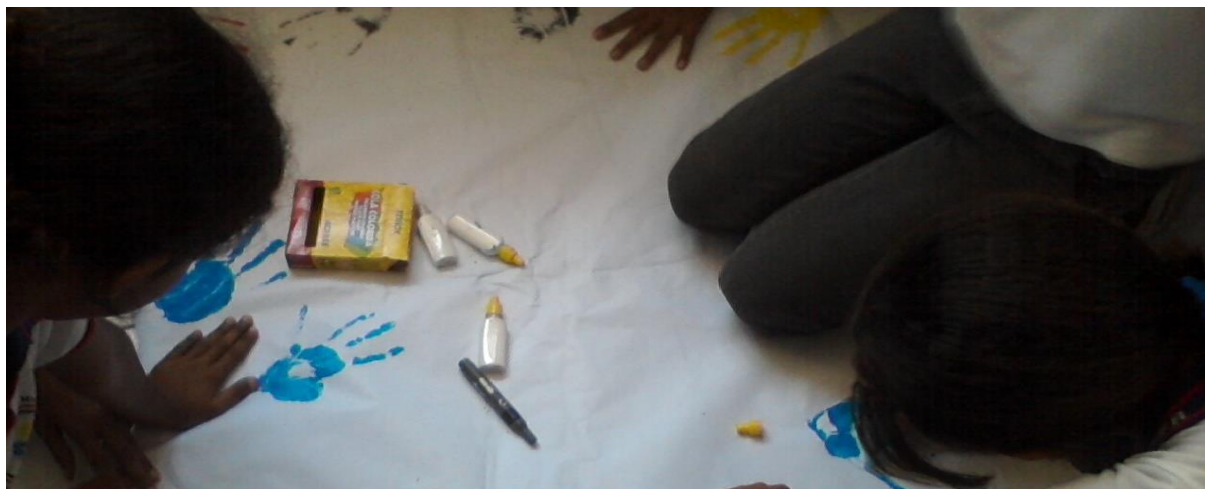
Contexto: Atividades lógico matemático realizada no período matutino

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

A professora acolheu três alunos do 6º ano, com carinho e os meninos a cumprimentaram com abraços afetuosos, esses tinha a suspeita diagnostica de transtorno

de aprendizagem, mesmo não tendo ainda um diagnóstico, já estava sendo acompanhada Sala de Recursos. Os alunos ficaram sentados em círculos um de frente para o outro, sobre uma esteira de palha de Ouricuri, com o intuito de ajudar um ao outro nas atividades desenvolvidas, fator este relevante para facilitar a interação do grupo durante a atividade, esses foram incentivados pela professora a realizarem as atividades num espaço livre. Como podemos observar na atividade que utilizaram figuras e números confeccionados pela professora em papel cartão, para realizar as operações matemática de adição, subtração, multiplicação e divisão. Durante as atividades utilizaram o papel metro, tintas de diversas cores e pintavam a palma da mão e carimbavam no papel, corresponde à quantidade do número encontrado nos resultados das operações. Durante a atividade discutiam, usavam os dedos tentar chegar ao resultado, observou que os alunos tiveram maior dificuldade na multiplicação e na divisão. Como podemos observar na foto abaixo:

Figura 3 - Realização de atividades logico matemático no período matutino



Durante a realização dessa atividade notamos que a Sala de Recursos continha um ambiente, que reforçava os conteúdos curriculares utilizados nas salas regulares e que oferecia um ambiente pedagógico saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, promove a construção do conhecimento e a interação social dos alunos, valorizando nas brincadeiras e atividades socioeducativas as expressões artísticas, a cultura, a criatividade. Essa prática pedagógica usa jogos que estimulam o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivosociointeracional e fortalecendo a convivência social. Essa atividade despertou nos adolescentes o bom humor, a alegria, o prazer realizando a atividade e fazer parte desse ambiente “nutritivo” de aprendizagem de forma livre.

Observação n.º 04**Data:** 10-11-2014**Contexto:** Construção de texto através figuras e letras escolhidas pelos alunos**Professores presentes:** Responsável pela Sala de Recursos

Na presente observação a professora acolheu dois alunos com dificuldade de aprendizagem, entregou folhas com diversas figuras e estes escolheram-nas de frutas e letras para recortar e colar, orientando que esses deveriam construir um texto juntos, solicitou que informassem nesse texto gostam e não gostam de comer. Os alunos resolveram fazer um texto chamado “reuniões das frutas”. Durante todo o tempo da atividade a professora ficava apenas observando e quando questionada, retornava a questão aos alunos, para que esses expressassem sua opinião. Durante a atividade os alunos conversavam como deveriam fazer aquele texto, depois de decidiram, emendaram duas folhas de ofício, utilizar as letras para fazer o título, pois se fizessem a história com as letras escolhidas não tinham como colocar todas as figuras como desejavam. Perguntaram para a professora se poderiam fazer assim, ela disse que eles poderiam sim, pois a história eram deles. É importante destacar que predomina aqui a aprendizagem e não simplesmente o ensino, como na abordagem tradicional.

Figura 4 - Realização de atividades figuras e letras escolhidas por alunos



Percebemos durante a observação participante que as crianças são acolhidas com afetividade, por parte da professora, apresenta indícios inovação, pois associam o prazer de ensinar ao prazer de aprender, tendo como base o vínculo afetivo estabelecido com a professora, a professora durante todo o desenvolvimento da atividade circula em volta dos alunos, tirando dúvidas e também questionando a opinião dos mesmos, dessa forma, assumi a posição de mediação.

Observação n.º 05

Data: 17-11-2014

Contexto: A produção textos utilizando desenhos livres

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

Na atividade do período vespertino a proposta era de construção livre com pinturas em telas e produção textual e a orientação prévia dada pela professora, foi que cada um pintasse uma tela e posteriormente iriam construir um texto de forma coletiva, composto por no mínimo seis frases que contassem uma história com início, meio e fim, com referência às pinturas criadas nas telas, depois seria transcrita a história no caderno individual. Os alunos passaram analisar as telas e discutir a direção da história, depois chegaram ao consenso de que seria com personagens que não sabiam ler, queria aprender e não tinha ninguém para “ensinar”, até que em certo momento chegou uma professora “muito boa” que os ajudou e todos a aprenderem. A menina mais velha liderava o grupo na produção dessa atividade. Nessa atividade a professora deu total autonomia para os alunos escolherem o estilo da pintura, logo após a criação artística refletirem e discutir a temática textual, para a construção da história. De certa forma, as telas pintadas e a produção construída na coletividade refletem o sentimento vivenciado no cotidiano educacional. Notamos que durante o desenvolvimento dessa atividade os alunos tinham autonomia e criatividade para discutirem um problema do cotidiano da educação brasileira nordestina.

Figura 5 - Alunos em produção de desenhos



Durante a realização dessa atividade podemos notar características de inovação pedagógica, pois o conhecimento era frequentemente construído quando os alunos interagiam com a professora ou par mais apto, criavam juntos um contexto de interação, produziam os textos de forma coletiva e era partilhada pelos participantes, essas atividades eram discutidas, negociadas, pois buscavam através da cooperação a resolução dos problemas. Percebeu que os aprendizes eram ativos e apresentavam iniciativa em escolher as direções das atividades, dessa forma, os alunos compreendiam as tarefas, indo além das orientações fornecidas pela professora responsável pela Sala de Recursos.

3.1.4. Síntese da Observação Participante na Sala de Recursos

Realizou-se a investigação dentro do *locus* ocorreu o mês de novembro de 2014 de forma contínua, é importante informar que a pesquisadora já estava no *locus* de pesquisa para averiguar a existência ou não de indícios de inovação pedagógica desde o início do ano de 2014. A observação participante na Sala de Recursos do colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo, permitiu a compreensão de como funcionam as práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos.

Durante as atividades desenvolvidas que estão descritas acima, na Observação do desenvolvimento da prática pedagógica na Sala de Recursos, a educadora se colocando na posição de mediadora no processo de construção do conhecimento, o que favorecia a interação, a comunicação e a autonomia dos alunos da Sala de recursos possibilitando um clima de cooperação e colaboração entre os alunos com necessidades especiais. Durante a observação das crianças e dos adolescentes, percebemos que a professora instigava o aluno a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar sobre a direção das atividades.

Durante a realização das atividades notamos que a Sala de Recursos continha um ambiente, que reforçava os conteúdos curriculares utilizados nas salas regulares e que oferecia um ambiente educativo saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, promove a construção do conhecimento e a interação social dos alunos, valorizando nas brincadeiras e atividades socioeducativas as expressões artísticas, a cultura, a criatividade e a autonomia desses. Essa prática pedagógica usava jogos que estimulam o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e sociointeracional e fortalecendo a convivência social. Essa atividade despertou nos adolescentes o bom humor, a alegria, o prazer realizando a atividade e fazer parte desse ambiente “nutritivo” de aprendizagem de forma livre.

Nesse mesmo momento da observação percebeu que existia uma parceria entre a família e a Sala de Recursos, o que permitia uma troca de experiência e conhecimento entre eles, que refletiam quais as intervenções que poderiam contribuir para melhorar o desenvolvimento do aluno na sala regular. Alguns pais participavam das atividades desenvolvidas na própria Sala de Recursos, junto seus filhos.

Conforme pode perceber a professora sempre buscava integrar as vivências dos alunos nas atividades desenvolvidas, permitindo que o aluno opinasse sobre quais atividades poderiam ajuda-lo a melhor no seu desenvolvimento acadêmico. A educadora criava uma situação de comunicação entre ela e os alunos com necessidades especiais, essa relação que foi estabelecida entres eles assume um papel de suma importante no processo de aprendizagem. O clima social e afetividade na relação professor/aluno funcionam como um combustível importante do aprendizado na Sala de Recursos.

Assim durante a observação participante notamos nas práticas desenvolvidas pela Sala de Recursos, características de inovação pedagógica, pois o conhecimento era frequentemente construído quando os alunos interagem com a professora ou par mais apto, criavam juntos um contexto de interação, produziam os textos de forma coletiva e era partilhada pelos participantes, essa atividade eram discutidas, negociadas, pois buscavam através da cooperação a resolução dos problemas. Percebeu que o aprendiz eram ativos e tinha autonomia para escolher a direção das atividades, dessa forma, os alunos compreendiam as tarefas, indo além das orientações fornecidas pela professora responsável pela Sala de Recursos.

3.2. A conversa com a educadora que atua na Sala de Recursos

A entrevista foi realizada com a professora responsável pela Sala de Recursos referente ao ano de 2014. Para fins de citação do sujeito que aceitou fazer a entrevista e em respeito ao direito do sigilo, cada ator recebeu uma codificação com as letras iniciais de seu grupo, assim será identificada por Pro.

Ao iniciar a narrativa da entrevista, apontamos que a Pro, atuou na Sala de Recursos de fevereiro 2012 até dezembro de 2014, e que sua formação consiste na graduação de Pedagogia com especialização em Psicopedagogia e aluna do curso de Educação Inclusiva. Trabalha com a educação especial a aproximadamente 4 anos, e nessa sala especificamente desde 2012.

3.2.1 A implantação e perfil dos alunos da Sala de Recursos da escola, critérios seletivos e as razões da atuação do profissional

A entrevistada afirma que não participaram da implantação da Sala de Recursos no colégio. A educadora acredita que implantação da Sala de Recursos na escola ocorreu para quebrar as barreiras arquitetônicas de exclusão.

“... porque a educação inclusiva fora da escola regular, ela se torna excluída, ela vai excluir. Então dentro da sala regular o menino está convivendo com os outros, tá vendo o ambiente escolar, o menino tá segregado, não tá separado. Eu creio que é no sentido real da inclusão para que haja realmente a inclusão”. (Pro)

A professora afirma que o perfil dos alunos que frequentam a Sala de Recursos são crianças com transtorno mental, deficiência auditiva, deficiente visual, deficiente físico. Assim como podemos perceber nos conteúdos de seus discursos a seguir:

“Crianças com retardo mental, deficiência auditiva, deficiente visual, deficiente físico. Então eram tratados todos iguais. O ideal é que teria um laudo médico ou da equipe, do psicopedagogo, do fonoaudiólogo, do psicólogo, neurologista. Então, o critério principal é que haja um laudo, mas a gente não trabalha com o ideal, a gente trabalha com o real”. (Pro)

A entrevistada não concorda com os critérios de escolha do profissional responsável pela Sala de Recursos, essa escolha é realizada pela Secretaria de Educação conforme a política partidário. Apesar de serem informadas pela Secretaria que a base da

escolha foi pelo nível acadêmico e de experiência, por se tratar de um cargo de “confiança”, as duas entrevistadas não acreditam nesse critério. Assim, como demonstra o relato abaixo:

“Tem que ter curso sobre educação inclusiva. Também me pergunto o porquê? Porque a gente vê as deficiências também, vê como trabalha. Só que eles dizem assim, que o psicopedagogo tá mais voltado pra dificuldade de aprendizagem. E assim, quase toda criança especial vai ter dificuldade na aprendizagem, uma coisa tá ligada a outra. Então, eu não entendo, mas tem que ter um curso em educação inclusiva num é contraditório. No final é política.” (Pro)

A entrevistada afirmar que as razões da atuação do profissional ocorreram pela vivenciar situações que a conduziu ao trabalho com a educação especial. A Pro declara que foi inspirada pelo trabalho das irmãs. Conforme declaração:

“Primeiro assim, porque na família já tem duas irmãs que trabalham com isso. Ai eu fui vendo o trabalho delas, fui gostando, fui me apaixonando. Toda vida eu tive essa quedinha por criança especial, eu acho que é paixão, paixão mesmo, eu me dedico muito a esse trabalho”. (Pro)

3.2.2 Os desafios e as contribuições da Sala de Recursos

Nesse item serão expostos os desafios e as contribuições da Sala de Recursos para aprendizagem do aluno. A professora afirma que existem vários desafios que a Sala de Recursos enfrenta: o principal é a falta de um diagnóstico e a dificuldade do professor identificar na sala regular o aluno que pode ter alguma dificuldade no processo de aprendizagem.

“A gente se baseia muito nas queixas do professor da sala do regular, existe o formulário, tem que partir da escola do regular, o professor percebeu aquele menino quietinho, ou que senta bem próximo ao quadro porque não ouve bem ou porque não enxerga, parte do professor”. (Pro)

A Pro acredita que devido a sala regular ser superlotada como ocorre nas escolas brasileiras, é muito difícil o professor perceber se tem ou não uma criança com dificuldades de aprendizagem, que pode muitas vezes passar despercebida. Como podemos perceber no discurso a seguir:

“Se tem uma criança especial no meio de 30 a 35 alunos ele passa despercebido às vezes. Um surdo, ou que tenha dificuldade de visão se ele não usar óculos para você perceber passa despercebido, porque não dá para um professor dar conta, perceber assim. Geralmente quem chama atenção é aquele danado, aquele que conversa, aquele que bagunça, e o que fica lá quietinho, coitado, fica excluído na verdade”.
(Pro)

Outro desafio que segundo a Pro é a dificuldade de discussão de casos com o profissional da sala regular e comprometimento da família com os atendimentos de crianças e adolescentes com necessidades especiais.

“Às vezes a família tem dificuldade em aceitar que tem um filho com deficiência, percebi durante o tempo que fiquei como professora da sala, que sempre tinha pais que arrumavam desculpas para não estar presente, assim eu adequava meu horário para conseguir me reunir com eles, assim não tinha desculpas, querendo ou não acabavam participando” (Pro).

A Pro afirma que outro grande desafio do profissional que assume a Sala de Recursos é compreender a criança e o adolescente.

“o grande desafio é entender como o menino compreende determinadas coisas, principalmente quando envolve a aprendizagem. Nem sempre o profissional da sala de aula regular entende que tem um processo diferente de aprendizagem” (Pro).

A Pro acredita que a participação dos alunos nas atividades desenvolvidas na Sala de Recursos depende da personalidade deles.

Dependendo da personalidade do aluno, do vínculo afetivo que ele tem com o responsável pela Sala de Recursos. Quando gosta do profissional e sabe da importância do trabalho que realizado fica muito mais fácil para ele aderir às atividades. (Pro)

Ainda neste contexto, a entrevistada explica o papel da Sala de Recursos e as contribuições na aprendizagem de crianças com algum tipo de deficiência. Afirma ser importante ouvir os alunos que frequentam a Sala de Recursos, sobre as dificuldades que enfrentam e como a Sala de Recursos pode ajudá-lo, como vimos a seguir:

“A gente sempre conversar sobre as dificuldades que cada um enfrenta a sala regular, depois disso explicou a importância das atividades, por exemplo, a dificuldade está na construção, então utilizo aquilo que ele gosta como exemplo história em quadrinhos para ajudá-los, se o problema for com cálculo trabalho com jogos matemáticos e assim por

diante, toda semana sentamos para conversar sobre as dificuldades e facilidades de cada um, consulto também os professores deles da sala regular”. (Pro)

A educadora acredita que a Sala de Recursos pode ser usada para ajudar o aluno com necessidades especiais a construírem seu próprio conhecimento. Como podemos observar em seus discursos abaixo:

“O meu aluno era estimulado a ser o construtor de seu próprio conhecimento, estimulava a procurarem as respostas através das tentativas de erros e acertos, refletia também sobre aquela atividade, apesar deles às vezes estarem com “preguiça”, pois queriam que eu fizesse suas atividades, mais quando acertavam ficavam tão felizes”. (Pro).

Na opinião da profissional é importante estimular seus alunos para que esses sejam agentes ativos de sua aprendizagem, afirmam também, que os alunos tem uma participação efetiva no planejamento e operacionalização, com o intuito de provocar uma maior autonomia e que seu crescimento seja livre. Utilizam vários materiais para alcançar esse objetivo, como notamos no discurso abaixo:

Eu particularmente, procurava levar para o lúdico. Então, trabalhava muito com brincadeiras, com jogo no computador especialmente com deficientes visuais, já vem o programa, apesar de não ter sido capacitada para utilizar esses programas, mas eu ia tentando descobrir, junto com eles até. Os programas que vem no computador são utilizados, tem tanto para deficiente visual, quanto auditivo e intelectual. Eu procuro me apegar aos jogos, jogos de mesa também, jogos de tabuleiro, jogos no computador, atividades lúdicas tipo cruzadinha, caça-palavras, pinturas, eles gostam muito de artes, que desenham e pintam. (Pro)

A Pro acredita no trabalho coletivo e abrir a sala do horário do intervalo para a comunidade escolar pudesse vê seu funcionamento fosse importante para diminuir os preconceitos, além disso, provocar uma interação entre alunos com necessidades especiais e os que não têm essas necessidades.

“Bem a sociedade sempre excluiu esses alunos, o que eu fazia para facilitar a convivência dos alunos que frequentava a sala de recurso com a comunidade escola, era permitir que os alunos na hora do intervalo levassem colegas para conhecer a sala de recurso, os colegas deles queriam fazer parte (risos) queriam que eu atendesse eles também, ai eu explicava o que era a sala e seu objetivo, percebi que abrir a sala no intervalo ajudava os alunos que nela eram atendidos. É claro que isso não fez acabar o preconceito, mais ajudou bastante a diminuí-lo”. (Pro)

A Pro acredita que abertura da Sala de Recursos ajudou tanto os alunos da sala regular quanto o aluno da Sala de Recursos.

“Com certeza, pois durante o trabalho que fiz com as crianças com crianças especiais ajudava não só aluno com deficiência, mais os alunos ditos “normais”, acabava ajudando a todos” (Pro).

Conforme a educadora afirma que buscava fazer parte do Projeto de Política Pedagógico da instituição estimula a participação da família e da sociedade no âmbito escola.

“O PPP pedi que se estimule a participação da família e da sociedade no âmbito escola, porém na prática é muito difícil, mais alguns pais participavam ativamente da sala de recurso, tinha duas mães que participavam das atividades juntamente com seus filhos, toda vez que solicitava a presença dos pais eles compareciam, caso não pudessem vim, avisavam e acabavam vindo outro dia, era uma parceria muito boa”. (Pro)

A entrevistada acreditava que a Sala de Recursos contribui para melhorar o processo de aprendizagem com qualidade para as crianças e adolescentes que apresentavam deficiência. Não tem dúvida que a Sala de Recursos contribua muito para essa aprendizagem. Afirmam:

“Com certeza, pois durante o trabalho que fiz com as crianças com crianças especiais ajudava não só aluno com deficiência, mais os alunos ditos “normais”, acabava ajudando a todos.” (Pro).

Ainda neste contexto, o trabalho coletivo entre os pares era estimulado pela Pro, pois acreditava que o trabalho grupo melhora o aprendizado do aluno, permitindo reflexão, discussão, interação social, os alunos eram separados conforme as deficiências, ou seja, eram duplas ou trios que apresentavam características semelhantes e planejava juntamente com eles as atividades que seriam desenvolvidas durante a semana e seus objetivos na aprendizagem deles.

“aproveitava os que tinha deficiência intelectual, você formava dupla ou trio e fazia o atendimento coletivo. Se não for possível, é meio difícil e complicado, eu acho, pegar de duas deficiências diferentes [...] Porque cada um tem a sua necessidade, e se a gente pega um deficiente intelectual e um deficiente auditivo pra trabalhar ao mesmo tempo, claro que tem atividades que podem ser aplicadas para os dois, mas tem atividades que são destinadas ao deficiente auditivo e ao deficiente intelectual. É bom porque eles se interagem, faz um trabalho coletivo” (Pro)

3.2.3 Relação da família e da sociedade com a Sala de Recursos

A educadora relata que sempre houve uma boa relação da Sala de Recursos com a família e a sala regular.

“Posso falar da época que estava na sala de recursos, buscava esta sempre interagindo com os professores buscando saber como o menino estava evoluindo na sala de aula, acho necessário a interação com os colegas de trabalho, pois eles ficam muito mais tempo com o aluno, e acabava orientando a melhor maneira de fazer aquele no a desenvolver suas atividades, chamava também a família para ajudar. [...] Eu sempre chamava a família como disse antes, chamo a família pelos a cada dois meses, às vezes quando necessário chamo antes, tem mães que participava ativamente, pelo menos na época que eu era responsável pela sala de recurso”. (Pro)

A educadora concorda que a sociedade historicamente sempre excluíram as crianças e adolescentes que apresentavam alguma dificuldade especial, mesmo assim busca estratégia de intervenção conjunta, pois a Sala de Recursos não tem como trabalho de forma isolada. Como podemos identificar no discurso abaixo da Pro:

“A sala de recurso não é um trabalho sozinho, tem que está sempre em parceria como professor da sala regular [...] Bem a sociedade sempre excluiu esses alunos, o que eu fazia para facilitar a convivência dos alunos que frequentava a sala de recurso com a comunidade escola, era permitir que os alunos na hora do intervalo levasse colegas para conhecer a sala de recurso, os colegas deles queriam fazer parte, queriam que eu atendesse eles também, ai eu explicava o que era a sala e seu objetivo, percebi que abrir a sala no intervalo ajudava os alunos que nela era atendidos. Normalmente quem explicava o objetivo da sala era o aluno com deficiência. É claro que isso não fez acaba o preconceito, mais ajudou bastante a diminuí-lo. (Pro)

A entrevistada afirma que utilizam as vivencias do cotidiano do aluno para ajuda-lo na aprendizagem, respeitando a historia de cada educando e buscava incorpora-las ao processo de ensino e aprendizagem. Que os alunos tem uma participação efetiva no planejamento e operacionalização.

“Sempre tentei conhecer meu aluno, para usar sua vivencias para pode construir junto com eles as atividades que seriam desenvolvidas durante os atendimentos da sala de recurso. As atividades e as preocupações presentes na sala de recursos são relacionadas com atividades desenvolvidas na sala” (Pro)

3.2.4 Síntese do Discurso da Professora da Sala de Recursos

Durante a entrevista a educadora explicou o papel da Sala de Recursos e as contribuições na aprendizagem de crianças com algum tipo de deficiência. Sendo que esse papel, consistia numa parceria, com diversos profissionais, dentro e fora da escola, afirma que a parceria é extremamente importante para melhor desenvolvimento do aluno, principalmente com a sala regular, pois é onde o aluno fica mais tempo, essa parceria contribui para que o professora saiba como lidar com esses alunos especiais e como pode fazer para que esses consigam melhorar sua aprendizagem

A professora afirma que existem vários desafios que a Sala de Recursos enfrenta: o principal é a falta de um diagnóstico e a dificuldade do professor identificar na sala regular o aluno que pode ter alguma dificuldade no processo de aprendizagem.

A educadora acreditava que o trabalho coletivo contribuía no processo de aprendizagem do aluno, que era necessário proporcionar um ambiente, que reforçava os conteúdos curriculares utilizados nas salas regulares e que oferecia um ambiente educativo acolhedor e harmonioso, permitindo que o aluno seja um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento. A educadora afirma que o brincar e as atividades de expressões artísticas, a cultura e a criatividade permitia que os alunos aprendessem de forma prazerosa. Considerava que a inclusão jogos na prática pedagógica estimulava o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e sociointeracional.

A educadora concorda que a sociedade historicamente sempre excluía as crianças e adolescentes que apresentavam alguma dificuldade especial, mesmo assim busca estratégia de intervenção conjunta com os pais, professores e alunos que permita fortalecer a convivência social, pois a Sala de Recursos não tem como trabalho de forma isolada, precisa trabalhar com parcerias com os professores da sala regular, alunos da sala regular, familiares e a comunidade.

3.3. O conteúdo dos discursos do Coordenador e do Diretor da Escola

Para fins de citação dos sujeitos que aceitaram a fazer a entrevista, em respeito ao direito do sigilo e não divulgação de identidades, cada ator seguindo-se aleatoriamente a numeração serial. Entrevistas realizadas com a equipe Administrativa, um coordenador e

um diretor da escola. Aqui chamarei de ADM 1 e ADM 2. Conforme as entrevistadas estão trabalhando na atual instituição no cargo de gestão há pouco tempo.

3.3.1 A implantação da Sala de Recursos na escola, critério seletivo do profissional, perfil dos alunos e contribuição à formação discente

As duas entrevistadas concordam que essa Sala de Recursos foi a implantada no município devido à sua centralização, por ser uma escola de grande porte e atender uma demanda significativa de vários povoados com crianças e adolescentes rotulados de “aluno problemas”, assim afirmam que:

“Primeiro por causa do tamanho. Essa é basicamente uma das maiores escolas do município de Campo Formoso. Então isso é relevante, o número de alunos aqui é muito relevante, é sempre acima de 500 (quinhentos). Ele abarca um grande potencial da sede de Campo Formoso. Então isso se faz com que se torne necessário uma sala de recurso aqui também. acredito que por conta do local nós temos o que é chamado, é rotulado de ‘aluno problema’, então quando se vê essa questão como ‘aluno problema’ normalmente é um aluno que é direcionado à sala de recurso pra vê realmente se tem alguma deficiência que possa ser trabalhada na sala de recurso, então é nessa forma que eu encaro”. (ADM 1)

“acredito que o Colégio foi o primeiro no município contemplado com a Sala de Recursos por ser um colégio de grande porte. E uma das maiores escolas do município de Campo Formoso, provavelmente devido a demanda e a localização da escola, que tem bom acesso tanto para quem mora na sede quanto para quem mora no interior”. (ADM 2)

Conforme as entrevistadas não sabem quais são os critérios para a escolha do profissional responsável pela Sala de Recursos, que a escola não tem autonomia para escolher esse profissional, pois essa escolha é realizada através da Secretaria de Educação, no entanto acreditam que seja pela formação acadêmica e a experiência. Contudo as duas concordam que:

“Na maioria das vezes alguém que fez psicopedagogia, ou tem treinamento ou experiência na área, mais nem sempre é assim. Às vezes a escolha é política, às vezes algum grupo político se dá ao trabalho de investigar a formação da pessoa, outras vezes não, simplesmente é só para dá um cargo a pessoa, não é só nessa escola é algo municipal, na maioria das vezes o profissional não sabe o que é uma sala de recurso, porém depois de ser direcionada para lá é feito um treinamento com esse profissional. “as vezes eles não sabem” e vão

passar por treinamento, para atuarem nessas salas, pois depende da boca a que pertence. Infelizmente são cargos políticos.”. (ADM 1)

“É uma escolha realizada pela Secretaria de Educação, assim como as coordenações e a direção também, acredito que é levado em conta a formação acadêmica e as experiências. Contudo, essa escolha é política partidária, todos os responsáveis pela Sala de Recursos, passam por um treinamento na Secretaria de Educação antes de assumir a Sala de Recursos” (ADM 2).

Na opinião das entrevistas o perfil dos alunos que frequentam a Sala de Recursos não tem um diagnóstico o que dificulta o trabalho dos professores, no entanto tem opiniões diferentes sobre os alunos que frequentam a sala como podemos perceber nos discursos a seguir:

“O aluno problema [...] O aluno que não presta atenção na aula, o aluno que é disperso, o aluno que demonstra algum tipo de deficiência. Existem casos de aluno que vem para escola, na matrícula eles já trazem laudos, então o laudo já indica que tem alguma deficiência e que precisa ser acompanhado. Mas a maioria dos alunos precisam ser investigados”. (ADM 1)

“O aluno que tem algum tipo de deficiência como auditiva, visual, intelectual, transtorno de aprendizagem, ou seja, todo alunos que apresente dificuldade no processo de aprendizagem”. (ADM 2)

Diante dos discursos encontramos os desafios e as contribuições da Sala de Recursos para aprendizagem dos alunos, tendo como primeiro desafio que Sala de Recursos enfrenta a falta de um diagnóstico, o prejudica a atuação do professor responsável pela Sala de Recursos, como observamos nos relatos abaixo:

“A maioria não tem diagnóstico. Então aqui quando o professor diz assim: O fulano de tal é muito disperso, fulano de tal não faz a tarefa, ele não consegue se concentrar. Este aluno é direcionado para a sala de recurso para ser feito uma investigação, se for diagnosticado que tem realmente alguma deficiência que possa ser trabalhada na sala de recurso, e tentado colocar este aluno é encaminhado para a sala de recurso mais próxima de sua casa”. (ADM 1)

“A Falta de diagnóstico, prejudica muito o profissional que trabalha na Sala de discurso, pois eles precisam enviar o aluno para avaliação, e muitas vezes demoram muito tempo e esse aluno precisa ser trabalhando enquanto isso, então um grande desafio é falta desse diagnostico” (ADM 2)

O segundo desafio que Sala de Recursos esta encontrando é a alternância de poder que está ocorrendo na gestão municipal, que infelizmente esta prejudicando o trabalho desenvolvido pela responsável pela sala.

“A cidade esta vivendo um momento muito complicado politicamente, então existem professores que não se falam, existe um conflito muito grande, não vou dizer nomes, mais tem professores que viram a cara quando passa pelo outro, que atualmente esta ocupando o cargo que antes era dele. Isso prejudica só o aluno”. (ADM1)

“Estamos vivendo muita dificuldade devido às mudanças politicas, pois provocou um clima de insegurança, desconfiança e conflito entre o corpo docente” (ADM 2)

O terceiro desafio esta falta de comunicação na equipe docente, considerando que a Sala de Recursos não tem como trabalhar sozinha, precisa trabalhar em conjunto com o professor da sala regular.

“Nesse momento isso está muito difícil, pois os professores por questões políticas tem dificuldade de se relacionar, o que acaba dificultando esse trabalho, mais sempre percebo as professoras da sala de recurso chamar os professores para conversar e alguns respondem dizendo que não tem tempo, outros sentam e conversam”. (ADM 1)

“Os relacionamentos entre os professores, com a nova gestão e professor da Sala de Recursos está muito difícil devido a questões políticas, dificultando a comunicação entre a equipe, consequentemente acaba prejudicando os alunos infelizmente”. (ADM 2)

Ainda neste contexto, as entrevistas afirmam existem varias contribuições provocadas pela Sala de Recurso, que uma delas é a melhora dos alunos no seu desenvolvimento acadêmico e na sua interação com outros alunos. Como podemos observar em seus relatos.

“Em primeiro momento o que vinha a minha cabeça, quando se falava em sala de recurso, que era uma ajuda ao professor, só depois que a gente tem contato com a Sala de Recursos e que a gente entende que essa ajuda se transforma em uma forma de ajudar ao próprio aluno, numa investigação com relação à deficiência que ele tem e o tratamento dessa deficiência” (ADM 1).

“A Sala de Recursos contribui com processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais, percebo que o aluno melhora quando começa a frequentar a sala, começam a interagir mais com colegas, as notas melhoram etc.” (ADM 2)

As entrevistadas acreditam que outra contribuição é a identificação da melhor forma de trabalhar com o aluno que possa contribuir com seu desenvolvimento no processo de aprendizagem.

“a partir do momento que o professor tem a volta do aluno com um diagnostico, que entende que o aluno não enxerga direito, não ouve direito, não processa a informa como poderia ser processada, ele começa a trabalhar junto com a Sala de Recursos para dá um direcionamento, então o professor da sala de recurso ajuda o profissional como trabalhar os conteúdos com esse próprio aluno, como os tipos de atividade, maneira de trabalhar com esse aluno para possa ter um melhor aprendizado”. (ADM 1)

“A Sala de Recursos ajuda o professor da Sala Regular, pois acabam juntos descobrindo uma forma de ajudar o aluno aprender, assim claro , ajuda o professor da Sala Regular, por isso é importante que o professor da Sala regular e da Sala de Recursos tenham uma boa comunicação, para o bem do aluno”. (ADM 2)

As entrevistadas afirmam que quando o professor da sala regular trabalha de forma conjunta com o professor da Sala de Recursos com certeza os alunos são beneficiados, que esta comunicação e trabalho em equipe é muito importante para o desempenho do aluno com necessidades especiais.

“Não posso falar com propriedade sobre isso, o que posso dizer que o aluno começar a melhoras em todos os sentidos, pelo menos é o que vejo, melhora na parte acadêmica, apresenta mais facilidade de interação, aumenta a autoestima, talvez porque o professor do regular ‘quando aberto’ descobre como ajudar esse aluno a aprender”. (ADM 1)

“Não sei como funciona a Sala de Recursos, mais pelos anos de trabalho que tenho desde surgiu essas salas percebi que os alunos que a frequentam melhoraram muito suas notas e a interação com colegas” (ADM 2)

Na opinião das gestoras quando o professor identifica as limitações e as potencialidades dos alunos especiais esse conseguem trabalhar melhor com aluno, não sabem como funciona o trabalho, no entanto sabem que trabalham através do lúdico.

“Espero que os alunos apresentem mais facilidade de aprender e que o professor da sala regular consiga lidar as limitações dos alunos e saibam aproveitar suas potencialidades. Não sei exatamente como funciona, mais a professora sempre afirma que o aluno precisa construir alguma coisa, um texto ou jogo”. (ADM 1)

“Acredito que a Sala de Recursos trabalha aquilo que o aluno com necessidades especiais tem de melhor, desenvolvendo seu potencial. Acho que a professora deixa o aluno mais livre, usando o lúdico para trabalhar com os alunos especiais” (ADM 2)

As entrevistadas acreditam que educador da Sala de Recursos estimulam os alunos com necessidades especiais a terem autonomia e a contribuírem com seu processo de aprendizagem, como comprovamos através de seus discursos abaixo:

“Percebo que as professoras procuram estimular os alunos a ter uma independência a tentar formas de fazer esse aluno a se desenvolver. Acredito que a sala de recurso contribui sim com melhor qualidade da educação do aluno, mais quando todos estão abertos tanto o professor da sala regular, a família e o professor da sala de recursos todos tem que trabalhar junto por bem maior que é o aluno, enquanto isso não acontecer, infelizmente nada vai funcionar”. (ADM 1)

“Acredito que os professores das Salas de Recursos ajudem esses alunos a cuidarem de si mesmo, a conseguirem desenvolver suas atividades sozinhos. Acho que a Sala de Recursos ajuda os alunos a melhorarem os desenvolvimentos, todos precisam contribuir para que as coisa funcionem bem, como a família e os professores da sala regular”. (ADM 2)

As entrevistadas afirmam que são poucos os pais que comparecem somente para as reuniões, não acompanham de forma continuam seus filhos como afirma a seguir:

É convidada sempre pelas professoras, só que tenha visto convidaram três vezes a família, teve uma família só apareceu quando as professoras foram visita-la. É muito complicado, parece que alguns não tem interesse ou já se conformaram com a dificuldade do aluno (ADM 1).

“Alguns pais são mais comprometidos frequentam as reunião, querem saber como estão seus filhos na escola, outros dificilmente aparecem, vem apenas no momento da matricula depois simplesmente desaparecem” (ADM 2).

As entrevistadas acreditam que o professor respeita a história e vivências do aluno incorporando-as ao processo de ensino/aprendizagem do aluno conforme os discursos das entrevistadas a seguir:

“Acredito que sim, pois as vezes vejo elas discutindo os casos dos alunos, e dizendo que talvez fosse melhor usar tal material, pois esta mais próximo do cotidiano desse aluno, então acredito que respeitem a historia de cada aluno”. (ADM 1)

“Pelo que pude perceber, a responsável pela Sala de Recursos, busca sempre as vivências dos alunos para utilizar como base de seu trabalho”. (ADM 2)

3.3.2 Síntese do conteúdo dos discursos do coordenador e da Direção da Escola

As entrevistadas acreditam que a escola foi escolhida para implantação da Sala de Recursos, por ser uma das maiores escolas do município de Campo Formoso, provavelmente devido a demanda e a localização da escola, que tem bom acesso tanto para quem mora na sede quanto para quem mora no interior. Os alunos são os professores da sala regular e passam por uma avaliação com a psicopedagoga e são encaminhados para outros profissionais da rede de atenção do município. Existem vários desafios para profissional da Sala de Recursos como a falta de diagnóstico, a resistência de alunos e pais a continuarem a frequentar a sala, conflitos com o corpo docente devido às mudanças políticas.

As entrevistas informam que o professor na sala de recursos procura abrir espaço para autonomia e o crescimento livre do aluno, motivando o aluno, estimulando a autoestima e a interação social. Relatam que apesar de todas as dificuldades enfrentadas acredita que a Sala de Recursos contribui com uma aprendizagem de qualidade das crianças e adolescentes que apresentam deficiências, que a educadora sempre utiliza o cotidiano do aluno nas atividades desenvolvidas na Sala de Recursos. O educador responsável pela Sala de Recursos busca identificar as limitações e as potencialidades dos alunos, estimulando que esses possam ter autonomia e construam seu próprio conhecimento tendo o professor no papel de mediador.

3.4. Conversa com os alunos

Para fins de citação dos sujeitos que aceitaram a fazer a entrevista, em respeito ao direito do sigilo e não divulgação de identidades, cada ator seguindo-se aleatoriamente a numeração serial. Entrevista realizadas com 5 alunos ambos os sexo. Aqui chamarei de Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4 e Aluno 5.

3.4.1 A importância do vínculo afetivo com o profissional

Na opinião dos alunos a Sala de recursos contribuiu muito para melhora a aprendizagem deles e a socialização. Como podemos observar em seus discursos abaixo:

“Fazemos várias atividades, eu melhorando minha leitura em braile, depois da sala de recurso consigo lê. Mudou sim, fiquei mais atenta, presto mais atenção nas coisas que estão a minha volta, consigo fazer as coisas sozinhas”. (Aluno 1)

“A gente sempre trabalhava minha dificuldade de memorizar de fazer textos. Gosto muito de montar o quebra-cabeça. Ajudava sim, comecei a tirar notas boas, até passei de ano, meus colegas ficavam querendo ir para sala também. Mudou muito, presto mais atenção, tinha mais facilidade na escola”. (Aluno 2)

“no ano passado me ajudou, na hora do intervalo levava meus colegas para a sala de recuso, eles queria participar também, era legal mesmo, meus colegas achavam mesmo, eu sempre contava o que eu fazia lá. [...] Mudou um pouco, tinha mais amigos e tirava até notas melhores”. (Aluno 3)

“Me ajudaram bastante a professora da sala de aula disse melhorei minha criatividade e em português. Melhorou fiz mais amigos e tirei notas maiores”. (Aluno 4)

“Tinha sim, era mais divertido na sala de recurso sempre ficava com amigo pois também tenho baixa visão. Na sala de recursos agente montava texto, a professora conversou com os outros professores as provas foram adaptadas para gente, comecei a tirar nota melhor. Mudou, melhorei minhas notas”. (Aluno 5)

Um ponto que na opinião dos alunos que as atividades realizadas na Sala de Recursos, proporcionaram autonomias desses, como percebe-se em suas afirmações a seguir:

“Têm sim. na sala de recurso leio sozinha e faço diversas atividades. Na sala de recurso leio sozinha e faço diversa atividade sozinha e a professora me incentiva a fazer essa atividade sozinha, na sala regular

é difícil até ouvir porque devido a bagunça dos colegas, consigo andar pela escola sozinha o que pra mim é maravilhoso”. (Aluno 1)

“Gostava de todas as atividades. Eu gostava de montar textos, era muito difícil na sala, mais lá ficava divertido. Por que a professora dava figuras e a gente ia fazendo”. (Aluno 2)

“A sala de recurso me fazia pensar, sempre discutíamos alguns assuntos, era legal fazer atividades com minha amiga. A gente montava muitas historinhas em quadrinhos era a que eu mais gostava. Eu gostava de discutir com minha amiga como seria a historia e era divertido uma queria um final e a outra queria outra, a tínhamos que entrar acordo. A professora dizia que só podia ter um final e tinha que escolher, era legal”. (Aluno 4)

“A professora pedia para um ajudar o outro, depois dava as atividades e se tinha duvida a professora ajudava, pedia para gente refletir era legal. Todas as atividades era legal e eu me colega disputavam quem fazia a melhor historia, era divertido quando tínhamos que fazer a mesma historia. (risos) a gente sempre brigava mais tudo abava bem, sinto falta dele”. (Aluno 5)

3.4.2 Dificuldades no ambiente escolar, quanto à preocupação com o mercado de trabalho e o trabalho pedagógico coletivo

Os alunos relatam que sempre tiveram dificuldade no ambiente escolar, pois não conseguiam acompanhar a evolução acadêmica dos outros colegas, além disso, tinha dificuldade em se socializar, o que tornava o ambiente escolar desagradável para todos. Como de perceber a seguir:

“Só que às vezes meus colegas acham que a professora é quem me dá nota e que não tenho capacidade de tirar uma boa nota só porque não consigo enxergar” (Aluno 1)

“Não gosto da escola, é sempre a mesma coisa o professor chega passa a materia explica e vai embora, não entendo nada”. (Aluno 2)

“Não gosto da escola, não entendo nada [...] é ruim porque repito muito e sou o mais velho da sala e o maior é ruim, pois todo mundo é pequeno, por isso queria para estudar e começar a trabalhar, mais meu pai diz que importante eu continuar indo”. (Aluno 3)

Ainda neste contexto, os alunos afirmam que a continuam frequentado a escola devido à importância para seu futuro profissional como podemos confirmar abaixo:

“É um lugar para estudar, porque a gente só pode ter um trabalho bom se a gente estudar”. (Aluno 1)

“É sim, por isso continuo indo. Por que se não fica difícil arrumar emprego”. (Aluno 2)

“Queria era trabalhar. Por que eu não consigo aprender e preciso é arrumar um emprego”. (Aluno 3)

“Precisa estudar para consegui alguma coisa, minha tia é advogada eu quero também ter uma profissão”. (Aluno 4)

“Porque se não estudar. como vamos trabalhar?” (Aluno 5)

Durante as entrevistas os alunos relataram a importância do trabalho coletivo que era desenvolvido na Sala de Recursos com alunos que tinham deficiências semelhantes, e quanto esse trabalho contribuiu na aprendizagem desses e de seus pares. Assim, como podemos observar em seus discursos abaixo:

“No ano passado eu fica na sala junto com um colega e um ajudava ou outro agora fico sozinha e é chato. Eu lia pra ele, depois ele lia pra mim, as vezes explorávamos na sala e os jogos era bem legal. Eu gostava muito de ensinar meu colega, agora é chato ficar sozinha. É muito bom poder ajudar outras pessoas, me sinto muito bem”. (Aluno 1)

“Trabalhava com várias, porque tenho retardo no meu desenvolvimento, assim ela todo dia de atendimento trabalha uma coisa comigo e meu colega. Quebra-cabeça, programas de jogos no computador, escrever texto, matemática, sei lá era muito legal. [...] Às vezes eu não conseguia fazer uma atividade meu colega me ajudava, as vezes eu ajudava ele era legal. A professora pediu uma vez, depois a gente mesmo pedia ajuda, ou já fazíamos juntos. Gostava de tudo, agora é chato, tenho que fazer sozinho”. (Aluno 3)

“Era, divertido eu sempre fazia atividades junto com minha amiga, que tinha o mesmo problema, no intervalo sempre levava uma amiga para conhecer a sala, elas achavam um máximo [...] Nos gostávamos de montar historias, quando eu não sabia e ela me ajudava, quando ela não sabia eu ajudava, era legal. A professora dizia que era bom quem soubesse podia ensinasse o outro, era muito legal, da hora”. (Aluno 4)

Durante a entrevista buscou saber se existia uma parceria entre a Sala de Recursos com as famílias, conforme suas afirmações a seguir:

“Minha mãe quando a professora chama ela sempre vem. Conversar com a professora, acho que para saber como estou aqui”. (Aluno 1)

“Tinha sim, era divertido, as vezes minha mãe ficava comigo.[...] Eu tinha um colega e as vezes as mães ficavam também, era divertido. Minha mãe sempre vai conversar com a professora, participa das atividades, as vezes era a mãe do meu colega”. (Aluno 2)

“Meu pai as vezes conversava com a professora”. (Aluno 3)

“Minha mãe quando a professora chama ela sempre vem conversar com a professora”. (Aluno 4)

“Minha mãe quando a professora chama conversar com a professora”. (Aluno 5)

3.4.3 Síntese do conteúdo do discurso dos Alunos

Durante as entrevistas a maioria dos alunos afirmava que a escola é importante, pois acredita que terá uma oportunidade de emprego caso tenham um nível educacional melhor. Relatam as dificuldades no ambiente escolar, pois não conseguiam acompanhar a evolução acadêmica dos outros colegas, além disso, tinha dificuldade em se socializar, o que tornava o ambiente escolar desagradável para todos. Os alunos falam que as atividades realizadas na sala de recurso, contribuiu para sua autonomia e aprimoramento seu conhecimento. Preferiam realizar as atividades em duplas e trios, um ajudava o outro, demonstrando a importância da construção coletiva e solidariedade entre os pares que permitia um melhor aprendizado. A família era chamada com frequência para discutir com a professora o que a família poderia contribuir para melhorar o aprendizado do aluno.

Os alunos são unânimes em afirmam que gostavam de frequentar a Sala de Recursos. Relata que a antiga professora trabalha as dificuldades dele de memorização e construção textual, gostava dos jogos que utilizava na sala de recursos, acredita que essas atividades o ajudaram na sala regular, assim como também na interação com outros colegas, devido a professora permite que esses alunos levasse colegas durante o intervalo para conhecer o funcionamento da sala e suas atividades. Dessa forma, os alunos gostavam de ficar mais na sala de recurso do que na sala regular, devido as atividades desenvolvidas junto com seus pares. Mostrando a importância da construção coletiva e solidariedade entre os pares trabalhando a coletividade e como acontecia esse trabalho na sala de recursos, a educadora incentivava essa construção coletiva de conhecimento, permitindo a construção de espaço nutritivo para aprendizagem do aluno, permitindo que a família pudesse contribuir. A família era sempre chamada para ir conversar com a professora sobre o desempenho do aluno.

3.5 Conversa com os Pais

Para fins de citação dos sujeitos que aceitaram a fazer a entrevista, em respeito ao direito do sigilo e não divulgação de identidades, cada ator seguindo-se aleatoriamente a numeração serial. Entrevista realizadas com os pais, foram 4 mães e 1 pai. Aqui chamarei de Mãe 1, Mãe 2, Mãe 3, Mãe 4 e Pai 1. Analisando o discurso foi encontrada a categoria Contribuições da Sala de Recurso para aprendizagem e socialização.

3.5.1 Contribuições da Sala de Recursos para aprendizagem e socialização

Os pais afirmam que a Sala de Recurso contribuiu para a aprendizagem e a socialização de seus filhos como podemos observar nos discursos abaixo:

“Foi muito, ele melhorou muito na escola, meu filho tinha muita dificuldade de socialização, depois que começou a frequentar a sala de recurso ocorreu uma melhora importante. [...] Quando ele tirava notas melhores é uma alegria muito grande pra ele, pois sempre era o pior da sala, sempre reprovado, essas mudanças prejudicaram muito ele Hoje a aula que ele mais gosta é exatamente a aula que professora [...] dá na escola, e onde ele mais tira maior nota”. (Mãe 1)

“É muito boa, ele melhorou muito na escola. Não sei como é trabalhado lá dentro, mais sei que meu filho melhorou na escola, na socialização. Essa sala recurso foi muito boa”. (Pai 1)

“Pode sim, minha melhorou bastante na escola e até na convivência com a irmã”. (Mãe 2)

“Acho que os professores sabem lidar melhor com as dificuldades dele, depois que a professora da sala de recurso conversou com eles”. (Mãe 3)

“Melhorou, ela chegava feliz da escola, por que tinha conseguido fazer as atividades, não chorava mais quando tinha atividades para fazer em casa”. (Mãe 4)

Na Sala de Recurso ocorreu a mudança da professora responsável, devido a alternância de poder que ocorrem no município, mudou-se a responsável pela Sala de Recurso, o que provocou uma resistência muito grande nos alunos que estavam sendo acompanhados. Conforme os discursos abaixo:

“agora se recusa a ir para a sala de recurso devido as mudanças de professora, ele tem muita dificuldade de lidar com essas mudanças, ele passava com a psicóloga com essa troca de prefeito também mudou a psicóloga, ele também não quis mais ir” (Mãe 1).

“porém hoje ele esta indo com muita dificuldade, por que é um troca, troca de professor. Ele reclama muito. Percebo que ele só vai por que eu mando, ele reclama mais vai”. (Pai 1)

“Mais ela não vai mais para sala, porque não gosta de ficar sozinha e trocaram a professora, agora mandaram para outra escola, é mais perto de casa, ela disse que agora não vai, já fiz de tudo, mais ela não vai, vou fazer o que?” (Mãe 2)

“apesar das mudanças que ocorreram acho que ele não sentiu muito, porque começou em novembro do ano passado, e agora ficou mais perto de casa” (Mãe 3)

“mais ela quer mais ir de forma nenhuma, disse que não é mais a professora dela. [...] Mais agora não tem quem faça ela voltar para sala de recurso, e agora que querem fechar dizendo que não tem professor e não tem alunos, é só colocar a professora de volta oras. Essa politica de Campo Formoso é nojenta.” (Mãe 4)

Na opinião de todos os entrevistados a professora da Sala de Recursos sempre chamou para discutir o desenvolvimento de seus filhos e refletir sobre as estratégias que seriam adotadas para melhorar o desempenho na aprendizagem e na socialização dos alunos que frequentavam a Sala de Recursos do colégio como vemos a seguir:

“às vezes ficava na sala junto com ele, a professora trabalhava exatamente a dificuldade que ele apresentava. Muitas vezes participei das atividades junto com ele, era muito bom, eu gostava muito, ele melhorava muito. Depois da saída da professora ele não quis mais voltar percebi que ele regrediu muito na escola, acho que será reprovado novamente, o que pra ele é muito difícil.” (Mãe 1)

“Sempre que sou chamado vou, só que trabalho muito e minha esposa tem depressão, infelizmente nunca participei de nenhuma atividade, mais já fui convidado” (Pai 1)

“Sim, mais tenho outra filha menor, fica muito difícil, mais toda vez que a professora chama ou convida para participar de alguma coisa eu vou”. (Mãe 2)

“a professora da sala de recurso falou me disse que conversaria com os professores, para falar da dificuldade dele, depois disso meu filho melhorou muito na escola. Quando eu consigo eu vou, mais trabalho, antes precisava levar ele para meu trabalho para depois levar ele na

escola, agora como é perto de casa ele vai sozinho, descansar e almoça em casa”. (Mãe 3)

“Sim, varias vezes, e não dava para ir direto devido meu trabalho e tenho outros filhos pequenos” (Mãe 4)

3.5.2 Síntese do conteúdo do discurso dos Pais

Em seu discurso, os pais reconhecem que tinham muita dificuldade de lidar com as deficiências dos filhos e que a escola acabava sendo um local hostil para essas crianças e adolescentes que a pós iniciarem os trabalhos na Sala de Recursos às coisas melhoraram. Os pais afirmam que tinham conhecimento da deficiência do filho, dessa forma, buscaram ajuda que contribuíssem no enfrentamento das dificuldades ocasionadas pela deficiência, assim esses, confirmam que as crianças e adolescentes com necessidades especiais sempre tiveram problemas na socialização e dificuldade na aprendizagem. Nesse contexto, a Sala de Recurso contribuiu para a aprendizagem e a socialização de seus filhos, o desempenho das crianças melhoraram e tinham mais prazer em frequentarem a escola.

Além das dificuldades já enfrentadas devido a deficiência, os alunos ainda tiveram que lidar com outra situação que trouxe desconforto emocional, pois a Sala de Recursos passou por um processo de mudança profissional, em que ocorreu a substituição do técnico responsável pela sala devido a questões políticas partidárias que ocorreram no município. A antiga professora já atuava na Sala de Recursos há 2 anos, a mesma já tinha construído um vínculo afetivo com ao alunos e familiares, traçado um projeto de trabalho significativo para ajudar as crianças, adolescentes e suas famílias. A saída da professora influenciou de maneira negativa as relações entre professor e alunos ocasionando uma dificuldade na continuidade do trabalho que estava sendo realizado na sala de recurso. A nova professora tinha um olhar diferenciado sobre a forma de atuação na Sala de Recursos, então além da dificuldade emocional de adaptação, eles ainda tiveram que lidar com a nova forma de trabalho da atual professora, criando assim uma resistência dos alunos a retornarem os atendimentos no ano de 2015.

Na opinião dos entrevistados a professora da Sala de Recursos sempre chamou para discutir o desenvolvimento de seus filhos e refletir sobre as estratégias que seriam adotadas para melhorar o desempenho na aprendizagem e na socialização da criança no colégio. Os pais não ficaram surpresos com as diversas mudanças, como: a substituição

da educadora, o local de funcionalmente da Sala de Recursos, a falta de alunos, todos eles alegam que essas mudanças foram em consequência da política partidária do Município. Diante de todas as alterações ocorridas as crianças e adolescentes, se recusaram a retornar a Sala de Recursos para a continuidade do trabalho que era realizado.

3.5.3 Síntese geral de todos os conteúdos dos discursos das professoras, gestoras, alunos e pais

Durante a pesquisa de Campo presenciou-se no trabalho da professora responsável pela Sala de Recursos. Durante a entrevista a educadora explicou o papel da Sala de Recursos e as contribuições na aprendizagem de crianças com algum tipo de deficiência. Sendo que esse papel consistia numa parceria, com diversos profissionais, dentro e fora da escola, afirma que a parceria é extremamente importante para melhor desenvolvimento do aluno, principalmente com a sala regular, pois é onde o aluno fica mais tempo, essa parceria contribui para que o professora saiba como lidar com esses alunos especiais e como pode fazer para que esses consigam melhorar sua aprendizagem

A professora afirma que existem vários desafios que a Sala de Recursos enfrenta: o principal é a falta de um diagnóstico e a dificuldade do professor identificar na sala regular o aluno que pode ter alguma dificuldade no processo de aprendizagem.

A educadora acreditava que o trabalho coletivo contribuía no processo de aprendizagem do aluno, que era necessário proporcionar um ambiente, que reforçava os conteúdos curriculares utilizados nas salas regulares e que oferecia um ambiente educativo acolhedor e harmonioso, permitindo que o aluno seja um agente ativo na construção do seu próprio conhecimento. A educadora afirma que o brincar e atividades de expressões artísticas, a cultura e a criatividade permitia que os alunos aprendessem de forma prazerosa. Considerava que a inclusão jogos na prática pedagógica estimulava o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e sociointeracional.

A educadora concorda que a sociedade historicamente sempre excluía as crianças e adolescentes que apresentavam alguma dificuldade especial, mesmo assim busca estratégia de intervenção conjunta com os pais, professores e alunos que permita fortalecer a convivência social, pois a Sala de Recursos não tem como trabalho de forma isolada.

Neste sentido as gestoras afirmam, que existem vários desafios para o profissional da Sala de Recursos, principalmente a resistência de alunos e pais de continuarem a frequentar a sala, pois o conflito com o corpo docente devido às mudanças políticas se fazem presentes impedindo à reflexão sobre a necessidade de se ter consciência do despertar da competência humana e profissional que se deve ter um educador. Acreditam ainda, que o professor na Sala de Recursos deve procurar abrir espaço para autonomia e o crescimento livre do aluno, através da motivação, do estímulo da autoestima e da interação social. E que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, também acreditam que a Sala de Recursos contribui no processo de aprendizagem com qualidade para as crianças e adolescentes que apresentam deficiências na aprendizagem.

A maioria dos alunos como podemos observar durante as entrevistas enfrentaram várias dificuldades no ambiente escolar, pois não conseguiam acompanhar a evolução de aprendizagem com os outros colegas, devido as dificuldades de se socializarem, que segundo eles, o ambiente escolar era desagradável para todos. Contudo, declararam, ainda, que nas orientações anteriores, das atividades realizadas na sala de recurso, contribuíram muito para sua autonomia e aprimoramento de seus conhecimentos. Desta forma concluíram, que preferiam realizar as atividades em duplas e trios, um ajudando o outro; demonstrando assim, que gostavam de frequentar a Sala de Recursos com a antiga professora, porque o seu trabalho despertava suas potencialidades ao tempo, que destacava a importância da construção coletiva e da solidariedade entre os pares o que permitia uma melhor aprendizagem.

Diante disso, no conteúdo dos discursos dos pais, confirmaram que as crianças e adolescentes com necessidades especiais sempre tiveram problemas na socialização e dificuldade na aprendizagem. Mas que, foram evidentes as contribuições que a Sala de Recurso apresentou na aprendizagem de seus filhos quanto à socialização, à melhoria no desempenho das crianças e no prazer de frequentar a escola.

O ano de 2015 a profissional responsável pela Sala de Recursos, foi substituída trouxe um desconforto emocional, pois a já realizava o trabalho a há 2 anos, e que a mesma já tinha construído um vínculo afetivo com ao alunos e familiares, e também o traçado do seu projeto de trabalho tinha um significativo especial para ajudar as crianças, adolescentes e suas famílias. Desta forma, enfatiza concluindo que, a saída da professora

influenciou de maneira negativa as relações entre, professor, alunos e os pais, ocasionando uma dificuldade na continuidade do trabalho realizado na Sala de Recursos.

Capítulo 4 -A resposta às questões de investigação

Essa pesquisa realizou-se na Sala de Recursos do colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso, apresentou como objetivo geral compreender a existência da inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais da de recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – BA. A partir dessa busca de compreensão definimos como objetivos específicos os seguintes: Analisar a prática pedagógica operacionalizada em uma sala de recursos Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo, do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica e definir em que medida a prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora. Os objetivos estabelecidos funcionaram como pano de fundo dessa pesquisa.

Foi um longo período de observação, no qual elaboramos registros, juntamente com o recolhimento de dados e entrevistas abertas através do contato direto com os atores no campo de pesquisa, tentando responder as questões empíricas deste estudo. A partir deste ponto, estaremos realizando a interpretação clara e objetiva dos dados recolhidos na Sala de Recursos da Unidade Escolar do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo. Dessa forma, utilizamos o método etnográfico, técnica já usada pelos antropólogos, na qual consiste no estudo da realidade onde está inserido o objeto de estudo, possibilitando que os diversos elementos sociais existentes sejam analisados, buscando compreender a realidade e como essas são organizadas no âmbito socioculturais. Assim, os dados foram recolhidos através da observação participante, entrevista aberta e o recolhimento de documento.

De acordo com Brasil (2008), as Salas de Recursos Multifuncionais foram implantadas nas escolas municipais, com objetivo de auxiliar na aprendizagem que ocorre na sala regular. Essas salas apresentam como proposta, funcionar em horários contrários ao que a criança ou adolescente estuda, e contemplam o aprendizado de crianças e adolescentes que apresentam diagnóstico de alguma deficiência.

Como vimos, Atualmente, o Município conta com 17 Salas de Recursos, destas 3 estão na sede, e as outras estão distribuídas pelos povoados da zona rural, conforme dados contidos no censo, critério de contemplação pelo FNDE – Fundo Nacional de

Desenvolvimento da Educação. A Sala de Recursos do Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo, *locus* da nossa pesquisa, foi a primeira a ser implantada no Município por apresentar uma demanda grande de crianças e adolescentes com necessidades especiais, outro fator relevante foi a localização acessível e por ser uma instituição educacional de grande porte.

Pretendemos expor de forma clara e compreensível a prática pedagógica vivenciada na Sala de Recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira da Araújo no período de novembro de 2014, no qual realizamos a observação participante, com isso abordaremos traços característicos desse grupo específico, através da análise do quadro descritivo diário que foi apresentado.

Nesta perspectiva, observamos que o conhecimento prévio do aluno era valorizado, os conteúdos, os temas em discussão, que buscava contribuir com sua autonomia, fazendo com que esse fosse protagonista na construção do seu conhecimento. Existia também, uma preocupação da professora anterior em instigar o aluno a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar. Tal como acredita Papert (1985), que o professor pode estabelecer um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, para que os alunos construam seu próprio conhecimento. Assim, o professor precisa facilitar e permitir que a aprendizagem no ambiente escolar seja prazerosa e significativa, que na opinião Parpet (2008) o aluno possa desenvolver projetos ligados à realidade que o cercam e que sejam multidisciplinares.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/2006 (LDBEN) no seu artigo 58 entende “por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”. Segundo essa diretriz podemos entender que a escola inclusiva é aquela que está apta para receber todas as pessoas que desejem efetuar sua matrícula no sistema regular de ensino, pois a escola precisa oferecer “oportunidades e possibilidades de se construir enquanto seres humanos capazes de assumirem seus lugares na sociedade” (ALMEIDA et al., 2007).

No entanto a educação inclusiva está muito, além disso, pois a escola para ser inclusiva precisa promover que qualquer indivíduo consiga se integrar, principalmente o indivíduo com qualquer tipo de deficiência. Conforme Mantoan (2004, p.90) destaca que:

[...] a inclusão é uma consequência da transformação do ensino regular, do aprimoramento de suas práticas. Todo atendimento segregado, seja ele provisório ou definitivo, deriva de um paradigma educacional em que se fundamenta a Educação Especial, ou seja, de um sistema organizacional que admite a exclusão, parcial ou total do aluno deficiente e o trânsito deste do ensino regular para o especial e vice-versa.

Considerando que a educação inclusiva deve abranger a todos independentemente de ter ou não uma deficiência. É necessário pensá-la de forma mais ampla. Nessa visão Omote (2003, p.154), entende que “um princípio ideológico em defesa da igualdade de direitos e do acesso às oportunidades para todos os cidadãos, “independentemente das posses, da opinião religiosa política ou ideológica, dos atributos anatomofisiológicos ou somatopsicológicos, dos comportamentos”, Assim, independente das “condições psicossociais, socioeconômicas” todos têm direitos constituídos. Nessa perspectiva podemos nota que a Sala de Recursos buscou essa abrangência,

Na busca por essa integração surgiu a Sala de Recursos Multifuncionais, que de acordo com Brasil (2008), foram implantadas nas escolas municipais, com objetivo de auxiliar na aprendizagem que ocorre na sala regular. Essas salas apresentam como proposta, funcionar em horários contrários ao que a criança ou adolescente estuda, e contemplam o aprendizado de crianças e adolescentes que apresentam diagnóstico de alguma deficiência: seja física, visual, auditiva, intelectual, superdotação/altas habilidades e transtorno global do desenvolvimento. É importante salientar que as Salas de Recursos não devem ser confundidas como sala de reforço, essas precisam ter uma estrutura física que permita que o aprendiz possa desenvolver as várias atividades que podem ser proposta a ele, além da presença de equipamento, materiais didáticos e pedagógicos. A implantação da Sala de Recursos Brasil correu com objetivo de efetivar como preconiza a LDBEN, 9394/2006 no seu parágrafo único do artigo 60.

O poder público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educando com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições. (BRASIL, 2006)

Como vimos, o Município conta com 17 Salas de Recursos, destas 3 estão na sede, e as outras estão distribuídas pelos povoados da zona rural, conforme dados contidos no censo, critério de contemplação pelo FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da

Educação. A Sala de Recursos do Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo, *locus* da nossa pesquisa, foi a primeira a ser implantada no Município por apresentar uma demanda grande de crianças e adolescentes com necessidades especiais, outro fator relevante foi a localização acessível e por ser uma instituição educacional de grande porte.

Para o aluno ser encaminhado e acompanhado pela Sala de Recursos, esse deveria ter um diagnóstico comprovado, conforme o modelo de classificação e diagnóstico médico, contudo um dado provocou inquietação, pois podemos comprovar pelas entrevistas realizadas com a educadora e gestora que não é assim que acontece nessa instituição, os alunos são encaminhados e já iniciam o acompanhamento sem confirmação de um diagnóstico, como podemos comprovar nas entrevistas da professora e das gestoras no capítulo anterior.

Constatamos que principal desafio enfrentado na Sala de Recursos, o primeiro seria na opinião das entrevistas Pro 1, ADM 1 e ADM 2 é a falta de um diagnóstico e a identificação de crianças e adolescentes com necessidades especiais numa sala regular, o que vai de encontro ao Decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, que dispõe sobre o atendimento educacional especializado na implantação da Sala de Recursos, que seria oportunizar os serviços de apoio à inclusão de crianças e adolescentes que apresentam diagnóstico de necessidades especiais no âmbito escolar. Dessa forma, a criança ou o Adolescente seria encaminhado para Sala de Recursos após passar por uma avaliação multiprofissional.

Respondendo a nosso questionamento inicial se realmente ocorre na escola, há inclusão como preconiza a LDBEN, 9394/2006 – (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, podemos afirmar que o primeiro passo foi dado, com a implantação da Sala de Recursos, conforme o que norteia a lei, mais o processo está muito distante do ideal, conforme a Pro informa “o real nem sempre é o ideal”, podemos constatar que a inclusão é um processo gradual, que envolve transformações em vários campos, como física, social e cultura.

É importante ressaltar que a educadora da Sala de Recursos com a abertura da sala para os alunos e a comunidade escola, permitindo que o aluno com necessidades especiais fosse porta voz da Sala de Recursos, deu um grande passo para a evolução dentro dessa

unidade escolar do processo de inclusão. Contudo muito ainda, precisa ser refletido, discutido e planejado para realização concreta da inclusão.

4.1 A prática pedagógica operacionalizada na Sala de Recursos do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica

Neste estudo um ponto importante refletido entre os atores sociais foi às contribuições da Sala de Recursos para aprendizagem dos alunos, considerando o papel fundamento no desempenho do aluno da sala regular. Conforme as diretrizes do atendimento e apoio especializado para a Educação Infantil (BRASIL, 2000, p. 29). “Esse programa tem por objetivo promover o desenvolvimento das potencialidades da criação no que se refere aos seus aspectos físicos, psico-afetivos, cognitivos, sociais e culturais, priorizando o processo de interação e comunicação mediante atividades significativas e lúdicas”.

O que pode-se perceber durante a observação participante que o lúdico é utilizado como estratégia de intervenção, permitindo sair um pouco daquela ideia de escola tradicional, na qual o aluno é apenas um ouvinte. Na Sala de Recursos eles aprendem brincando, assim como informa a Pro sobre as atividades que faz na sala de recurso “através de jogos, questão de acessibilidade, questão audiovisual, músicas, figuras que chamam atenção sejam no computador, em livros, ou folha de ofício, coisas que vão estimular a questão dos órgãos do sentido”.

Com isso as professoras, buscam motiva-los e despertar o interesse, pois normalmente segunda as mesmas esses alunos sempre tiveram dificuldade na escola, todas as atividades desenvolvidas na Sala de Recursos sempre levaram em consideração suas histórias de vida e suas experiências.

O interessante que apesar das duas professoras, a anterior e atual, utilizarem o mesmo tipo de material, a mesma sala, etc, existe uma diferença gritante entre elas durante suas atuações. Talvez o que podemos chamar de “olhar diferenciado”, pois isso modifica completamente as intervenções. Enquanto uma vê abertura da sala de recursos como uma forma diminuir o preconceito, a outra encara como uma “bagunça” que pode dificultar a aprendizagem do aluno com necessidades especiais. Neste sentido Fino (2011) refere que temos que:

romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas, embora essa seja outra questão (Fino, 2011, p. 7).

Das principais contribuições da Sala de Recursos para a aprendizagem do aluno, a primeira consiste na contribuição da opinião de todas os entrevistados as Pro 1, Pro 2, ADM , ADM 2, Mães, Pai e Alunos, acreditam que melhorou o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, como podemos observar capítulo anterior nos discursos dos Pai 1, Mãe 3, Mãe 4ADM 2 e Aluno 4

A segunda Contribuição da Sala de Recursos consiste conforme os atores sociais entrevistados permitiu uma melhora na socialização das crianças e adolescentes que apresentam algum tipo de dificuldade como podemos comprovar no capítulo anterior nas falas da Mãe e do Aluno 3.

A professora permitia que esses alunos levassem colegas durante o intervalo para conhecer o funcionamento da Sala e suas atividades. Dessa forma, os alunos gostavam de ficar mais na Sala de Recurso do que na sala regular. O está em consonância com a afirmação e Arroyo (2000):

[...] os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando. (ARROYO, 2000, p 166)

Assim, uma mediação coerente em sala de aula fará com que o aluno obtenha êxito na construção do conhecimento com seu par mais apto e não mero receptor, pois o que se percebe é que os alunos considerados especiais apresentavam o desejo de apreender, eles traziam o tempo todo o discurso de rejeição pelo fato do professor colocá-los para desempenharem atividades alternativas e não aplicavam atividades iguais aos outros alunos, antes de frequentarem a Sala de recursos sentiam-se ociosos em sala de aula em sala regular.

A terceira contribuição é a parceria com diversos profissionais, dentro e fora da escola como afirma a professora, pois a parceria é extremamente importante para melhor desenvolvimento do aluno, principalmente com a sala regular. Nesse contexto Oliveira

(2004, p. 59) traz que um dos objetivos da Sala de Recursos é a “ampla articulação entre o professor da sala de recursos com o professor da sala de aula comum e com toda a comunidade escolar, para facilitação da integração do aluno com deficiência na classe comum”. Dessa forma, o aluno fica mais tempo na sala, contribuindo para que a professora saiba como lidar com esses alunos especiais e o que pode fazer para que esses alunos consigam melhorar sua aprendizagem, conforme podemos notar nos relatos dos pais, da educadora e dos alunos, assim como podemos observar durante os intervalos, quando os alunos com necessidades especiais assumia o papel de tutor a refletir e discutir sobre as atividades desenvolvidas na Sala de Recursos e seus objetivos.

A quarta contribuição conforme os discussões das entrevistadas Pro, ADM 1, ADM 2 e Alunos estimulam seus alunos para que esses sejam agentes ativos de suas aprendizagem, dessa forma contribuindo para esses alunos tenham autonomia.

Segundo as entrevistadas os alunos tem uma participação efetiva no planejamento e operacionalização, com o intuito de provocar uma maior autonomia e que seu crescimento seja livre. Assim como afirma a fala da Pro no capítulo anterior o aluno era estimulado a ser o construtor de seu próprio conhecimento, pois estimulava procurarem as respostas através das tentativas de erros e acertos, refletia também sobre as atividades realizadas. O que nos faz lembrar o conceito Papert, (1985) que acredita que o aprendiz deve compreender a sua própria “produção” para que consiga “identificar e corrigir” seus próprios erros, uma vez que permite que ocorra uma aprendizagem significativa, desse modo, o melhor aprendizado é aquele que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento.

Ainda nessa perspectiva, podemos notar na observação das práticas pedagógicas no capítulo III, durante as atividades desenvolvidas que estão descrita acima, na Observação do desenvolvimento da prática pedagógica na Sala de Recursos, a educadora se colocando na posição de mediadora no processo de construção do conhecimento, o que favorecia a interação, a comunicação e a autonomia dos alunos da Sala de recursos possibilitando um clima de cooperação e colaboração entre os alunos com necessidades especiais. Durante a observação das crianças e dos adolescentes, percebemos que a professora instigava o aluno a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar sobre a direção das atividades.

Diante do que foi exposto acima podemos concluir que é possível sim que dentro da própria instituição educacional, exista um espaço educativo diferenciado, como a Sala de Recursos, sobre a ação de uma Psicopedagoga, consegue mediar de forma significativa alunos com deficiência na construção do conhecimento.

4.2 A prática pedagógica analisada se apresenta como portadora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora

Para responder essa questão precisaremos analisar a prática pedagógica da Sala de Recursos, o projeto de intervenção e o próprio processo desenvolvido pela prática pedagógica da tutora, articulando com a aprendizagem do aluno e o suporte técnico existente. Assim escolhemos algumas atividades descritas no capítulo anterior, no item da observação do desenvolvimento da prática pedagógica para a concretização desta análise. Assim como afirma Lapassade (2005) que o fundamental da investigação etnográfica é a coleta de dados durante convivência com as pessoas do campo de pesquisa, podem prover de muitas fontes, sendo a principal a observação participante, sendo que esse instrumento permite que o pesquisador mergulhe no campo de pesquisa para compreender os fenômenos que acontecem.

Assim esta investigação permitiu-nos obter elementos que caracterizaram as práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos do Colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo. Como podemos observar nos registros a seguir.

As entrevistas concordam que os alunos tem uma participação efetiva no planejamento e operacionalização, com o intuito de provocar no aluno uma maior autonomia, dessa sempre solicita a opinião dos alunos sobre as atividades e como se sentem. Precisam conhecer bem o aluno para poder desenvolver um trabalho com eles. Como podemos confirmar através do relato da educadora “discuto sempre com os alunos quais as atividades podemos realizar que ajudem a melhorar o desempenho deles na sala regular, é interessante, eles sempre dão sugestões, o J mesmo quer ensinar a sala regular que ele frequenta língua de sinais”.

Indo de encontro com o que afirma Papert, (2008, p.19) a “melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando e a escola seja o local onde aprender coexista com uma cultura de responsabilidade pessoal”. Oportunizando que a criança

busque o conhecimento torna-se construtora de suas próprias estruturas intelectuais. As trocas que ocorrem entre professor e aluno influenciam decisivamente na forma como a criança aprendem. Contudo, é somente conhecendo o que as crianças sabem fazer com e sem a ajuda externa que é possível o educador organizar as atividades escolares e avaliar os progressos individuais.

Notou-se durante a observação participante que a Sala de Recursos oferecia um ambiente pedagógico saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, a Sala de Recursos trabalha regras de comportamento, valorizando as brincadeiras e atividades socioeducativas. A sala tem um espaço amplo, onde acontecem as práticas e os fatores de integração social, como a acolhida, as brincadeiras e atividades socioeducativas. Os comportamentos dos alunos e contribuir de forma mais efetiva em seu processo de aprendizagem. Durante a atividade podemos constatar que método de ensinar e de aprender é divertido e prazeroso, ocasionados pela afetividade existente entre professora e aluno, o que provoca o rompimento com as normas estabelecida nos processos aprendizagem tradicional, permitindo o surgimento de um novo paradigma e opõe à relação invariante entre o professor-aluno.

Conforme podemos comprovar através da figura 1 e 2 e o registro das atividades desenvolvidas, a professora durante o intervalo sempre abria a Sala de Recursos para que os alunos conhecessem e possibilitasse a diminuição do preconceito. Esses alunos que frequentavam a Sala de Recursos sempre levavam colegas da sala regular para conhecer as atividades que faziam e mostravam como elas ajudavam em suas dificuldades.

O que esta em consonância com Vygotsky (2007), que destacou que a comunidade escolar onde o estudante está inserido, tem um papel importante na construção do seu conhecimento e que a aprendizagem pode ser mediada com o auxílio ou acompanhamento de outra pessoa mais apta, essa pessoa, pode ser o professor ou um colega, pois a forma que o indivíduo vê o mundo influencia profundamente.

A inovação pedagógica consiste em uma quebra de paradigma na cultura escolar tradicional, dessa forma, para que esta ocorra, é indispensável uma mudança nas práticas dos educadores, que permitam “uma reflexão, de forma crítica e autocrítica”, sendo necessário que o professor compreenda que cada aluno é único em suas complexidades. Assim, Fino (1999), afirma que “os alunos têm ritmos individualizados de aprendizagem,

e os conhecimentos não são adquiridos por transmissão, mas algo que se constrói em interação com o mundo e com os outros”.

Notamos a existência de forte vínculo afetivo entre os adolescentes da Sala de Recursos, adolescentes da Sala regular e a professora são construídos de forma saudável, espontânea e respeitosa, e que exercem influência positiva, no processo de aprendizagem dos alunos, aspecto que, inibe o bullying entre esses adolescentes, exemplo que deveria ser seguido por outras salas de Recursos.

Como podemos observar na figura 3 no capítulo III, a Sala de Recursos apresentava um ambiente, que reforçava os conteúdos curriculares utilizados nas salas regulares e que oferecia um ambiente educativo saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, promove a construção do conhecimento e a interação social dos alunos, valorizando nas brincadeiras e atividades socioeducativas as expressões artísticas, a cultura, a criatividade. Essa prática pedagógica usa jogos que estimulam o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, sociointeracional e fortalecendo a convivência social. Essa atividade despertou nos adolescentes o bom humor, a alegria, o prazer realizando a atividade e fazer parte desse ambiente “nutritivo” de aprendizagem de forma livre.

Durante a observação das práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos, ficou claro para o investigador que a professora guiava os alunos nos processos de troca e negociação entre eles. Os alunos assumiram um papel de orientador e facilitador das aprendizagens do outro. Na sala existia uma dinâmica que envolvia a construção do conhecimento, e também contribuía para o fortalecimento das relações entre os alunos. Constatamos que a interação professor-aluno contribuiu de forma decisiva no processo de aprendizagem dos alunos com necessidades especiais. Como afirma Freire (1996, p. 96),

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade d movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96)

Durante a investigação podemos notar a importância da existência da afetividade, confiança, empatia e respeito entre a professora, alunos que permitiam o desenvolvimento de reflexões no processo de aprendizagem, além disso, buscava estimular a autonomia.

Diante do que foi exposto até o momento, concluímos que o espaço educativo apresentava uma proposta inovadora no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes com necessidades especiais.

4.3 Será que existe inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes que frequentam a sala de recursos do Colégio Municipal Jose Telésphoro Ferreira de Araújo?

Segundo Parpet (2008) deve ser permitido que o aluno de forma individual e/ou grupal, desenvolva projetos ligados à sua realidade de forma multidisciplinar. Um pensamento que converge com a perspectiva de Inovação Pedagógica do professor Carlos Nogueira Fino, precursor da linha desta pesquisa. E, pautado em tais autores desenvolvemos estudos de cunho etnográfico.

Durante a observação participante e as entrevistas percebemos a importância do lúdico, enquanto estratégia de intervenção, permitindo sair da ideia de escola tradicional, na qual os alunos são apenas sujeitos passivos. Observamos na Sala de Recursos que eles aprendem brincando, essas atividades realizadas na sala buscam motivar e despertar o interesse dos alunos em desenvolver habilidades e competências cognitivas com seus pares a partir da mediação do professor. Todas as atividades desenvolvidas levaram em consideração suas histórias de vida e suas experiências. No contexto de inovação pedagógica, é necessário que o professor facilite e proporcione um ambiente de aprendizagem significativa e prazerosa. Assim como podemos comprovar nas descrições realizadas no capítulo III.

Convergindo com a opinião de Papert (2008) ao entender a criança é um sujeito ativo na construção de seu conhecimento, e não apenas um mero executor de tarefas, por isso tem a capacidade de compreender o que faz. Nesse sentido, o Construcionismo tem como base teórica as ações práticas que apoia a autonomia do aprendiz em seu processo de aprendizagem.

Nesse sentido é importante ressaltar a participação efetiva do aluno no planejamento e na operacionalização das atividades desenvolvidas na Sala de Recursos, com o intuito de estimular o aluno para uma maior autonomia. Ainda neste contexto, durante as atividades desenvolvidas como, por exemplo: a construção de histórias usando

pinturas livres em telas, na qual os alunos foram estimulados a realizarem juntos sem a interferência da professora, tendo como única orientação que a história precisaria ter começo, meio e fim com apenas seis frases, o que permitiu aos alunos com necessidades especiais a oportunidade de produzir de forma autônoma, através de estímulos para a interação entre os pares possibilitando a construção do conhecimento a partir de suas próprias descobertas, dessa forma, a professora assume o papel secundário no processo de aprendizagem oferecendo “o mínimo de ensino”.

...Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY,1999, p.117-118)

Constatou-se indícios de Inovação nas práticas pedagógicas desenvolvidas no início da observação participante, em que existia uma dinâmica diferenciada na prática que fugia dos padrões metodológicos tradicionais, isso porque observamos além da autonomia dada aos alunos durante a realização das atividades na sala de recursos, proporcionou a abertura aos demais alunos da escola para que os alunos da sala de recursos, considerados limitados, socializar conhecimento e informar os objetivos e a funcionalidade dos recursos pedagógicos utilizados que potencializam suas habilidades no processo de aprendizagem. Neste sentido, Fino (2007) afirma que a:

[...] inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para emergências de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. [...] No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada. (FINO, 2007, p. 278).

Dessa forma, a inovação materializa-se em práticas educativas que proporcionam desenvolvimento do educando através de suas reais possibilidades. Assim, a inovação ocorre de experiências pedagógicas que permitem que o educando fique como sujeito ativo na construção de seu conhecimento, capaz de desenvolver suas potencialidades com o auxílio do educador e/ou par mais apto, e não como mero expectador desse processo. Em se tratando de par mais apto foi observado na sala de recursos, que houve a abertura para que a família também participasse desse processo de construção coletiva da aprendizagem, que proporcionou um crescimento intelectual e social dos alunos,

comungando com o que defende a inovação pedagógica que é essencial que educador reflita de forma crítica as práticas pedagógicas que permitam que o aluno seja ativo na construção próprio conhecimento e que esta requer parcerias no processo.

Com os esforços da professora em mudar muitas vezes sua rotina para se adequar aos horários dos pais, possibilitou que os mesmos ficassem mais próximos do trabalho que era realizado com os alunos com necessidade especial, o que diminuiu ou até quebrou as barreiras entre a escola, a família e a Sala de Recursos. Além disso, a experiência e o conhecimento eram partilhados entre os atores sociais, completando a ação e a reflexão. Percebemos assim mais um indicio de inovação pedagógica e consonância com o obra de Piaget (2007):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007,p.50)

Nesta perspectiva, observamos que o conhecimento prévio do aluno era valorizado, os conteúdos, os temas em discussão, que buscava contribuir com sua autonomia, fazendo com que esse fosse protagonista na construção do seu conhecimento. Existia também, uma preocupação da professora anterior em instigar o aluno a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar. Tal como acredita Papert (1985), que o professor pode estabelecer um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, para que os alunos construam seu próprio conhecimento. Assim, o professor precisa facilitar e permitir que a aprendizagem no ambiente escolar seja prazerosa e significativa, que na opinião Parpet (2008) o aluno possa desenvolver projetos ligados à realidade que o cercam e que sejam multidisciplinares. Uma prática inovadora notada na Sala de Recursos foi à existência de cooperação e interação entre os pares, da responsabilidade compartilhada e da autonomia, além disso, se adaptou de forma rápida um fato imprevisto que como a falta de sua colega e buscou outra forma de realizar as atividades que estava programada.

Após analisarmos a prática de aprendizagem descrita no capítulo anterior comprovamos que o ambiente da Sala de Recursos é inovador, permite que o aluno se aproprie do seu conhecimento, ao possibilitar que esse desenvolva sua autonomia e senso

de responsabilidade no trato com os jogos e com o ambiente, o que estimula o desenvolvimento das funções psicológicas associadas às capacidades de interação social, de atenção, concentração, percepção e memória.

Através da pesquisa realizada no colégio José Telésphoro Ferreira de Araújo do Município de Campo Formoso – Ba, compreendemos como exposto acima que a prática pedagógica que apresenta vários indícios de inovação pedagógica no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes que apresentam deficiência como podemos comprovar durante toda discussão realizada neste Capítulo. Essa compreensão ocorreu devido análise das práticas pedagógicas que eram operacionalizadas nessa sala, do ponto de vista do conceito de inovação pedagógica, além disso, definimos as contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora.

Capítulo 5 - Considerações Finais

Para iniciarmos as considerações finais dessa dissertação, é essencial retornarmos ao objetivo geral da pesquisa que norteou o nosso estudo temático na linha científica de inovação pedagógica, que foi assim construído: compreender se que existe inovação pedagógica no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes que frequentam a Sala de Recursos do colégio municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo.

Com base nas observações participantes que ocorreram em novembro de 2014, compreendemos que a Sala de Recursos permitia um processo de aprendizagem inovadora. Além disso, foi constatado que a família estava sempre presente e que em alguns momentos participava ativamente do processo de aprendizagem. Durante as atividades desenvolvidas constatamos que a educadora se colocando na posição de mediadora no processo de construção do conhecimento, o que favorecia a interação, a comunicação e a autonomia dos alunos da Sala de recursos possibilitando um clima de cooperação e colaboração entre os alunos com necessidades especiais. Durante a observação das crianças e dos adolescentes, percebemos que a professora instigava o aluno a solucionar problemas, discutir, refletir e dialogar sobre a direção das atividades.

A Sala de Recursos promovia um ambiente educativo saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, possibilitava a construção do conhecimento e a interação social dos alunos, valorizando as brincadeiras, as atividades socioeducativas, as expressões artísticas, a cultura, a criatividade e a autonomia desses. Essas atividades estimulam o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, sociointeracional e o fortalecendo a convivência social. Percebemos que as atividades realizadas despertavam nas crianças e adolescentes prazer no processo de aprendizagem.

Identificamos durante a observação a existência de parceria entre a família e a Sala de Recursos, o que permitia uma troca de experiência e conhecimento entre eles, principalmente, quando refletiam juntos as intervenções que poderiam contribuir para melhorar o desenvolvimento do aluno na sala regular. Alguns pais participavam das atividades desenvolvidas na própria Sala de Recursos, juntamente com seus filhos.

Conforme podemos perceber a professora sempre buscava integrar as vivências dos alunos nas atividades desenvolvidas, permitindo que o aluno opinasse sobre quais atividades poderiam ajudá-lo a melhorar no seu desenvolvimento acadêmico. A educadora criava uma situação de comunicação entre ela e os alunos com necessidades

especiais, essa relação que foi estabelecida entre eles assume um papel de suma importância no processo de aprendizagem. O clima social e afetividade na relação professor/aluno funcionam como um combustível importante do aprendizado na Sala de Recursos.

Assim durante a observação participante notamos nas práticas desenvolvidas pela Sala de Recursos, características de inovação pedagógica, pois o conhecimento era frequentemente construído quando os alunos interagem com a professora ou par mais apto, criavam juntos um contexto de interação, produziam os textos de forma coletiva e era partilhada pelos participantes, essa atividade eram discutidas, negociadas, pois buscavam através da cooperação a resolução dos problemas. Percebeu que o aprendiz eram ativos e tinha autonomia para escolher a direção das atividades, dessa forma, os alunos compreendiam as tarefas, indo além das orientações fornecidas pela professora responsável pela Sala de Recursos.

Realizar este trabalho foi gratificante e enriquecedor, não só pelo lado profissional mais também pela experiência pessoal. Nosso anseio é contar que esta investigação contribua para reflexão sobre o contexto de aprendizagem que estamos inseridos, para que possa fortalecer a política educacional inovadora nas Salas de Recursos do município de Campo Formoso sem a interferência de políticas partidárias, e prioritariamente que esses profissionais sejam respeitados pela sua competência, de forma que se considere os vínculos formados pelos alunos, pois são os maiores prejudicados, principalmente na harmonia de sua estrutura psicossocial, necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades e de uma boa aprendizagem.

Assim sugerimos que a gestão municipal busque meios ou alternativas para instituir uma equipe multiprofissional, composta por psicólogo e assistente social, o que poderá contribuir para um melhor atendimento na Sala de Recursos, pois existem casos que necessitam especificamente de profissionais que possam trabalhar os conflitos institucionais e a interação da comunidade e que se fortaleça cada vez mais os vínculos entre a escola, o aluno, a família os profissionais e conseqüentemente uma educação de qualidade inovadora .

Nesse contexto, sugerimos para a coordenação geral da educação especial, que no momento de escolher um profissional para coordenar e mediar os trabalhos numa Sala de Recursos, que considere prioritariamente sua formação acadêmica nessa área, de inclusão

e que se respeite os vínculos estabelecidos já existentes na Sala de Recursos, para que o desenvolvimento desse trabalho educativo não se permita interferências de olhares e ações contaminadas de política partidária.

Ainda neste contexto, sugerimos ao professor responsável pela Sala de Recursos, que escute os alunos com necessidades especiais, acredite que o trabalho coletivo contribui muito mais do que o trabalho individualizado, além disso, permita que o aluno seja ativo na construção do seu conhecimento.

Nessa perspectiva, esse estudo não tem um ponto final, porém poderá ser o início de uma nova investigação. Apesar de termos como grande desafio refletir, discutir, desconstruir e reconstruir os conceitos da educação que estamos reproduzindo, também possa impulsionar a quebra de vícios paradigmáticos na educação inclusiva.

Referências

ALMEIDA, M. L. *A contribuição da pesquisa-ação para os modos de conceber/fazer a formação e a prática do professor do Atendimento Educacional Especializado*. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. Prática Pedagógica na Educação Especial: multiplicidade do atendimento educacional especializado, 4., 2011, Nova Almeida. *Anais*. Nova Almeida, 2011.

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. *Psicologia Social*. Perspectivas Psicológicas e Sociológicas. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A.J. *Usos e abusos dos estudos de caso*. *Cad. Pesqui.* [online]. 2006, vol.36, n.129, pp.637-651. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742006000300007>.

AKASHI, L.T. e DAKUZAKU, R. Y. *Pessoas com deficiência: direitos e deveres*. In: FELICIDADE, Norma (org). *Caminhos da Cidadania: um percurso universitário em prol dos direitos humanos*. São Carlos: EDUFSCar, 2001.

AMIRALIAN, M. L. T. et al. *Conceituando Deficiência*. In: *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, vol. 34 n. 1, 2000. p. 97 – 103.

APPLE, M. W. 'Endireitar' a Educação: As Escolas e a Nova Aliança Conservadora. In *Currículo Sem Fronteiras*, v. 2, nº 1, 2002, p. 55-78.

_____. *Ideologia e Currículo*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ARROYO, M. G. *Ofício de Mestre: imagem e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARRETO, L. C. D.; GOULART, A. M. P. L. *Educação geral ou especial? Um foco na sala de recursos*. *Educação em Revista*, Marília v.9, n.2, p. 93-112, 2008. BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

BRASIL. *Lei 9394 de 23 de dezembro de 1996*. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. 1996.

_____. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nova LDB*. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1997.

_____. *Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Especial*. Brasília: Ministério da Educação. 1998.

_____. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC/CNE/ CEB, 2001a.

_____. MEC. *Decreto nº 6.571/2008*. Brasília, 2008.

_____. Resolução CNE/CEB 2/2001. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Diário Oficial da União*, 14/09/2011. Seção 1E, Brasília, 2001, p. 39-40.

_____. Parecer CNE 9/2001. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Diário Oficial da União*. 18/01/2002, seção 1, Brasília, 2002, p. 8.

_____. Resolução CNE/CP 1/2002. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Diário Oficial da União*. 9 de abril de 2002. Publicada por ter saído com incorreção do original no D.O.U. 4/3/2002, Seção 1, Brasília, 2002, p.8-31.

_____. Lei nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990. *Ministério do Emprego e do Trabalho, Legislação relativa ao trabalho de pessoas portadoras de deficiência (coletânea)*. Brasília: MTE, SIT/DSST, 1999 Disponível em: <http://www.interlegis.gov.br/cidadania/20020108135559>. Acesso em 30/07/2007.

_____. *Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado - deficiência mental*. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

_____. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

_____. *DECRETO 6.571*, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, Brasília, 2008.

_____. *Resolução CNE/CEB 04 de 02 de outubro de 2009*. Diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

_____. *DECRETO 7611*, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, Brasília, 2011.

BUENO, J. G. S. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da Educação Especial? In: BUENO, J. G. S.; MENDES, G. M. L.; SANTOS, R. A. (Orgs). *Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise*. Araraquara, SP: Junqueira; Marin, 2008 p. 43-63.

BRUNO, M. M. G. *Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: introdução*. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CIASCA, S. M. *Distúrbios de aprendizagem: propostas de avaliação interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COSTA, M., P. REALI, A., M. de, M.; RINALDI, R., P. Formação de professores e Educação Especial: Análise de um processo. In: COSTA, M., P. (Org.). *Educação Especial: aspectos conceituais e práticos*. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2009.

ERICKSON, F. Prefácio. In: ASSIS-PETERSON, A.A.; COX, M. I. P. (Orgs). *Cenas de sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 09-17.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, António (org.), *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

FARIAS, N. ; BUCHALLA, C. M. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial da Saúde: Conceitos, Usos e Perspectivas. In: Revista Brasileira de Epidemiologia. São Paulo vol. 8 n. 2, junho, 2005. p. 187 – 193

FINO, C. N. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 14, nº 2, p. 273-291, 2001.

_____. *FAQs, Etnografia e Observação Participante*. In SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação, 3. 2003, p. 95-105.

_____. *Convergência entre a Teoria de Vygotsky e o Construtivismo/Construcionismo*. Funchal: Universidade Madeira, p. 1-6, 2004.

_____. *Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)*. In Mendonça, A; Bento, A. V. (Org). *Educação em Tempo de Mudança*. Funchal: Grafimadeira, p. 277-287, 2007.

_____. *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*. In ESCALLIER, C.; VERÍSSIMO, N. (Org.) *Educação e Cultura*. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008, p 43-53.

_____. *Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento*, In Fino, C. N. *Etnografia da Educação*. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 2011, p 99-118.

FONSECA, V. *Educação Especial: Programa de Estimulação Precoce*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FONSECA, R. T. M. *O trabalho da pessoa com deficiência e a lapidação dos direitos humanos: o direito do trabalho, uma ação afirmativa*. São Paulo: LTR, 2006.

_____. *O trabalho protegido do portador de deficiência*. (ONLINE), disponível na internet via: http://www.ibap.org/ppd/artppd/artppd_ricardofonseca01.htm, acesso em 09/09/2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. A. O Pós-Modernismo e o Discurso da Crítica Educacional. In SILVA, T. T. (Org.) *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

- GIROUX, H. A.; SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 107-140
- GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- IBGE– “Questionário Censo 2010”. http://www.ibge.gov.br/censo/quest_amostra.pdf. Acesso em 10/08/2015.
- JANNUZZI, G. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.
- JONASSEN, D.H. Computadores, Ferramentas Cognitivas – Desenvolver o pensamento crítico na escola. Lisboa: Porto Editora, 2000.
- KASSAR, M.C.M. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 41, p. 61-79, jul./set. 2011.
- LANNA JÚNIOR, M. C. M. *História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.
- LAPASSADE, G. *Grupos, Organizações e Instituições*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- _____. *As microssociologias*. Brasília: Liber Livros; 2005.
- LUCKASSON, R. BORTHWICKI-DUFFY, S., BUNTINX, W. H. E., COULTER, D.L., GRAIG, E. M., SPREAT, S., TASSÉ, M. J. *Mental retardation: definition, classification, and systems of supports*. 10. ed. Washington, DC: American Association on Mental Retardation, 2002.
- MACEDO, R. S. Etnopesquisa crítica, etnopesquisa – formação. Brasília: Liber Livro, 2. ed., 2010.
- MAZZOTA, M. J. S. *Educação Especial no Brasil: histórias e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MANTOAN, M. T. E. Caminhos pedagógicos da educação inclusiva. In: GAIO, R.; MENEGHETTI, R. K. (orgs). *Caminhos pedagógicos da educação especial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004 p 79-94.
- MATISKEI, A. C. R. M. *Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas*. Curitiba: Editora UFPR, n. 23, p. 185-202, 2004.
- MAZZOTTI, A. J. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, julho 2001, p. 39-50.
- MENDES, E, G. *Deficiência Mental: a construção científica de um conceito e a realidade educacional*. 1995. 240 p. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995

- MENDES, E.G. *Reconstruindo a concepção de deficiência na formação de recursoshumanos em educação especial*. 2010.
Site:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=111&Itemid=86.
- MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. Sociologia e teoria crítica do Currículo: uma introdução. In A. F. MOREIRA; T. T. SILVA (Org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 07-37.
- MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (Orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, M. A inclusão do deficiente auditivo usuário de implante coclear: um olhar familiar a luz da legislação. *Construindo o Serviço Social*, n.16, 2006, p. 59- 87.
- MORGAN, G. *Imagens da Organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MOUSSATCHÉ, A.H. Diversidade e processo de integração. In: Mantoan, M.T.E. (et col.). *A integração de pessoas com deficiência; contribuições para uma reflexão sobre o tema* (p.10-12). São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997.
- OLIVEIRA, A. A. S. Educação inclusiva: concepções teóricas e relato de experiência. In: MARQUEZINE, M. C. et al. (Org.). *Inclusão*. Londrina, PR: EDUEL, 2003.
- OMOTE, S. A formação do professor de educação especial na perspectiva da inclusão. In: BARBOSA, R. L. L. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.153-169.
- ONU – Organização das Nações Unidas. “*Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948”.
[<http://www.unhcr.ch/udhr/lang/por.htm>]. Acesso em 31/3/2008
- OPS/OMS. *Declaração de Montreal sobre a deficiência intelectual*. Montreal, 2004
- PADILHA, A. M. L. Práticas pedagógicas na educação especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Campinas, SP: AutoresAssociados, 2001.
- PAPERT S. *Mindstorms - Children, Computers and Powerful Ideas*. New York: Basic Books, Inc, 1980.
- _____ Logo: computadores e Educação. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____ *A família em rede*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.
- _____ *A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática*. Ed. rev. Porto Alegre, Artes Médicas, 2008.
- PIAGET, J. *A Epistemologia Genética*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____ *Fazer e Compreender*. São Paulo: Melhoramentos e Universidade de São Paulo, 1978.

_____ Para onde vai à educação. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

SILVA, T. T. *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____ *Documentos de Identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, O. M. *Epopeia Ignorada – A História da Pessoa Deficiente no Mundo de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Cedas, 1987.

SOUSA, J. M. *Investigação em Educação: Novos Desafios*. In ESTRELA, A.; FERREIRA, J. (Orgs.). *Métodos e técnicas de investigação científica em educação*. Lisboa: AFIRSE Portuguesa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, 1997, p. 661-672.

_____ O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural. *PSI (Revista de Psicologia Social e Institucional)*, v.2 n. 1, 2000, 107-120.

_____ *A dimensão política do currículo. Sumário pormenorizado da lição síntese*. Universidade Madeira: Portugal, 2002.

_____. *A etnografia ao serviço do currículo*. In *Actas do VII Colóquio sobre Questões curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares) "Globalização e (des)igualdades: os desafios curriculares"*. Braga: Universidade do Minho, 2007.

_____ *O direito à educação: entre o discurso e a prática*. In RODRIGUES, L.; BRAZÃO, P. (Orgs.) *Políticas Educativas: Discursos e Práticas*. Funchal: CIE-Uma, 2009 p.103-118.

_____ *Criação de conhecimento em contexto de pós-modernidade*. In C. N. Fino & J. M. Sousa (Org.). *Pesquisar para mudar (a educação)* (pp. 65-85). Funchal: CIE-UMa. 2011.

SOUSA, J. M.; FINO, C. N. Inovação e incorporação de novos saberes: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica, in *Actas do VIII Congresso da SPCE, "Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes"*, 2007.

TOFFLER, A. *O Choque do Futuro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: artenova, 1973.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Apêndice I - Diário de Campo**Diário de Campo****Data:** 03-11-2014**Professores presentes:** Responsável pela Sala de Recursos
Observação n.º 01

A professora chegou à escola por volta de 07:15 da manhã, em seguida ligou o ar condicionado, o computador, alfabeto em EVA, figuras com linguagem de sinais, aparentemente imprimidos da internet, mais pintados pelos alunos, pois o primeiro aluno, seria um jovem e uma adolescente com deficiência aditiva. As 07:30 chegou o jovem J aluno que apresentava déficit auditivo. A professora o acolheu de forma alegre e carinhosa, qual a atividade que ele gostaria de fazer, pois estava sozinho e esse atendimento conforme combinado ele seria o instrutor da colega, que neste dia não compareceria, pois estava com problemas de saúde, falavam o tempo todo em linguagem de sinais. A professora informa que o jovem J gostava de ensinar o que está aprendendo para a colega, segundo a professora um ajuda o outro, assim usava um programa de computador "Ciranda da Cultura", a professora perguntou o que o aluno desejava fazer, considerado que o tinham planejado, não poderia ser realizado, depois de refletir perguntou se a pesquisadora sabia libras, após ser informado que essa não tinha conhecimento, ele perguntou para educadora se a pesquisadora poderia participar da atividade, essa concordou, contando que pesquisadora desejasse, após a pesquisadora aceitar, o jovem ligou o computador, como material pedagógico o programa "Ciranda da Cultura", e pediu que a mesma pegasse o alfabeto com imagem em EVA (material emborrachado) e figuras de mãos com os sinais de cada letra durante a atividade, o aluno se divertiu muito com os erros da pesquisadora, foi uma atividade muito divertida, existia uma relação de cumplicidade entre o aluno e a educadora, estava sempre informando o que achava da pesquisadora que era passado pela educadora oralmente.

No início da atividade J informou a professora "ela não sabe nada" (rindo)

Durante as atividades "ela esta quase aprendendo, mas é atrapalhada" (rindo)

A professora perguntou “o que pode fazer para ajuda-la, lembra que ela não sabe de nada”.

Ele sugeriu usar um caderno para anotar o que estávamos conversando, acreditava que assim a pesquisadora teria mais facilidade de compreender como sinais, assim foi realizado, no final da atividade ele elogiou o desempenho da pesquisadora, mas informou precisava treinar mais. Abraçou a professora e marcou outro encontro data do próximo encontro, conforme a educadora “discuto com o aluno quais as atividades podem contribuir para melhorar o desempenho deles na sala regular, é interessante pois ele sempre dão sugestões, o J mesmo quer ensinar a sala regular que ele frequenta língua de sinais”.

Notou-se que durante essa observação a Sala de Recursos oferece um ambiente pedagógico saudável, acolhedor, humano, ético e harmonioso, a Sala de Recursos trabalha regras de comportamento, valorizando as brincadeiras e atividades socioeducativas. A sala tem um espaço amplo, onde acontecem as práticas e os fatores de integração social, como a acolhida, as brincadeiras e atividades socioeducativas. Os comportamentos dos alunos e contribuir de forma mais efetiva em seu processo de aprendizagem. Durante a atividade podemos constatar que método de ensinar e de aprender é divertido e prazeroso, ocasionado pela afetividade existente entre professora e aluno, o que provoca o rompimento com as normas estabelecidas nos processos aprendizagem tradicionais, permitindo o surgimento de um novo paradigma e opõe à relação invariante entre o professor-aluno.

Uma prática inovadora notada na Sala de Recursos foi à existência de cooperação e interação entre os pares, da responsabilidade compartilhada e da autonomia, além disso, se adaptou de forma rápida um fato imprevisto que como a falta de sua colega e buscou outra forma de realizar as atividades que estava programada.

Analisamos a prática de aprendizagem descrita acima como inovadora no ambiente da Sala de Recursos, permite que o aluno se aproprie do seu conhecimento, ao possibilitar que esse desenvolva sua autonomia e senso de responsabilidade no trato com os jogos e com o ambiente, o que estimula o desenvolvimento das funções psicológicas associadas às capacidades de interação social, de atenção, concentração, percepção e memória. Respeito ao espaço de cada um, escuta e devolutiva do saber do aluno,

integração aluno-professor-observadora; estratégia pedagógica participativa e aprendizagem coletiva.

Data: 03-11-2014

Contexto: Horário do Intervalo

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos, Alunos da Sala Regular e Alunos com necessidades especiais

Observação n.º 02

Conforme podemos comprovar através dos registros fotográficos abaixo, a professora durante o intervalo sempre abria a Sala de Recursos para que os alunos conhecessem e possibilitasse a diminuição do preconceito. Esses alunos que frequentavam a Sala de Recursos sempre levavam colegas da sala regular para conhecer as atividades que faziam e mostravam como elas ajudavam em suas dificuldades. Segundo a professora depois que começou a abrir a Sala de Recursos durante o intervalo, os alunos que frequentavam essa sala levavam colegas para conhecer a mesma, e explicavam para os colegas como eram realizados os trabalhos. Era permitida a entrada de 10 alunos que podiam brincar com alguns jogos que estavam à disposição e que tiravam suas dúvidas com os colegas sobre esses atendimentos especiais. Segundo a professora percebeu que os alunos da sala regular começaram a respeitar mais a clientela que frequentam a Sala de Recursos. O que permitia assim, uma maior integração social de respeito aos adolescentes que apresentavam algum tipo de deficiência.

Data: 05-11-2014

Contexto: Atividades lógico matemática realizada no período matutino

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

Observação n.º 03

A professora acolheu três alunos do 6º ano, com carinho e os meninos a cumprimentaram com abraços afetuosos, esses tinham a suspeita diagnóstica de transtorno de aprendizagem, mesmo não tendo ainda um diagnóstico, já estava sendo

acompanhada Sala de Recursos. Os alunos ficaram sentados em círculos um de frente para o outro, sobre uma esteira de palha de Ouricuri, com o intuito de ajudar um ao outro nas atividades desenvolvidas, fator este relevante para facilitar a interação do grupo durante a atividade, esses foram incentivados pela professora a realizarem as atividades num espaço livre. Como podemos observar na atividade que utilizaram figuras e números confeccionados pela professora em papel cartão, para realizar as operações matemática de adição, subtração, multiplicação e divisão. Durante as atividades utilizaram o papel metro, tintas de diversas cores e pintavam a palma da mão e carimbavam no papel, corresponde à quantidade do número encontrado nos resultados das operações. Durante a atividade discutiam, usavam os dedos tentar chegar ao resultado, observou que os alunos tiveram maior dificuldade na multiplicação e na divisão.

Data: 10-11-2014

Contexto: Construção de texto através figuras e letras escolhidas pelos alunos

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

Observação n.º 04

Na presente observação a professora acolheu dois alunos com dificuldade de aprendizagem, entregou folhas com diversas figuras e estes escolheram-nas de frutas e letras para recortar e colar, orientando que esses deveriam construir um texto juntos, solicitou que informassem nesse texto gostam e não gostam de comer. Os alunos resolveram fazer um texto chamado “reuniões das frutas”. Durante todo o tempo da atividade a professora ficava apenas observando e quando questionada, retornava a questão aos alunos, para que esses expressassem sua opinião. Durante a atividade os alunos conversavam como deveriam fazer aquele texto, depois de decidiram, emendaram duas folhas de ofício, utilizar as letras para fazer o título, pois se fizessem a história com as letras escolhidas não tinham como colocar todas as figuras como desejavam. Perguntaram para a professora se poderiam fazer assim, ela disse que eles poderiam sim, pois a história eram deles. É importante destacar que predomina aqui a aprendizagem e não simplesmente o ensino, como na abordagem tradicional.

Data: 17-11-2014

Contexto: A produção textos utilizando desenhos livres

Professores presentes: Responsável pela Sala de Recursos

Observação n.º 05

Na atividade do período vespertino a proposta era de construção livre com pinturas em telas e produção textual e a orientação prévia dada pela professora, foi que cada um pintasse uma tela e posteriormente iriam construir um texto de forma coletiva, composto por no mínimo seis frases que contassem uma história com início, meio e fim, com referência às pinturas criadas nas telas, depois seria transcrita a história no caderno individual. Os alunos passaram analisar as telas e discutir a direção da história, depois chegaram ao consenso de que seria com personagens que não sabiam ler, queria aprender e não tinha ninguém para “ensinar”, até que em certo momento chegou uma professora “muito boa” que os ajudou e todos a aprenderem. A menina mais velha liderava o grupo na produção dessa atividade. Nessa atividade a professora deu total autonomia para os alunos escolherem o estilo da pintura, logo após a criação artística refletirem e discutir a temática textual, para a construção da história. De certa forma, as telas pintadas e a produção construída na coletividade refletem o sentimento vivenciado no cotidiano educacional. Notamos que durante o desenvolvimento dessa atividade os alunos tinham autonomia e criatividade para discutirem um problema do cotidiano da educação brasileira nordestina.

Data: 24/11/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

6ª observação

Neste dia os alunos da sala de recursos não compareceram, devido a semana de provas e a professora precisava ser leitora de dois alunos no período da manhã, dessa forma retornei a tarde e fiz uma entrevista com a professora, que apresentava uma angústia muito forte, devido a possibilidade da troca de governo e que provavelmente sairia da Sala de Recurso, pois era considerado um cargo político, assim como ocorreria

com a direção e coordenação também, todos estavam ansiosos devido a mudanças que estavam próximas de acontecer.

Data: 16/03/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

7ª observação

A direção da escola informa que foram modificados alguns profissionais devido a nova gestão que assumiu o Município de Campo Formoso, que outra profissional estava iniciando o trabalho na Sala de Recurso M., professora graduada em educação física com especialização em Educação Inclusiva e já trabalhava no Centro de Educação Especial Tatiane de Moraes a mais de 4 anos. Entrei em contato com a professora, pois a mesma não estava na Sala de Recurso, e fui informada que estavam entrando em contato com os familiares e as crianças e adolescente que frequentavam a sala de recurso. Que retornasse a instituição no dia 23 de março, pois nessa semana estariam se iniciando os trabalhos com os alunos.

Data: 23/03/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

8ª observação

Retornei a Instituição no período matutino como combinado com a professora as 08:00 e a professora estava sozinha na sala, pois estava conversando com as famílias separadamente, assim que uma mãe chegou, solicitou que a pesquisadora saísse da sala, pois precisava conversar com a mãe. Ficou aproximadamente 1 hora conversando com a mãe do aluno, após a chegada da coordenadora da educação especial do município, chamou a pesquisadora e explicou que estava iniciando um trabalho, pois não conhecia nenhum dos alunos e precisava colher dados de cada aluno, para iniciar seu trabalho da melhor forma possível, que faria os atendimentos de forma individual, assim seria mais fácil trabalhar com os alunos, pois cada um tinha sua limitação diferenciada, e não tinha como trabalhar com eles de outra forma, todos tinha um horário marcado. Perguntou sobre

a pesquisa que seria efetivada na instituição, quando a pesquisadora informou, a professora sugeriu educadamente que procurasse outra sala, pois não trabalhava com grupos na sala de recurso no momento, só individualmente, para avaliar os meninos e depois estaria juntando eles conforme cada deficiência. A pesquisadora informou que já tinha começado a observação em novembro de 2014. A coordenadora informou que o Município tinha 17 salas de Recursos e um teria uma reunião com todas as responsáveis por essas salas no dia 27, que a pesquisadora poderia participar para vê a possibilidade de escolher outra sala. E informou que a sala era dividida por duas professora M1 e M2, porém M2 tinha acabado de perder o filho, estava muito abalada, assim estava de licença.

Data: 27/03/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

9ª observação

As 09:00 do dia 27 foi a reunião na Secretaria de Educação do Município de Campo Formoso, estavam as Coordenadoras da Educação Especial V. e L. e as professoras responsável pelas salas de recurso da sede e dos povoados do Município, a única professora que continuou após a mudança da gestão, sendo assim, seria a sala de recurso mais adequada para a pesquisa, pois todas da sede estavam iniciando o trabalho e todos de forma individual. Apenas no interior do Município estava acontecendo a sala de recurso com trabalhos em grupos, o que gerou uma discussão sobre a forma de atendimento.

Solicitou que a pesquisadora relatasse sobre a pesquisa e com era realizado o trabalho na Sala de Recursos, o que levou uma discussão sobre os problemas enfrentados pelas novas responsáveis da Sala de Recursos, principalmente a resistência dos alunos e dos colegas da sala regular, o que está dificultado o trabalho, prejudicando principalmente os alunos, foi sugerido que a pesquisadora mudasse o *locus* da pesquisa, pois existia uma sala que continuava realizando o trabalho, foi a única professora que ficou e estava dando continuidade. Todas as outras foram substituídas devido a mudança na gestão municipal.

Data: 27/04/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

10ª observação

A professora M1 responsável pela Sala de Recurso atualmente tem 06 alunos que estão frequentando a Sala de Recursos, os outros alunos que antes frequentavam a sala de recurso não estão mais frequentando, dois mudaram para outro colégio, três não foram encontrados e cinco foram transferidos para Salas de Recursos próximas as comunidades que residem devido a dificuldade de transporte.

A professora precisou conhecer os alunos, pois nenhum deles tinha passado por ela, então ocorreu os primeiros atendimentos que foram individuais, no qual usou vários jogos como quebra cabeça, alfabeto, numerais para averiguar como esta o desenvolvimento intelectual desses alunos, ou até onde foi trabalhado com eles, percebe-se que as crianças e os adolescentes ficaram retraídos e apresentaram dificuldade em interagir, perguntaram sobre a antiga professora, questionaram o motivo da troca, e eles mesmos deram a resposta “política né?”, “a troca de prefeito”, “com a outra professora tinha mais alunos”, a professora M1 explicou que precisava “conhecer cada um para depois começar a trabalhar em grupo ou individual depende de cada problema, para pode ajudá-los da melhor maneira possível”.

Assim cada aluno ficou 50 minutos na sala de aula e foi marcado para retornar na quinta feira que esse primeiro momento seria individual. Ocorreram durante o dia 6 atendimentos 2 no período matutino e 4 no período vespertino. Nesse primeiro momento fiquei observando, fui apresentada, desses 4 já tinham sido atendidos por mim enquanto psicólogo no ambulatório drº Paulo Sudré e ficaram muito surpresos e alegres por eu ter continuado a pesquisa na Sala de Recursos, estavam mais descontraídos.

Data: 04/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

11ª observação

Os alunos não compareceram a sala de recursos, segundo a professora isso é normal, pois estavam na semana de provas, solicitaram que a professora ajuda-los a estudar para as provas e está colocou qual era o papel da sala de recurso, que era para servir de “banca”, nome usado no município para aula de reforço, que ele poderiam estudar em casa com a ajuda dos pais e irmãos mais velhos, e/ou colegas que poderiam aproveitar muito mais, pois a professora não poderia dar uma aula de reforço na Sala de Recurso. Dessa forma, a professora acredita que este tenha sido o motivo de não aparecer nenhum aluno na sala de recurso esta semana. Isso fez a professora se questionar se tomou a atitude certa, se deveria ter agido diferente, começou a questionar os seus atendimentos. Aproveitei esse momento para iniciar minha entrevista, sempre entrava alguém para interromper, a direção solicitou a professora ajudasse a confeccionar os convites para os dias das mães que ocorreria no sábado dia 09/05/2015 a partir das 16:00 horas. No período da tarde, quando retornarmos a entrevista por volta das 14:00 horas chegou uma aluna com deficiência visual, pois precisava fazer a prova e esta prova seria feita na sala de recurso pois o professor não passou a prova para professora que a atendia na sala de recursos próxima a sua casa para ser transcrita para o braile, essa aluna estava tranquila mais chateada com as chacotas dos colegas que afirmam que tinha notas boas porque a professora respondia suas provas, “como se não fosse capaz de responder as minhas provas, acham que porque não tenha visão sou burra” (Ma), assim a professora da sala de recursos pediu para interromper a entrevista para pode ouvir a aluna, que falou como era ruim sair da sala regular para fazer a prova, queria fazer a prova com os colegas se a professora tivesse dado uma prova em braile, ela poderia fazer na própria sala de aula e depois a professora dela poderia corrigir sua prova, “evitaria essas gracinhas, “pois sei ler e escrever” (Ma). Após a chegada da professora responsável pela sala de recursos que a adolescente frequentava ela começou a reclamar da mesma forma e essa disse que falaria novamente com a professora para passar a prova com antecedência para que passasse em braile e assim da próxima vez ela poderia fazer na sala de aula, “sempre foi assim, nunca passam antes” falou Ma Chateada.

A professora foi lendo a prova e Ma respondendo e a professora inscrevendo as respostas que a adolescente verbalizava, a professora sempre que lia a pergunta e a resposta fornecida pela aluna, na qual essa confirmava ou pedi para modificar pois o português não estava “legal”, “é prova de português, tem estar bem inscrita” (riu), “apesar

de acharem que sou burra”. Depois de terminar a prova retornou a sala em busca da professora para entregar a prova, a psicopedagoga perguntou se precisava de ajuda para retornar a sala, essa disse que não, pois sabia onde ficava sua sala e agradeceu.

Depois de sua saída a professora falou sobre a dificuldade dos colegas (professores) em enviarem as provas para que pudesse passar para braile, pois afirmavam que não tinham tempo e toda vez que orientava sobre as dificuldades dos alunos percebia uma certa resistência desses. As duas professoras traziam o mesmo problema apesar de serem de salas recursos de escolas diferentes, afirmam que é muito difícil serem aceitas com profissional qualificadas com essas mudanças constantes de política, toda vez que iniciam o trabalho são transferida e deixam o trabalho em andamento, que as deixa muito angustiada. Pois além da resistência natural pela mudança ainda tem a resistência devido o partidarismo político.

Data: 07/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

12ª observação

A professora M1 estava na escola desde 07:30 e ficou até 16:40 saiu para almoçar e retornou a sala, no entanto nenhum aluno compareceu para seus atendimentos nesse dia, ela acreditava que foi realmente devido a semana de provas que estava sendo efetivada pela escola, assim aproveitei e dei continuidade a entrevistas, após fazer a entrevista e conversamos sobre as dificuldades de se trabalhar na sala de recursos, que quando trabalhava no Centro Educacional Tatiane de Moraes, tinham muita dificuldade principalmente com a falta de diagnostico, mais existia um companheirismo maior no Centro, pois profissionais que lá estavam eram comprometidos e empenhados com os alunos que frequentavam, percebeu que na escola se o professor da sala de recurso não tomar muito cuidado e tiver o tempo todo presente tende a se distanciar dos colegas devidos os horários diferentes de atendimentos. Apesar das dificuldades enfrentadas percebia que era mais fácil trabalhar no Centro de Educacional. “Eu gosto de estar presente, se tem um evento participo, se tem uma reunião eu vou, pois acho esses

momentos os ideais para discutir com os professores da sala regular sobre as possibilidades de trabalhar com esses alunos, pois é muita correria e não temos muitos momentos para discutir os casos” (Professora).

Data: 11/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

13ª observação

A professora me informou que foi convidada para ser coordenadora do setor de educação física, que estaria deixando a sala de recurso do Colégio Jose Telesphoro, que a sala seria transferida para o Colégio José Barreto Filho, a professora M 2 retornou após a licença, devido à perda do filho. As duas professoras chamaram os pais e compareceram três pais, as professoras explicaram sobre o fechamento da sala de recursos, dois ficaram alegres, pois ficariam mais perto da casa deles, uma mãe disse que ficaria mais longe de sua casa e tem uma sala de recursos próxima, assim solicitou que as professoras transferissem o menino para lá.

Data: 11/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

14ª observação

Fui a sala de recursos para qual a maioria dos alunos foram transferidos, na colégio Jose Barreto Filho, a Sala de Recurso dividia espaço com a sala de professores, um espaço pequeno, a professora tinha iniciado o trabalho de buscar esses alunos junto com a professora M1, assim acredita que os alunos vão estranhar mais a mudança de local do que a mudança de professora. A professora tem formação em pedagogia e trabalhou por cinco anos no Centro Tatiana de educação especial, a coordenação atual afirma que é psicopedagoga e trabalha a alguns anos na sala de recursos e qualquer coisa pode ajudar a colega.

A professora já tinha reservado e planejado os horários de atendimento, informa que na próxima semana acredita que a sala de recurso estará funcionando normalmente, perguntei para a professora o que ela achou do fechamento da sala de Recursos do Colégio José Telésphoro, acredita que foi bom, pois não tinha como manter uma sala só dois alunos, seria importante ter uma sala psicopedagógica no município.

Pergunte a professora qual a diferença entre a Sala de Recursos e a Sala psicopedagógica que ficaria no lugar da sala de recursos na escola Jose Telésphoro. Na opinião da professora a diferença agora terá um espaço para as psicopedagogas fazerem a avaliação, questionei se isso já não ocorreria na secretaria de educação, disse que sim, mais o espaço era pequeno, por esse motivo resolveram mudar, e transferir os alunos para as outras salas, considerando que eram só oito alunos.

- Qual a diferença da sala de recurso e da sala de psicopedagogia?

- A diferença vai ser essa, elas vão atender alunos com a deficiência na aprendizagem em si, alunos que não conseguem alcançar a meta de aprendizagem na sala de aula, são alunos que ou por desinteresse, ou por problemas familiares, ou por não ter essa capacidade de alcançar essas metas ditas na sala de aula, acabam estacionando em determinado momento. Então a sala de psicopedagogia vai tá fazendo esse levantamento e trabalhando em cima do aluno, qual a sua deficiência, é português, é matemática, é história, então vão está trabalhando em cima dessa deficiência com o aluno. Para que ele venha alcançar as metas que são dadas pelo professor na sala de aula, porque eles precisam alcançar na sala de aula pra avançar pra outras séries.

- E a sala de recurso, qual seria o objetivo?

- A sala de recurso já trabalha a deficiência em si, a intelectual, a visual, a auditiva, ela trabalha a paralização cerebral, ela já trabalha em cima desse processo do aluno pra que venha alcançar também as metas de aprendizagem, não só do meio estudantil, mas pra convivência dele, pra vida dele, pro diário dele, pra vida diária dele. Então, a sala de recurso vem trabalhar em cima disso.

- Hoje, no Telésphoro, que era sala de recurso e hoje será sala psicopedagógica, a intenção dela é fazer um diagnóstico?

- É fazer um diagnóstico. Ela faz o diagnóstico, vai encaminhar a criança, se for pra ser uma sala de recurso ela vai para sala de recurso, se for para atendimento psicopedagógico vai ser atendido lá mesmo, se for para um psicólogo vai está sendo encaminhado para psicologia, se for problemas familiares já vão ser trabalhados com a família, esses problemas que a criança tem. Então, vai ser uma sala que vai tá trabalhando em si todas essas dificuldades que o aluno ta sofrendo.

Data: 18/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

15ª observação

Durante todo o período da manhã só compareceu um aluno para atendimento, no qual a professora quis ouvi-lo como estava se sentido com as mudanças, o aluno disse que só estava indo, por que o pai mandou, pois estava cansado de tanta mudança, a professora falou a respeito das mudanças, mais o aluno estava muito silencioso, “está chato” (aluno), ele disse que a vida dele sempre foi assim, queria ser igual ao irmão, trabalhar e poder comprar suas coisas, não queria mais ir para escola, a professora falou da importância da escola para vida profissional, o adolescente não deu muita atenção, pois começou a mexer nos quebra-cabeça e a professora perguntou se ele queria pegar algum para montar, ele pegou e ficou montando sozinho. A professora não teve mais nenhum aluno e a coordenadora pediu para ela ajudá-la a elaborar algumas atividades.

No período da tarde compareceu apenas A. que tinha dificuldade na visão, disse que pra ele foi melhor a mudança, pois agora estava perto de casa e já conhecia a professora, agora tinha mais tempo para descansar e não precisava mais para o trabalho dá mãe, agora poderia ir sozinho para sala de recurso, a professora uso as letras de vários tamanhos para o aluno montar textos e figuras, ele interagiu o tempo todo com a professora e perguntou porque agora ficava sozinho, e por que o colega não vinha mais no mesmo horário que ele, a professora explicou que precisava conhecê-lo melhor, mais que poderiam vê a possibilidade de trazer o colega que antes ficava com ele.

Depois que o a criança saiu a professora relatou a dificuldade dos alunos comparecerem a sala de recurso, que as mudanças prejudicaram muito os alunos, pois a

maioria não queriam comparecer, tinha conseguido trazer 06 de volta e agora só estava com 02.

Data: 25/05/2015

Investigadora: Solange do Nascimento Silva

Local Colégio: Colégio Municipal José Telésphoro Ferreira de Araújo

16ª observação

A professora M2 informou que a sala de recurso do Colégio retornara a funcionar, mais o problema agora que não tinha professor para a sala que os alunos iriam continuar com ela, pelo menos, o que ela conseguisse resgatar.

No período da manhã não compareceu nenhum aluno, a professora aproveitou para ajudar nas atividades da festa junina que aconteceria na escola no início do próximo mês. No período da tarde, A. apresenta dificuldade visual compareceu a sala de relatou as dificuldades que está tendo na escola. Por não conseguir enxergar direito, mais que alguns colegas os ajuda, que as tirou boas notas, que os professores colocavam letras grandes para ele, o que fez melhorar, além disso, quando tinha dificuldade de ler algo, o professor lia a questão para sala toda, os colegas até ficavam feliz, pois acabava ajudando todo mundo, ele iniciou montando o quebra-cabeça, depois a professora, pediu para ele escrever uma história que tivesse uma relação com o quebra-cabeça que ele montou. A professora percebeu que o aluno melhorou sua criatividade, raciocínio e lógica, conseguiu criar uma história com os desenhos do quebra-cabeça com começo, meio e fim. Não compareceram os alunos que foram marcados no resto da tarde.

Apêndice II - Índice do Conteúdo do CD-ROM

Dissertação de Mestrado (versão eletrônica em formato PDF)

Pasta 1 - Instrumentos de trabalho construídos e utilizados pelo investigador

- ✓ Apêndice A- fotos ilustrativas
- ✓ Apêndice B- registros de observação (notas de campo)
- ✓ Apêndice C - carta dirigida à secretaria de educação
- ✓ Apêndice D- entrevistas realizadas com professoras pro
- ✓ Apêndice E- entrevistas realizadas com a coordenadora e a direção (ADM1 e ADM2)
- ✓ Apêndice F- entrevista com pais e alunos realizados em junho de 2015